

Universidade Federal de São Carlos
Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Educação

**CORRIGIR E AJUSTAR: AS PROPOSTAS PARA A EDUCAÇÃO NOS
ARQUIVOS BRASILEIROS DE HIGIENE MENTAL (1925-1947)**

Mariana Carraro

São Carlos – SP
2022

MARIANA CARRARO

**Corrigir e ajustar: as propostas para a educação nos Arquivos Brasileiros de
Higiene Mental (1925-1947)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Cristina Piumbato Innocentini Hayashi

São Carlos – SP
2022

Ficha catalográfica provisória

M333c Carraro, Mariana

Corrigir e ajustar: as propostas para a educação nos Arquivos Brasileiros de Higiene Mental (1925-1947) / Mariana Carraro. 2022.

125p.

Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos, 2022.

Orientadora: Maria Cristina Piumbato Innocentini Hayashi.

1. Higiene mental e educação. 2. Liga Brasileira de Higiene Mental 3. Arquivos Brasileiros de Higiene Mental. 4. Análise da-produção científica. I. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Educação

Folha de Aprovação

Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Mariana Carraro, realizada em 31/08/2022.

Comissão Julgadora:

Profa. Dra. Maria Cristina Piumbato Innocentini Hayashi (UFSCar)

Profa. Dra. Márcia Regina da Silva (USP)

Profa. Dra. Claudia Maria Simões Martinez (UFSCar)

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora, Maria Cristina, por me guiar ao longo do desenvolvimento deste trabalho, bem como às professoras Márcia e Cláudia, que se dispuseram a participar da minha qualificação e defesa e a contribuir para o enriquecimento dessa dissertação.

O apoio e carinho da minha família – Jane, Gelson e Pedro – e dos meus amigos, especialmente de Gabriel e Carolina, também foram essenciais para minha trajetória como mestranda durante esses anos de pandemia.

RESUMO

O movimento da higiene mental foi caracterizado pela prevenção das doenças mentais por meio da correção e tratamento dos “desajustamentos” psíquicos e sociais humanos. No Brasil, teve como protagonista a Liga Brasileira de Higiene Mental (LBHM), fundada em 1923 no Rio de Janeiro. Em sua revista Arquivos Brasileiros de Higiene Mental (ABHM), a Liga desenvolveu suas ideias e planos de ação referentes aos principais problemas sociais do período, buscando construir um novo Brasil. Esse trabalho segue a perspectiva do materialismo histórico dialético, e adota como procedimentos metodológicos as pesquisas bibliográfica e documental e as análises bibliométrica e de conteúdo. Assim, pode-se traçar um amplo panorama da LBHM e dos ABHM, especialmente no que se refere aos artigos que abordam a temática da educação, que compõem parte significativa do corpus documental estudado. O objetivo da pesquisa foi analisar as concepções de educação expressas nos ABHM, entre os anos de 1925 e 1947, e seu papel no projeto de nação arquitetado pela instituição. Foram estabelecidos indicadores de conteúdo dos artigos referentes à escola e à educação publicados no ABHM de acordo com os principais assuntos abordados por eles: Psicologia, Educação Especial, Educação e Escola, Eufrenia e Higiene Mental e Psiquiatria e Psicanálise. Investigando como a visão médico-pedagógica divulgada nos ABHM se impôs aos principais agentes do processo educativo - a escola, os professores e a família-, confirmou-se a hipótese inicial: de que a disseminação dos valores da higiene mental defendidos pela Liga Brasileira de Higiene Mental deveria começar desde a infância na família e na escola, de forma a “moldar” esses indivíduos para seu ajustamento social de acordo com o conceito de “normalidade” elaborado pela instituição. Segundo os ABHM, cada indivíduo deveria ocupar um lugar específico na sociedade, e esse lugar era estabelecido de acordo com suas “capacidades”, tidas como majoritariamente biológicas para grande parte dos autores que escreveram no periódico, munidos de um discurso científico que se pretendia neutro e apolítico.

Palavras-chave: Arquivos Brasileiros de Higiene Mental, Liga Brasileira de Higiene Mental, higiene mental, educação higienista.

ABSTRACT

The mental hygiene movement was characterized by the prevention of mental diseases by means of correction and treatment of human psychic and social “maladjustments”. In Brazil, it had the Brazilian League of Mental Hygiene (LBHM) as the protagonist, founded in 1923 in Rio de Janeiro. In its magazine Brazilian Archives of Mental Hygiene (ABHM), the League developed its ideas and plans of action regarding the main social problems of the period, seeking to build a new Brazil. This work follows the perspective of dialectical historical materialism, and adopts bibliographic and documental research and bibliometric and content analysis as methodological procedures. Thus, a broad panorama of the LBHM and the ABHM was drawn, especially regarding the articles that address the theme of education, which make up a significant part of the documentary corpus studied. The objective of the research was to analyze the conceptions of education expressed in the ABHM, between the years of 1925 and 1947, and its role in the project of nation designed by the institution. Content indicators were established for articles referring to school and education published in the ABHM, according to the main subjects addressed by them: Psychology, Special Education, Education and School, Euphrenia and Mental Hygiene and Psychiatry and Psychoanalysis. Investigating how the medical-pedagogical vision disseminated in the ABHM was imposed on the main agents of the educational process - the school, the teachers and the family -, the initial hypothesis was confirmed: that the dissemination of the values of mental hygiene defended by the Brazilian League of Mental Hygiene should start from childhood in the family and at school, in order to “shape” these individuals for their social adjustment according to the concept of “normality” developed by the institution. According to the ABHM, each individual should occupy a specific place in society, and this place was established according to their “capacities”, considered to be mostly biological for most of the authors who wrote in the magazine, equipped with a scientific discourse that intended to be neutral and apolitical.

Keywords: Brazilian League of Mental Hygiene, Brazilian Archives of Mental Hygiene, mental hygiene, hygienist education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Primeiros presidentes da LBHM	44
Figura 2 – Sumário dos ABHM (1929, 1940)	50
Figura 3 – Distribuição dos textos dos ABHM por seção e gênero dos autores	52
Figura 4 – Participantes do I Congresso Internacional de Higiene Mental, 1930	54
Figura 5 - Patronesses da Clínica de Eufrenia da LBHM	61
Figura 6 - Frases dos folhetos de propaganda da LBHM	74
Figura 7 - Propagandas nos ABHM	76
Figura 8 - Preceitos práticos sobre pontualidade publicados nos ABHM	80
Figura 9 - Distribuição temática dos textos dos ABHM em relação à educação	81
Figura 10 – Distribuição anual dos textos dos ABHM com temática aderente à educação	82
Figura 11 - Distribuição dos textos por seções dos ABHM	82
Figura 12 - Distribuição dos textos dos ABHM por tipo de autoria e gênero dos autores	83

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Estrutura Organizacional da LBHM	45
Quadro 2 – Seções de Estudos da LBHM	47
Quadro 3 – Mulheres que pertenceram à LBHM e/ou publicaram artigos nos ABHM	58

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Seções dos ABHM	50
Tabela 2 - Distribuição dos autores e artigos da Seção “Trabalhos Originais” dos ABHM	56
Tabela 3 - Periódicos das resenhas dos ABHM por países de publicação	65
Tabela 4 - Homenagens póstumas nos ABHM	67
Tabela 5 - Seções <i>ad hoc</i> dos ABHM (1931, 1933-1935)	75
Tabela 6 - Distribuição dos autores e textos dos ABHM sobre educação por gênero	84
Tabela 7 - Categorias temáticas relacionadas à educação	85

LISTA DE SIGLAS E ABREVIações

ABE	Associação Brasileira de Educação
ABHM	Arquivos Brasileiros de Higiene Mental
ALN	Aliança Libertadora Nacional
ANM	Academia Nacional de Medicina
EUA	Estados Unidos da América
GEPHE	Grupo de Estudos e Pesquisas sobre o Higienismo e Eugenia
LBHM	Liga Brasileira de Higiene Mental
LFSM	Liga Francesa de Saúde Mental
MESP	Ministério da Educação e Saúde Pública
PCB	Partido Comunista Brasileiro
SENAC	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SESI	Serviço Social da Indústria
SOHM	Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental
UEM	Universidade Estadual de Maringá

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 FUNDAMENTOS SOCIO-HISTÓRICOS, POLÍTICOS E EDUCACIONAIS DO HIGIENISMO E DA HIGIENE MENTAL	18
2.1 Higienismo e higiene mental: um breve histórico	18
2.1 A construção do ideário higienista Brasil	21
2.3 A educação escolar no Brasil republicano	30
2.3.1 A segregação e a educação dos especiais	39
3 A LIGA BRASILEIRA DE HIGIENE MENTAL E SEUS ARCHIVOS	43
3.1. A Liga Brasileira de Higiene Mental	43
3.2. A revista Arquivos Brasileiros de Higiene Mental	48
4 A EDUCAÇÃO NO CONTEXTO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DOS ABHM	81
4. 1 Educação e Escola: a tarefa educativa e seus agentes	86
4.2 Eufrenia e higiene mental	95
4.3 Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise	98
4.4 Educação Especial: a educação dos “anormais”	105
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	110
6 REFERÊNCIAS	113

1. INTRODUÇÃO

A Liga Brasileira de Higiene Mental (LBHM) foi a principal instituição relacionada ao ideário da higiene mental na América Latina. Fundada em 1923, a LBHM desenvolveu propostas e divulgou as iniciativas tomadas por seus membros na construção de um novo Brasil, considerado saudável e civilizado, em sua revista intitulada Arquivos Brasileiros de Higiene Mental (ABHM), fonte primária deste trabalho.

Os Arquivos, que estão disponíveis no site do Grupo de Estudos e Pesquisas: Higiene Mental e Eugenia (GEPHE/ UEM), têm muito a oferecer para a área da História da Educação e para todos que se interessam pela relação entre a Educação e a Saúde. Essa dissertação, contudo, foi norteada pela seguinte questão: quais eram as concepções de educação da LBHM expressas nos artigos publicados nos Arquivos Brasileiros de Higiene Mental, revista de divulgação da instituição, entre 1925 e 1947?

A educação foi um dos temas mais abordados nesse periódico, e possuía um papel importante ao permitir corrigir e ajustar – termos muito utilizados nos ABHM - os indivíduos para a vida em sociedade. Nossa hipótese, nesse sentido, é que a disseminação dos valores da higiene mental defendidos pela Liga Brasileira de Higiene Mental deveria começar desde a infância na família e na escola, de forma a “moldar” esses indivíduos para seu ajustamento social de acordo com o conceito de “normalidade” elaborado pela instituição.

O objetivo geral dessa pesquisa é investigar como a visão médico-pedagógica divulgada nos Arquivos Brasileiros de Higiene Mental (ABHM) se impôs aos principais agentes do processo educativo: a escola, os professores e a família. Para isto, os seguintes objetivos específicos foram estabelecidos:

- a) traçar um panorama histórico da LBHM e dos ABHM;
- b) identificar os artigos, resenhas, notícias e afins publicados nos ABHM entre os anos de 1925 e 1947 que se detêm nas temáticas da escola e da educação;
- c) categorizar e analisar essa produção científica de acordo com parâmetros bibliométricos e de conteúdo.

Buscamos cumprir esses objetivos guiadas pela perspectiva teórica do materialismo histórico-dialético, que pressupõe que um fenômeno não pode ser isolado do movimento da sociedade que o produz e só pode ser apreendido pela totalidade em suas múltiplas determinações. Essa abordagem permite compreender a educação como

processo histórico socialmente determinado e configurado em uma relação dialética e contraditória com a dinâmica social inserida no contexto de dominação capitalista, que reproduz as relações sociais de produção visando a hegemonia das classes dominantes sobre as dominadas (CURY, 1985). Em consonância com o pensamento marxiano, consideramos que a teoria é a reprodução e interpretação ideal do objeto pelo sujeito de pesquisa que, nesta tarefa, possui um papel ativo: deve “mobilizar um máximo de conhecimentos, criticá-los, revisá-los e deve ser dotado de criatividade e imaginação” (NETTO, 2011, p. 25).

Cury (1985) apresenta um instrumental de análise da realidade educacional que considera cinco categorias entendidas como uma representação dinâmica e sempre inacabada do real: a contradição, a totalidade, a reprodução, a mediação e a hegemonia.

A totalidade, na perspectiva do autor, é ligada ao movimento e à historicização dos fenômenos; é uma categoria que conecta dialeticamente processos particulares entre si e com o todo, coordenando-os em uma síntese explicativa. É formada pela unidade da estrutura econômica e da superestrutura e ambas se ligam ao trabalho e à práxis social (CURY, 1985).

A contradição representa uma relação de conflito no devir do real, pois cada coisa exige a existência do seu contrário, como sua determinação e negação. É, ao mesmo tempo, destruidora e criadora, pois os contrários lutam por superar a contradição e a si próprios (CURY, 1985). Sem a contradição, uma categoria central no pensamento marxiano, a totalidade – e as pequenas totalidades que formam o todo macroscópico, não poderia ser percebida como dinâmica, mas apenas como morta e inerte (NETTO, 2011, p. 57).

A reprodução é um movimento de auto conservação das condições que possibilitam a manutenção das relações básicas de uma sociedade. No capitalismo, tende-se a reproduzir os meios de produção (instrumentos de trabalho e forças produtivas) e as relações de produção, entre elas uma concepção de mundo que sustente a continuidade do sistema. A educação é uma das condições que possibilitam a reprodução dessas relações e a confirmação dos antagonismos nelas originados (CURY, 1985).

A mediação, para Cury (1985), permite a relação dialética entre contrários e indica que nada é isolado, já que o isolamento priva um fenômeno de sentido. Pode ser reprodutora de uma estrutura ideológica reinante ou uma mediação crítica, e só existe em sua relação com a teoria e a prática. A mediação supera o uso da noção de causa no

pensamento marxiano, que não considera a articulação entre estrutura e superestrutura unidirecional e determinística, mas realizada reciprocamente.

Finalmente, a hegemonia, na visão de Cury (1985) é o momento de predomínio de uma ideologia construída por um grupo social específico – no caso da ideologia dos dominadores, visa manter, justificar e reproduzir a dominação, articulando seus interesses de modo que eles venham a se constituir em interesse geral; enquanto a ideologia dos dominados deve problematizar a dominação visando sua superação. A hegemonia é essencial para a reprodução das relações de dominação e é função da sociedade civil, que compõe o Estado junto à sociedade política em Gramsci (CURY, 1985).

Inserida no contexto de dominação capitalista, a educação age como reprodutora das relações sociais de produção, pois busca formar uma força de trabalho qualificada e dócil e disseminar a cosmovisão dominante. Simultaneamente, carrega o germe de transformação social, na medida em que pode expor e problematizar a dominação e promover uma dialética ação-reflexão que parta das vivências das classes subalternas. Nessa perspectiva, a educação possui um caráter mediador entre as classes, pois filtra uma maneira de ver as relações sociais, realizando o mascaramento ou desmascaramento da dominação (CURY, 1985).

Portanto, as concepções de educação da LBHM, relacionadas à escola e à família, foram analisadas de forma dialética com o contexto histórico de sua produção, sem perder de vista a noção da totalidade e buscando apreender suas contradições, que não foram determinadas de forma apriorística, mas se revelaram com o desenvolvimento da pesquisa.

A pesquisa caracteriza-se como um estudo teórico de caráter exploratório e descritivo e como procedimentos metodológicos foram adotadas as abordagens da pesquisa bibliográfica, realizada por meio do levantamento do que já se produziu sobre o tema investigado, permitindo o aprofundamento teórico que norteia a pesquisa; e da pesquisa documental, recorrendo às fontes históricas relacionadas à imprensa do período estudado, compreendido entre 1925 e 1947.

Para o desenvolvimento da pesquisa foram realizadas a análise bibliométrica e a análise de conteúdo. A primeira permite mapear a estrutura intelectual de campos científicos e analisar padrões de comunicação científica por meio da elaboração de indicadores de produção científica (SILVA; HAYASHI; HAYASHI, 2011). A segunda possibilita interpretar um texto por meio da descrição dos conteúdos das mensagens

analisadas (BARDIN, 2011). A pesquisa combina, portanto, metodologias quantitativas e qualitativas garantindo, assim, maior profundidade nas análises. Os procedimentos executados foram:

1) Elaboração do referencial teórico da pesquisa constituído por uma revisão de literatura sobre as temáticas do higienismo e higiene mental, a construção do ideário higienista no Brasil e a educação escolar no Brasil republicano, incluindo a Educação Especial. Essa revisão foi realizada por meio de pesquisa bibliográfica e permitiu a elaboração de um panorama histórico da LBHM e dos ABHM, mediante consultas à coleção desse periódico e de outros estudos que utilizaram como fonte de dados essa instituição e seu órgão de divulgação, que serão apresentados nas próximas seções do texto.

Além disso, optou-se por inserir ao longo do texto, no formato de notas de rodapé, pequenas notas biográficas dos membros da Liga e dos ABHM, bem como de outras personalidades históricas cujas trajetórias, de alguma forma, estavam relacionadas com a temática abordada. Justifica-se essa inserção pelo fato de que a biografia de muitos nomes pode ser pouco conhecida dos leitores.

2) Coleta, registro e tratamento dos dados quantitativos e qualitativos em uma planilha Excel. Essa fase foi orientada pelo estabelecimento de variáveis ou categorias quantitativas e qualitativas a partir da leitura integral dos dezesseis volumes dos ABHM disponibilizados pelo GEPHE e publicados entre 1925 e 1947, totalizando 879 textos. Dessa maneira, foi possível elaborar dois tipos de indicadores dos artigos publicados nos periódico:

a) indicadores bibliométricos mediante o estabelecimento das seguintes categorias: perfil do periódico (composição do corpo editorial, local e data da publicação, público-alvo, conselho editorial, seções da revista) e dos artigos selecionados (de acordo com a distribuição temporal dos artigos selecionados, autorias, vinculação institucional e gênero dos autores, autores e obras citadas nos textos analisados);

b) indicadores de conteúdo dos artigos selecionados para o estabelecimento das seguintes categorias referentes à escola e à educação: Psicologia, Educação Especial, Educação e Escola, Eufrenia e Higiene Mental e Psiquiatria e Psicanálise.

3) Análise e interpretação dos resultados. Nessa etapa, os indicadores quantitativos e qualitativos obtidos foram cotejados com o referencial teórico da pesquisa visando compreender de forma aprofundada a tríade educação, ensino e escola

e o papel da família e dos professores no projeto de nação desenvolvido pela LBHM em artigos publicados nos Arquivos Brasileiros de Higiene Mental, à luz do referencial teórico que orienta a pesquisa. Essa etapa exigiu uma nova leitura dos textos que foram selecionados como aderentes à questão educacional.

Assim, adotamos, neste trabalho, procedimentos quantitativos que ainda não foram realizados em estudos sobre os ABHM, tais como: análise da estrutura da LBHM, levantamento bibliométrico dos volumes dos ABHM publicados, descrevendo pormenorizadamente as seções, os autores e títulos das publicações de cada volume e elaboração de categorias de análise sobre os artigos educacionais, que foram articulados a uma análise qualitativa de forma a garantir maior profundidade nas conclusões obtidas.

Optamos por organizar a dissertação em mais seis seções, além dessa introdução. A segunda seção apresenta o referencial teórico que embasou a pesquisa com base em uma revisão de literatura exposta em quatro subseções. Inicialmente é oferecido um breve panorama histórico do higienismo e higiene mental abordando seus principais conceitos. Em seguida, expõe como se deu a construção do ideário higienista no Brasil, trata da educação escolar no Brasil republicano e, por fim, da educação especial no mesmo período.

A terceira seção traz um panorama histórico da Liga Brasileira de Higiene Mental e da sua revista de divulgação, os Arquivos Brasileiros de Higiene Mental tendo como referência a documentação oficial, como atas e relatórios, e os textos produzidos pelos membros da Liga publicados no próprio periódico, além de recorrer a outros estudos que utilizaram em suas pesquisas essas fontes.

A quarta seção apresenta a educação no contexto da produção científica dos ABHM, em que constam os resultados de nossas análises quantitativas e qualitativas dos artigos aderentes à temática da educação no periódico em questão que foram divididos em cinco categorias: Psicologia, Educação e Escola, Educação Especial, Psiquiatria e Psicanálise e Eufrenia e Higiene Mental.

Na quinta seção apresentamos as considerações finais do estudo, articulando nossa hipótese e objetivos com os resultados obtidos e, por fim, na sexta seção, apresentamos as fontes e referências utilizadas para o desenvolvimento dessa dissertação.

2 FUNDAMENTOS SOCIO-HISTÓRICOS, POLÍTICOS E EDUCACIONAIS DO HIGIENISMO E DA HIGIENE MENTAL

Essa seção apresenta os fundamentos teóricos que orientam a pesquisa. Dividida em quatro subseções, apresenta um breve histórico do higienismo e da higiene mental e sua presença no Brasil e traça um panorama da educação brasileira no início do século XX, enfocando, a seguir, a Educação Especial.

2.1 Higienismo e higiene mental: um breve histórico

Machado (1978) distinguiu a chamada medicina tradicional e a medicina social, que surgiu no século XIX. A medicina tradicional, cujo objetivo principal era evitar a morte, foi atualizada por um novo projeto de produção da saúde, que visava prevenir o aparecimento de doenças intervindo em todos os aspectos da vida social. Segundo Hora (2019, p. 3), a racionalidade médica moderna realizou

[...] um deslocamento epistemológico da arte de curar indivíduos doentes, para uma disciplina das doenças, residindo aí a diferença entre a medicina tradicional e a medicina moderna. É, também, esse mesmo deslocamento o fator que propicia ao médico desempenhar novo papel social, porque agora à função de cura se alia à figura do médico, a função política de criação e transmissão de normas.

Nessa perspectiva, a atuação médica foi redefinida: emergiram as figuras do “médico missionário, obstinado em sua intenção de cura e intervenção” e a do “médico político”, que disputará novos espaços. Conquistando cada vez mais prestígio social, os médicos buscaram estender sua esfera de ação e conquistar legitimidade nos círculos governamentais e intelectuais do período. A medicina passou a ser vista como “tutora da sociedade, saneadora da nacionalidade, senhora absoluta dos destinos e do porvir” (SCHWARCZ, 1993, p. 259-265).

A higiene foi a forma primordial de intervenção na vida coletiva deste tipo de medicina, que priorizava sua função social no contexto capitalista (MACHADO, 1978). O higienismo inicialmente se desenvolveu voltado para a higiene pública, visando combater os inúmeros problemas urbanos que assolavam as grandes cidades, em especial as epidemias.

Ademais, o higienismo abrigou uma corrente especificamente preocupada com a mente humana: a higiene mental. Segundo Reis (2000, s.p.):

[...] na medida em que o programa curativo da medicina mental esgotava seus créditos, os psiquiatras em vez de se intimidarem, admitindo certa falência de suas modalidades de ação terapêutica, investem-se de novo mandato, o de "higienistas do espírito" ou "higienistas sociais", metamorfoseando-se em algo mais do que meros especialistas de cura mental, sua função de alienista. Dessa forma, trazem à cena à boa nova da medicina mental preventiva chamada higiene mental.

Em 1908, o estadunidense Clifford Whittingham Beers¹ publicou o livro intitulado “Um espírito que se achou a si mesmo” (no original: *A Mind That Found Itself*), no qual relatou sua experiência como interno em hospitais psiquiátricos nos quais foi vítima de maus tratos e abusos, e iniciou uma grande campanha pública pela melhoria no tratamento e assistência aos doentes mentais (BEERS, 1967). Para Silva (2003, p. 139), “Beers combatia o preconceito que a sociedade fazia desabar sobre o doente mental, mesmo quando este se libertava de sua doença”.

Beers recebeu o apoio do psiquiatra Adolf Meyer², do médico William H. Welch³ e do filósofo William James⁴, que fundaram a *Connecticut Society for Mental Hygiene* com o objetivo de promover a saúde mental e combater o tratamento degradante aos doentes mentais. No ano seguinte, foi criado o Comitê Nacional de Higiene Mental em Nova York, que inaugurou os chamados serviços abertos, os ambulatórios psiquiátricos e os serviços sociais e expandiu a campanha pelo resto do país. (SILVA, 2003).

¹ Clifford Whittingham Beers nasceu em New Haven, Connecticut, em 1876. No período em que estudava na Universidade de Yale, começou a desenvolver depressão e alucinação e tentou o suicídio em diversas ocasiões. Por decisão de sua família, Beers foi hospitalizado entre 1900 e 1904 em três instituições diferentes: Stamford Hall, The Hartford Retreat e The Connecticut State Hospital. (PARRY, 2010).

² Adolf Meyer (1866-1950) nasceu na Suíça, estudou Neuroanatomia e Neurofisiologia na Universidade de Zurique e em 1892 emigrou para os Estados Unidos, onde atuou em instituições como a Universidade de Chicago, a Illinois Eastern Hospital for the Insane e a Escola de Medicina da Universidade Johns Hopkins (CHESNEY ARCHIVES, 2021). Foi o responsável por cunhar a expressão “higiene mental”. “Até se aposentar em 1941, impressionou gerações de estudantes com a ideia de que, no diagnóstico e tratamento da doença mental, deve-se levar em conta o paciente como um todo”. (BRITANNICA, 2021a, tradução minha).

³ William Henry Welch (1850-1934) foi um médico patologista estadunidense, o primeiro reitor da Escola de Medicina Johns Hopkins e também o fundador da Escola de Higiene e Saúde Pública Johns Hopkins, a primeira escola de saúde pública dos EUA. (JOHN HOPKINS, 2021).

⁴ William James (1842-1910) foi um psicólogo e filósofo nascido nos EUA. Ocupa uma posição de destaque em ambas as áreas e é usualmente considerado o “pai” da psicologia norte-americana (KINOCHI, 2009).

Em 1918 foi aberta a primeira clínica de hábitos em Boston, voltada à reeducação e a formação de hábitos sadios nas crianças. A campanha logo se desenvolveu em outros lugares do mundo, que criaram organizações de higiene mental. Dentre elas, destaca-se a Liga Francesa de Higiene e Profilaxia Mental⁵, criada em 1921 por Edouard Toulouse⁶. Na América Latina, a primeira instituição de medicina social foi fundada em 1923 por Gustavo Riedel⁷: a Liga Brasileira de Higiene Mental (LBHM), sediada no Rio de Janeiro.

Se, em um primeiro momento, Beers se concentrou apenas no tratamento dado aos intitulados “doentes mentais”, com o tempo a prevenção dessas doenças foi ganhando espaço. A higiene mental passou a se preocupar também com o indivíduo considerado “normal” e “saudável”, buscando prevenir o desenvolvimento das doenças mentais através da correção e tratamento dos “desajustamentos” psíquicos e sociais humanos. Sobre o desenvolvimento da higiene mental, Fontenelle (1925, p. 1) afirma:

A rápida evolução que vai tendo a higiene pública, como forma de atividade social baseada na utilização das ciências físicas e biológicas, levou-a a alargar grandemente as suas responsabilidades, incluindo um trabalho construtor de natureza minimamente ativa, muito além da simples passividade de defesa contra a doença. Ao mesmo tempo, considerando a importância essencial da atividade psíquica, profundamente entrelaçada no funcionamento da parte física do organismo humano, a higiene mental começou a surgir como cogitação especial. Essa higiene mental apresenta duas faces: uma, tendo em vista o trabalho defensivo contra as causas de degeneração psíquica, é a profilaxia mental; outra, procurando preparar o equilíbrio de adaptação entre a mentalidade individual e o meio psíquico e social, é a higiene mental propriamente dita.

Para Oliveira (2011), essas duas faces apontadas por Fontenelle explicitam bem a filiação da higiene mental à eugenia, de um lado, e de outro, à psicologia da

⁵ A Liga Francesa de Profilaxia e Higiene Mental, criada em 15 de janeiro de 1921, reconhecida como de utilidade pública em 1922, tornou-se em 1996 a Liga Francesa de Saúde Mental. Ela é membro da Federação Mundial para Saúde Mental (LFSM, 2021).

⁶ Édouard Toulouse (1865-1947) foi um psiquiatra francês e fundador da Liga Francesa de Profilaxia e Higiene Mental. Toulouse foi um dos pioneiros da psicologia experimental na França e defendia a humanização do tratamento dos doentes mentais, apresentando alternativas aos manicômios tradicionais. Foi, ainda, membro do Gabinete de Ministros da Saúde Pública em 1933 e 1936 (GALIFRET, 2003).

⁷ Gustavo Kohler Riedel (1887-1934) doutorou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro com a tese “Novas contribuições à patogenia da epilepsia”. Foi vice-presidente da Sociedade Brasileira de Psiquiatria (1916); membro titular da Academia Nacional de Medicina (1917); diretor da Colônia de Psicopatas (Mulheres) de Engenho de Dentro (1918), que hoje leva seu nome; fundador do Ambulatório Rivadavia Correia (1919) e da Escola Profissional de Enfermeiras Alfredo Pinto (1920) e diretor oficial da Assistência a Psicopatas do Rio de Janeiro (1924) (ANM, 2021a).

adaptação. O ideário eugênico, desenvolvido por Francis Galton⁸, focava na prevenção de características humanas indesejadas pelo estudo dos fatores controláveis que poderiam contribuir para “higiene da raça”, como o estímulo dos nascimentos desejáveis e a contenção da procriação dos considerados “degenerados”. Com seus estudos sobre a hereditariedade, Galton desenvolveu a psicometria⁹, para medir as habilidades motoras, sensoriais e intelectuais dos indivíduos.

Por outro lado, os conceitos de recessividade e dominância da genética mendeliana, amplamente aceitos, não permitiam sustentar um modelo determinista e generalizado da transmissão de doenças. O controle das “doenças mentais” apenas pela hereditariedade esbarrava na transmissão silenciosa dos padrões recessivos, sendo, portanto, necessária a profilaxia para impedir a manifestação dos caracteres considerados negativos (OLIVEIRA, 2011).

A hereditariedade tinha uma importância muito significativa no pensamento e estudos dos médicos alienistas. Era nesse sentido que o esquadramento do indivíduo - e por extensão da família - se justificava. A ideia era, sobretudo, prevenir. Prevenir a eclosão da doença sobre o indivíduo, mas principalmente proteger o meio que o circundava (TAMANO, 2018, p. 43).

2.2 A construção do ideário higienista no Brasil

A década de 1870 foi marcada pela entrada tardia do pensamento positivo-evolucionista no Brasil, o qual recebeu uma “entusiasta acolhida” (SCHWARCZ, 1993, p. 19). Essa corrente de ideias, que teve grande aceitação na Europa dos oitocentos, foi adaptada e adotada de forma original pelos “homens de ciência” brasileiros, muitas vezes acomodando modelos de decorrências teóricas diversas ou até excludentes. Com uma guinada na produção científica das escolas de Medicina, surgiram os primeiros

⁸ Francis Galton (1822-1911), antropólogo e eugenista, ficou conhecido por seus estudos pioneiros a respeito da inteligência humana e da hereditariedade. Baseado na obra de seu primo Charles Darwin, o estudioso inglês publicou suas ideias sobre a hereditariedade humana pela primeira vez no livro *Hereditary Genius*, de 1869. (BRITANICCA, 2021c; BOARINI, 2003).

⁹ Campo de conhecimento da Psicologia que se vale de métodos de análise estatística para a construção e aplicação de instrumentos de mensuração de construtos e variáveis psicológicas. “Historicamente, a psicometria tem suas origens na psicofísica dos psicólogos alemães Ernst Heinrich Weber e Gustav Fechner. O inglês Francis Galton também contribuiu para o desenvolvimento da psicometria, criando testes para medir processos mentais; inclusive, ele é considerado o criador da psicometria”. (PASQUALI, 2009, p. 993).

jornais e revistas médicas¹⁰, que diagnosticavam a nação como enfraquecida e doente, necessitada da intervenção médica.

A preocupação com a higiene no Brasil surgiu ainda no século XIX, quando os médicos sanitaristas passaram a discutir e intervir no espaço público para combater a proliferação de doenças. No século XX, a questão da higiene foi elevada ao status de grande problema nacional.

O Rio de Janeiro, capital da república, passou por um rápido e intenso processo de crescimento a partir do fim da escravidão legal, da formação de um mercado de trabalho remunerado, da imigração, do êxodo rural, do afluxo de capital externo, da urbanização e da industrialização. Essas mudanças fizeram germinar novos problemas urbanos: uma forte presença de cortiços e moradias precárias com grande amontoamento humano, ausência de saneamento básico e rede de esgotos, crescimento populacional, proliferação de doenças, desemprego, carestia, miséria, alcoolismo, entre outros.

O desenvolvimento das forças produtivas se abateu física e mentalmente sobre os operários (WANDERBROOCK JÚNIOR, 2007a). Segundo Penafiel (1925, p. 11), estes trabalhavam e operavam cada vez mais como um “aparelho psico-fisiológico”, em que todo o organismo humano é colocado em funcionamento para satisfazer o processo de produção (WANDERBROOCK JÚNIOR, 2007a, p. 102). Outrossim, as formas de vida da população mais pobre eram expostas, exemplos dos desvios a seres corrigidos.

O Distrito Federal se tornou uma vitrine do projeto modernizante de higiene pública para o resto do país. São notáveis as reformas urbanas promovidas pelo prefeito Pereira Passos, a modernização do porto e a reforma na saúde, comandada por Oswaldo Cruz. Em 1904, a campanha autoritária de vacinação obrigatória contra a varíola, que ocorreu “de forma abrupta”, sem “espaço para a instrução da população ou explicação das medidas”, provocou uma forte reação dos cariocas (SCHWARCZ, 1993, p. 300).

Os preceitos higiênicos foram imputados à população, majoritariamente pobre e as moradias populares, os hábitos, as vestimentas, a alimentação, enfim, as vidas das pessoas foram modificadas. Nesse contexto, eram as classes populares quem mais sofriam com abusos e intromissões em sua privacidade. A medicina social ganhava espaço e passava a tomar como sendo de sua alçada responsabilidades da geografia, economia, arquitetura, engenharia ou geologia, por exemplo. Ela as incorporou em nome da saúde e com

¹⁰ Como a “Gazeta Medica da Bahia” e a “Brazil Medico”, vinculada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Ambas foram analisadas por Schwarcz (1993).

esse brado se organizou como poder e projeto político. (TAMANO, 2018, p. 30).

Os intelectuais e dirigentes da classe burguesa subtraíam sua responsabilidade em relação aos problemas sociais mencionados e a imputavam ao povo, associando as conturbações do país ao clima tropical e à constituição étnica da população. Se, por um lado, a miscigenação foi tida como uma mácula nacional, por outro, ela também foi identificada como a via de salvação do país, se bem direcionada. A imigração de europeus – brancos, saudáveis e assimiláveis, foi uma das maneiras encontradas de viabilizar a nação, embranquecendo-a (TAMANO, 2018, p. 30).

A racionalidade médica, de forma impositiva, colaborou para uma naturalização dos problemas sociais, de forma a justificar os privilégios das classes dominantes ao mesmo tempo em que negava as classes sociais e atribuía ao indivíduo a responsabilidade total por sua ignorância e saúde (BOARINI, 2003). Para além do bem-estar físico, a moralidade passou a ser um problema de higiene, e tudo que não estava de acordo com as normas instituídas pela sociedade burguesa foi tratado como desvio.

A produção de um novo tipo de indivíduo e de população necessário à existência da sociedade capitalista, antes mesmo do aparecimento de grandes transformações industriais, está, portanto, intrinsecamente ligada ao novo tipo de medicina que pela primeira vez equaciona uma relação de causalidade entre os termos saúde e sociedade (MACHADO, 1978, p. 156).

Os médicos higienistas incumbiram-se de atuar em diversos campos, seguindo sua missão pedagógica de educar a respeito da higiene, seja dentro das escolas ou fora delas. Foram escritas inúmeras teses, livros e manuais de higiene (ALMEIDA JÚNIOR, 1923; KEHL, s.d.); realizadas conferências, palestras, visitas a fábricas e a veículos de mídia, como rádios e jornais e estabelecidos serviços de atendimento psicológico e psiquiátrico direto à população em clínicas e ambulatórios (STEPHANOU, 1997).

Cabe ressaltar que a maior parte destes higienistas tinha formação na área da Psiquiatria, uma disciplina teórica e uma técnica terapêutica sobre a “loucura”, considerada uma doença capaz de ser curada por um tratamento físico-moral (MACHADO, 1978, p. 375). Esse ramo médico deveria lidar com os “loucos” que apresentavam um perigo à segurança e à moral públicas e um obstáculo ao crescimento econômico modernizante (TAMANO, 2018). No Brasil, a Psiquiatria se tornou

especialidade acadêmica em 1882 e, em 1912, tornou-se especialidade médica autônoma.

Em 1852 foi fundado o primeiro hospício brasileiro, o Hospício D. Pedro II, comandado pela Santa Casa de Misericórdia, que antes abrigava muitos desses “loucos”. O hospício era o ambiente necessário para isolá-los preventivamente, reduzindo o perigo social que apresentavam, dominá-los e tratá-los, de forma que pudessem se inserir novamente na sociedade e no mercado de trabalho.

Retirar os loucos das ruas tinha amplos significados: extraia a visibilidade sobre eles e sua loucura; protegia o coletivo de suas possíveis violências físicas; inaugurava a necessidade de lugares específicos para o seu controle (asilos, hospícios, manicômios) e começava a institucionalizar uma especialidade médica (TAMANO, 2018, p. 23).

Após a instauração da República, o Hospício D. Pedro II passou a se chamar Hospital Nacional dos Alienados e foi separado da administração da Santa Casa, sendo colocado sob a tutela do Estado. Assim, ficou vulnerável a reduções orçamentárias que colaboraram para a degradação do serviço prestado. Durante o governo Rodrigues Alves na capital, no entanto, a Psiquiatria ganhou um novo ímpeto com Juliano Moreira¹¹, que assumiu a direção do Hospital Nacional (COSTA, 2007), o primeiro a tratar a “loucura” do ponto de vista médico no Brasil (ANTUNES, 2014). Em 1903 foi promulgada a primeira Lei Federal de Assistência aos Alienados e em 1927 foi criado o Serviço de Assistência aos Doentes Mentais do Distrito Federal, que coordenava todos os estabelecimentos psiquiátricos públicos do Rio de Janeiro: o Hospital Nacional, o Hospital Colônia do Engenho de Dentro, a Colônia de Jacarepaguá e o Manicômio Judiciário. Após a ascensão de Vargas, o Serviço foi incorporado ao Ministério da Educação e Saúde.

Para Ribeiro (2003), a ideologia médico-higiênica foi aperfeiçoada com a consolidação da Psiquiatria enquanto especialidade médica, pois esta era requisitada para atender as questões higienistas. Na mesma medida, a higiene mental passou a

¹¹ Juliano Moreira (1872-1933) é um dos principais nomes da psiquiatria nacional. Como diretor do Hospício Nacional de Alienados, humanizou o tratamento dado aos pacientes, acabando com o seu aprisionamento e abolindo os coletes e camisas de força. Defendeu que as doenças mentais tinham origem em fatores físicos e situacionais. Foi membro da Diretoria da Academia Brasileira de Ciências, da Liga Brasileira de Higiene Mental e de diversas sociedades médicas em todo o mundo, como a *Anthropologische Gesellschaft* (Munique), a *Société de Médecine* (Paris) e a *Medico-legal Society* (Nova York) (CÂMARA FILHO, 2021).

constituir a base para a Psiquiatria nacional (TAMANO, 2018). O pensamento psiquiátrico brasileiro da época era eclético, conjugando o alienismo clássico com o organicismo, em especial com a teoria da degenerescência, que defendia a determinação hereditária da loucura e uma hierarquia racial. Nessa perspectiva, a ação dos psiquiatras deveria se estender para além dos asilos e realizar uma higienização de toda a sociedade (ANTUNES, 2014). Portanto, “a exclusão do ‘louco’ deveria ser compartilhada com a prevenção ‘social’ da loucura”, numa “articulação entre o pensamento psiquiátrico e o controle do processo produtivo” (ANTUNES, 2014, p. 31).

Para Costa (2007, p. 47), “a higiene mental, que era inicialmente uma aplicação dos conhecimentos psiquiátricos, aparece como a teoria geral que contém e orienta a prática psiquiátrica”. Influenciados pelos trabalhos de Pinel¹², Esquirol¹³ e Kraepelin¹⁴, os psiquiatras brasileiros embasaram a idealização de uma terapêutica baseada na não violência física, no lazer e no trabalho e esta ciência foi impulsionada com a criação da Liga Brasileira de Higiene Mental, “que, por pelo menos duas décadas, vai representar o pensamento psiquiátrico corrente no Brasil, dando-lhe voz e autoridade” (RIBEIRO, 2003, p. 72).

A Psicologia e a Psicanálise, neste momento ciências nascentes, também foram utilizadas pelos psiquiatras, pois conferiam um rigor científico ao seu ideário e colaboravam para o entendimento da natureza humana e suas “inadequações” ao contexto social.

A teoria psicanalítica, fundada por Sigmund Freud¹⁵, analisa a psique humana enfocando os processos inconscientes e sua construção simbólica. No Brasil, o

¹² Philippe Pinel (1745-1826), médico francês, é considerado por muitos o “pai da Psiquiatria”. Durante a Revolução Francesa foi o principal precursor do movimento que gerou o alienismo, primeira especialidade médica que tratava da alienação mental como distúrbio das funções intelectuais causado por fatores físicos, pela hereditariedade ou fatores morais. A cura da loucura, para ele, poderia ser obtida por meio do “tratamento moral”, uma espécie de pedagogia normalizadora com uma rotina rígida. (CCMS, 2021c).

¹³ Jean-Étienne Dominique Esquirol (1772-1840) foi um psiquiatra francês discípulo de Philippe Pinel, sucedendo o seu mestre na chefia do Hospital de Salpêtrière em Paris e continuando seus trabalhos sobre a loucura. Contribuiu para o estabelecimento de uma legislação para regular a assistência aos doentes mentais, o que subordinou as demais instituições à tutela médica (CCMS, 2021b).

¹⁴ Emil Kraepelin (1856-1926) foi um psiquiatra alemão que influenciou fortemente as gerações subsequentes de psiquiatras. Isolou as formas básicas de enfermidade psíquica e defendeu que os doentes mentais deveriam ser tratados em um ambiente semelhante ao doméstico. Suas ideias e seu trabalho à frente da Clínica de Munique influenciaram a primeira legislação brasileira de assistência às doenças mentais (CCMS, 2021a).

¹⁵ Sigmund Freud (1856-1939), nascido na Morávia, atual República Checa, formou-se médico pela Universidade de Viena. Revolucionou o estudo da mente humana ao desenvolver a teoria

psiquiatra Juliano Moreira foi o pioneiro na divulgação da obra científica de Freud, que começou a ser conhecida nas faculdades de medicina e conferências acadêmicas, e Durval Marcondes¹⁶ foi o primeiro a utilizar o método psicanalítico em clínica. Os psicanalistas entendiam que as origens dos distúrbios mentais se localizavam na infância, época de formação do superego, uma introjeção direta das figuras parentais. Assim, puderam encontrar no meio externo responsáveis diretos pela saúde mental dos indivíduos e uma causa possível de ser controlada através de medidas preventivas.

Para Mercadante (2015a), muitos médicos se apropriaram de uma versão fragmentária e superficial da Psicanálise, misturando conceitos excludentes e adequando-a aos objetivos higienistas. O saber psicanalítico, em sua visão, “apenas emprestou um arcabouço teórico, distorcido em sua apreensão e politicamente comprometido, para conferir uma pseudocientificidade a tais concepções” (MERCADANTE, 2015a, p. 63). Na mesma perspectiva, Tamano (2018) afirma que a ciência freudiana foi interpretada e utilizada pelos brasileiros de formas variadas, se tornando uma via de leitura sobre a estrutura dinâmico-emocional da vida coletiva brasileira. “A psicanálise foi apreendida, a princípio, mais como um corpo teórico com aplicabilidade em vários setores – artístico, literário, educacional etc. – do que como um campo de ação independente” (TAMANO, 2018, p. 170).

Já a Psicologia vivenciava, neste momento, seu processo de autonomização em relação às outras áreas do conhecimento, se tornando reconhecida:

[...] como ciência independente e, principalmente, integrada a vários e importantes campos da vida social brasileira, quer pela sua produção teórica, por sua prática ou até mesmo pelo fornecimento de técnicas aplicáveis a situações mais amplas que a própria Psicologia. (ANTUNES, 2014, p. 83).

Assim, a Psicologia encontrou meio fértil na higiene mental, pois era requisitada para avaliar as atividades mentais dos indivíduos através dos testes psicométricos ou da

psicanalítica e destacou a influência do inconsciente sobre as ações humanas e a relação entre os impulsos sexuais e as neuroses. Entre suas obras, destacam-se “Psicologia da Vida Cotidiana”, “Totem e Tabu”, “A interpretação dos sonhos” e “O Ego e o Id” (CANAL CIÊNCIA, 2020).

¹⁶ Durval Bellegarde Marcondes (1899-1981) foi um psiquiatra e psicanalista brasileiro conhecido como um dos pioneiros do movimento psicanalítico no Brasil. Juntamente com Franco da Rocha, fundou em 1927 a Sociedade Brasileira de Psicanálise, que foi a primeira associação psicanalítica da América Latina. No mesmo ano, fundou o serviço de higiene mental nas instituições escolares de São Paulo. Empenhou-se na formação da Universidade de São Paulo e de seu primeiro curso de especialização em Psicologia Clínica. (CFP, 2004).

observação clínica, detectando precocemente fatores predisponentes à doença mental (SILVA, 2003, p. 145-147). O pensamento psicológico foi inicialmente produzido por outras áreas do saber, o que criou condições para a sua penetração e desenvolvimento até que assumisse seu espaço próprio (ANTUNES, 2014). Para a autora, ainda em finais do século XIX:

A produção de ideias psicológicas foi também produto dessa sociedade em transformação, sobretudo na busca de respostas às necessidades que se diversificavam e se impunham pelos novos tempos. As transformações econômicas, com suas consequências para o incremento do processo de urbanização, acabaram por trazer à tona novos problemas ou a explicitação de problemas antigos, que o país não se encontrava preparado para resolver. Nesse contexto, a Medicina e a Educação foram chamadas a contribuir para a solução dos problemas, incluindo-se aí a preocupação com o fenômeno psicológico em várias de suas dimensões (ANTUNES, 2014, p. 24).

As Ligas de Higiene Mental foram importantes fontes de produção de conhecimento e de práticas relacionadas à Psicologia (ANTUNES, 2004, p. 30), e muitas delas possuíam seus próprios laboratórios de Psicologia, como foi o caso da LBHM. No entanto, o primeiro laboratório de Psicologia brasileiro foi criado no *Pedagogium*, centro de pesquisas educacionais e museu pedagógico fundado em 1890 no Rio de Janeiro e extinto em 1919. O laboratório foi inaugurado em 1906 e dirigido por Manoel Bomfim¹⁷, que o idealizou junto a Alfred Binet¹⁸. Infelizmente, há poucas informações sobre as pesquisas nele realizadas, voltadas aos processos educativos. O segundo laboratório deste tipo, de acordo com Antunes (2014) foi o Laboratório de Psicologia Experimental da Clínica Psiquiátrica do Hospital Nacional dos Alienados, chefiado por Maurício de Medeiros¹⁹. O desenvolvimento desses laboratórios demonstra a ligação da Psicologia com a Educação e com a Psiquiatria, respectivamente.

¹⁷ Manoel Bonfim (1868-1932) formou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e desenvolveu seus estudos em Psicologia em Paris. Com seus colegas George Duma e Alfred Binet, planejou o primeiro Laboratório de Psicologia Brasileiro, instalado no *Pedagogium*, que dirigiu por quinze anos. Escreveu uma vasta obra nas áreas de História, Sociologia, Medicina, Sociologia, Botânica, Zoologia e Psicologia (CFP, 2005).

¹⁸ Alfred Binet (1857-1911) abandonou sua carreira no Direito para se dedicar a estudos médico-científicos. Contribuiu para o desenvolvimento da psicologia experimental na França e ficou conhecido pelo teste de inteligência desenvolvido junto a Théodore Simon (BRITANNICA, 2021b).

¹⁹ Maurício Campos de Medeiros (1885-1966) atuou como médico, jornalista, professor e político. Em 1915 foi nomeado diretor-geral de Higiene do estado do Rio de Janeiro e, no ano seguinte, eleito deputado federal. Foi, ainda, ministro da Saúde nos governos Nereu Ramos e

Desenvolvidos, adaptados e aplicados pelos laboratórios de Psicologia, os testes psicométricos foram utilizados como ferramentas para a racionalização escolar e do trabalho. O fator psíquico e mental era decisivo no processo de produção, e a questão da orientação profissional ganhou força na medida em que poderia, segundo os higienistas, adequar cada trabalhador a uma função específica, de acordo com a premissa taylorista do “homem certo no lugar certo” (WANDERBROOCK JÚNIOR, 2007).

Seu caráter supostamente objetivo permitia a medição neutra do conhecimento, da inteligência, das aptidões e do caráter dos indivíduos (ANTUNES, 2014). O “movimento dos testes”, iniciado na década de 1920, teve como marcos iniciais o curso sobre Psicotécnica ministrado por Henry Piéron²⁰ na Escola Normal de São Paulo e a aplicação pioneira dos testes no Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo em 1924. Antunes (2014) destaca ainda as contribuições de Lourenço Filho²¹ e Leon Walther²² e as pesquisas realizadas no Laboratório de Psicologia da Colônia de Psicopatas do Engenho de Dentro como primordiais para o desenvolvimento desta área da Psicologia. No ideário higienista, a Psicologia “colaborou com o projeto ideológico de manter a sociedade sobre os cânones capitalistas através de teorias e práticas que imputavam ao indivíduo a responsabilidade pelas suas dificuldades na luta pela vida” (SILVA, 2003, p. 161). Para Wanderbroock Júnior (2007, p. 111): “A condição de classe se transforma numa aptidão. Uma condição social se transforma em condição natural. O que é socialmente determinado se transforma em psicologicamente determinado”.

Os higienistas buscaram, portanto, e se inserir no aparelho estatal e suas instituições, amplamente criticadas, de forma a aplicar suas ideias na realidade social. Esse movimento ganhou ímpeto com a Era Vargas (RIBEIRO, 2003), que se ancorou

Juscelino Kubitschek. Membro da LBHM, Mauricio de Medeiros é mundialmente conhecido por suas contribuições à psiquiatria (CPDOC, 2021).

²⁰ Louis Henri Charles Piéron (1881-1964) foi um psicólogo francês. Além de desenvolver importantes pesquisas, Piéron estimulou o desenvolvimento da psicologia por meio da criação de laboratórios, cursos, organização de tratados enciclopédicos, orientação de grandes revistas e participação em associações internacionais. Colaborou com Toulouse, com quem desenvolveu o teste de aptidão Toulouse-Piéron (AUGRAS, 1965).

²¹ Manuel Bergström Lourenço Filho (1897-1970) foi diretor geral do Departamento Nacional de Educação e do INEP (1938-46). O educador articulou a psicologia aplicada (psicotécnica), psicologia infantil e o trabalho no processo de instrução técnico-profissional e escreveu a primeira obra de divulgação do ideário escolanovista no Brasil - “Introdução ao estudo da Escola Nova” (SAVIANI, 2010).

²² Léon Walther (1889-1963) foi um psicólogo russo especializado em Psicologia Aplicada. A convite do governo de Minas Gerais, veio ao Brasil em 1929, onde ministrou cursos e contribuiu para a implantação do Laboratório de Psicologia e, posteriormente, organizou o Departamento de Orientação e Seleção Profissional do SENAC-RJ. (ANTONINI, 2021).

nas ideias médico-higiênicas para estruturar o Estado Nacional. Com a criação do Ministério da Educação e Saúde Pública, o varguismo uniu dois temas essenciais para o progresso da nação e conduziu a implementação de medidas higienistas e eugenistas, como a Lei de Restrição à Imigração, a restrição à natalidade e a adoção dos exames pré-nupciais (MERCADANTE, 2015a). Ademais, a Constituição de 1934 incumbia a União, estados e municípios a “estimular a educação eugênica”, “animar os serviços sociais”, adotar medidas para restringir a moralidade e a morbidade infantis e de higiene social, para impedir a propagação de doenças, a cuidar da higiene mental e se empenhar na luta contra os “venenos sociais” (BRASIL, 1934).

Mencionada na Constituição Federal, a eugenia se desenvolveu como parte do ideário higienista. No Brasil, os trabalhos sobre eugenia datam do início dos anos de 1910, e as divergências entre os intelectuais eram evidentes: alguns apoiavam medidas mais radicais, como a esterilização forçada, o exame pré-nupcial e a seleção de imigrantes, enquanto outros enfocavam a educação e atribuíam uma interferência maior do ambiente sobre o indivíduo. As medidas mais radicais sofriam resistência, e as propostas preventivas foram mais “atrativas e fáceis” de serem debatidas; as ações higiênicas e educacionais, portanto, foram mais comumente aceitas (TAMANO, 2018, p. 82).

Renato Ferraz Kehl (1889-1978)²³ foi a principal figura do movimento eugenista no Brasil. Nascido em Limeira, no interior paulista, Kehl atuou divulgando a eugenia em São Paulo, onde fundou a Sociedade Eugênica de São Paulo, em 1918, e os *Anais de Eugenia*, no ano seguinte. Posteriormente, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde publicou o *Boletim de Eugenia*, importante veículo de propaganda da ciência galtoniana no Brasil e declaradamente filiado da Liga Brasileira de Higiene Mental, da qual Kehl era membro. O *Boletim* divulgou a eugenia no país e contribuiu para que Kehl, adepto das ideias eugênicas mais radicais, adquirisse admiração internacional.

²³ O médico, eugenista e escritor paulista foi diretor da Indústria Química e Farmacêutica Bayer do Brasil e membro Academia Nacional de Medicina, da Liga Brasileira de Higiene Mental, da Sociedade Mexicana de Eugenia, da Eugenics Society of London, dentre outras associações. Publicou artigos em revistas brasileiras e internacionais e livros como *A cura da fealdade* (1923); *Lições de eugenia* (1929); *Tipos vulgares, introdução à psicologia da personalidade* (5a ed. 1946) e *Psicologia da personalidade: guia de orientação psicológica*. (4a ed. 1947) (MASIERO, 2021; HIST. CIENC. SAUDE-MANGUINHOS, 2013). Para o escritor Monteiro Lobato, com quem mantinha uma estreita amizade e consideráveis afinidades intelectuais, Kehl deveria ser considerado o "pai da eugenia no Brasil", tendo em vista seu empenho na organização do movimento eugênico brasileiro (HABIB, 2007).

Para Mercadante (2015a, p. 34), a higiene mental “emprestou” os métodos e instrumentos da ciência eugênica para tentar solucionar os problemas apontados pelas elites, especialmente no Brasil. A liberdade e a igualdade prometidas pela abolição da escravidão e pela constituição republicana permaneceram uma utopia, pois eram negadas em nome da natureza – as diferenças sociais se tornaram barreiras biológicas (SCHWARCZ, 1993, p. 316). O eugenismo influenciou fortemente a higiene mental no Brasil até os anos 1940, quando os projetos nazifascistas que colocavam essas ideias em prática foram derrotados na Segunda Guerra Mundial (MERCADANTE, 2015a; RIBEIRO, 2003; REIS, 2003; TAMANO, 2018).

2.3 A educação escolar no Brasil republicano

A escola, na perspectiva da higiene mental, era um ambiente essencial para realizar a prevenção dos “desajustamentos” humanos, pois permitia a orientação dos desenvolvimentos físico, mental e moral dos indivíduos desde a mais tenra idade. Como afirmou o então vice-presidente da Liga Júlio Porto-Carrero²⁴, em entrevista para o Jornal O Globo de 10/11/1932:

[...] a infância é a época melhor para esse trabalho de ortopedia mental. De pequenino é que se torce o pepino – diz a sabedoria popular. E, com efeito, é de pequenino que se geram as monstruosidades da vida adulta (PORTO-CARRERO, 1932, p. 92).

Para Carrilho (1925, p. 138), é:

[...] na idade infantil que a higiene mental encontrou o seu máximo de utilidade prática, justificando a intensificação de sua ação salvadora nessa fase da existência, quando as condições de receptividade para os bons princípios a que é solicitada, melhor se revelam.

O ensino da higiene também seria mais produtivo na escola, pois permitia uma ação profilática em larga escala: o ambiente escolar reunia um grande número de crianças que poderiam ser acessadas de forma rápida, fácil e efetiva (WANDERBROOCK JÚNIOR, 2007). Além disso, a escola serviria de *locus* irradiador

²⁴ Júlio Pires Porto-Carrero (1887-1937) nasceu no Rio de Janeiro. Médico, psiquiatra e introdutor da Psicanálise no Brasil, foi presidente da Liga Brasileira de Higiene Mental e manteve correspondência com Sigmund Freud, de quem traduziu várias obras. (FERREIRA, 2021).

desse ideário para as famílias dos estudantes (STEPHANOU, 2006). Segundo Martins (2005, p. 91):

A educação escolar é posta como o lugar da verdadeira profilaxia da doença mental, pois as difíceis situações de perversão moral do ambiente em que a criança vivia, a situação de miséria, abandono, maus exemplos e companhias, podem trazer consequências como a delinquência infantil. Na concepção de que o meio físico e social é determinante na construção mental da criança, levá-la para a escola é o melhor recurso para normatizá-la conforme os preceitos tidos como dignos pela sociedade.

Contudo, neste momento, o acesso à educação escolar era ainda bastante restrito, e seu ambiente e métodos, considerados ultrapassados pelos higienistas. Era necessária, na visão desses, uma reforma geral do ambiente escolar, dotando-o de cientificidade e higiene. A escola precisava ser modificada para que pudesse cumprir sua função de alfabetizar, instruir e formar moralmente a população, incentivando bons hábitos.

Dentre as diversas prescrições que os higienistas faziam para a escola, recomendavam mudanças na localização e edificação dos prédios escolares, a inspeção médica dos alunos e o critério da “capacidade mental” do aluno, e não mais da idade, para a separação das classes escolares, utilizando-se dos modernos testes desenvolvidos pela Psicologia Experimental.

Em meio ao contexto do início do século XX, os intelectuais e médicos higienistas brasileiros entendiam que a desorganização social e o mau funcionamento da sociedade eram fatores que impediam o progresso do país. A higiene se tornou uma necessidade para que houvesse mudanças no comportamento dos brasileiros e assim o controle social, ou seja, sem a ordem, não se teria o progresso. O foco dos higienistas era a infância – fase de prevenção contra desajustes sociais. Isso implicava na devida importância que devia ser dada à escola e à educação para a higienização social, pois elas não estariam mais somente a serviço da transmissão dos conhecimentos e da cultura, mas de uma causa maior: o equilíbrio mental do seu povo, com o objetivo de formar pessoas que vivessem bem socialmente para que assim se alcançasse a civilização. (CARDOSO; AMORIM, 2014, p. 5).

Tamano (2018) destaca que o binômio saúde-educação era a chave para a construção do novo e moderno Brasil. De forma semelhante, Wanderbroock Júnior (2007, p. 130) considera que havia uma “unidade pedagógica” entre educação e

medicina, ligadas “com o selo da higiene mental”. Nas palavras de Bittencourt²⁵ (1941, p. 33):

Não há, pois, entre educação e medicina do espírito nenhuma diferença fundamental. Apenas a primeira se extrema no sentido de conservar a saúde do psiquismo e desenvolvê-lo e a segunda em restaurar a saúde mental, quando perdida. Entre esses dois polos, contudo, fica uma zona comum à pedagogia e à medicina, tão comuns que dentro dela ninguém saberá responder onde está uma sem a presença da outra: é a higiene mental.

Saviani (2010) dividiu em períodos a história das ideias pedagógicas que se manifestaram no país. Para este autor, as ideias pedagógicas leigas começaram a germinar a partir de 1827. Movida pelos ideais liberais, a Pedagogia Nova ganhou força e disputou a hegemonia do campo com a pedagogia tradicional, que tanto criticava, entre 1932 e 1947, quando os escolanovistas finalmente conquistaram a predominância no meio educativo.

A década de 1920 foi marcada por uma crise no sistema oligárquico e uma decepção generalizada com as promessas não realizadas com a República (TAMANO, 2018). No campo educacional, foi um período de grande ebulição das ideias pedagógicas e ocorreram diversas reformas educacionais estaduais que visavam reconstruir o sistema educacional público e expandir o acesso à escola para combater o analfabetismo e qualificar a força de trabalho assalariada. Nas palavras de Tamano (2018, p. 109):

Algumas reformas foram realizadas no país na década de 1920, a exemplo da ocorrida em São Paulo, em 1920, por Sampaio Dória. No Ceará, em 1922, sob a liderança de Lourenço Filho. Na Bahia, em 1924, com Anísio Teixeira. No Rio Grande do Norte, em 1925, com José Augusto Bezerra de Menezes. No Paraná, em 1927, com Lisímaco Costa. Em Minas Gerais, em 1926, com Francisco Campos e a de 1927 no Distrito Federal com Fernando de Azevedo. A preocupação com a formação docente e as críticas à escola que se destinava apenas a ensinar a ler, escrever e contar, foram pontos comuns a essas reformas que ocorreram de maneira bem localizada, sob a responsabilidade de seus estados, condizente com o que previa a Constituição de 1891.

²⁵ Raul Jobim Bittencourt (1902-1985) foi um médico e político brasileiro nascido em Porto Alegre. Formou-se em 1923 pela Faculdade de Medicina de Porto Alegre e, em 1925, se tornou docente de clínica psiquiátrica. Iniciou sua carreira política em 1929 pelo Partido Republicano Rio-Grandense (PRR) e posteriormente fez parte do Partido Republicano Liberal (PRL). Durante a era Vargas consolidou sua atuação nas áreas de educação e saúde (CPDOC, 2022).

A revisão constitucional de 1926 reconheceu a gratuidade e a obrigatoriedade da escola e as reformas estaduais feitas pelos chamados pioneiros da Educação Nova nos estados serviram de ensaio para uma política de renovação e expansão da escola no Brasil. Para Freitas e Biccás (2009, p. 53), as reformas estaduais da década de 1920:

[...] abrigavam, quase que indistintamente, um lugar de evidência para a psicologia da educação, para o novo mobiliário escolar e para os ‘métodos ativos’, tanto no que toca à formação de professores quanto no que diz respeito à organização de atividades para os alunos. Contudo, de reformador para reformador, muitas vezes se apresentavam diferenças de natureza política e ideológica que tocavam a essência de cada reforma.

O termo Escola Nova significava renovação do sistema escolar em ruptura com as antigas estruturas, associadas a uma pedagogia “tradicional”. A princípio, o termo abarcava propostas pedagógicas diversas que se associassem ao conceito de participação ativa da criança na construção do conhecimento (VIDAL, 2013, p. 582). Para Saviani (2010, p. 217), a primeira reforma “plenamente integrada no espírito da Escola Nova” foi a de Fernando de Azevedo²⁶, no Distrito Federal.

Martins (2005), ao estudar a relação família e escola, aponta que a escola ideal dos higienistas contrastava com a situação de perversão moral que as crianças supostamente viviam em seus lares, resultada da miséria, abandono e mau-exemplo. Essa visão é partilhada por Mendonça (2006), para quem os arranjos sociais da classe trabalhadora eram vistos como complicadores para o controle social que pretendiam os higienistas. A ampliação do acesso à escola era essencial para a disseminação dos valores da civilidade higiênica, já que nesse momento a escolarização ainda não atingia boa parte da população. As reformas estaduais da década de 1920 iniciaram o movimento de integrar as classes mais baixas ao sistema escolar, que ainda se prolongaria por muito tempo. Houve, desta maneira, uma confluência das ideias sobre a higiene mental e a renovação escolar (MENDONÇA, 2006).

²⁶ Fernando de Azevedo (1894-1974) foi um sociólogo, escritor e educador brasileiro. Ocupou diversos cargos públicos: foi diretor geral da Instrução Pública do Distrito Federal (1926-30), diretor Geral da Instrução Pública do Estado de São Paulo (1933), Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Paulo (1941-42), secretário da Educação e Saúde do Estado de São Paulo (1947), entre outros. Fez parte da Academia Brasileira de Letras e é considerado um dos principais nomes da Escola Nova no Brasil (ABL, 2021b; SAVIANI, 2010).

Para Antunes (2014), é fundamental destacar a importância da Psicologia para o ideário escolanovista, o que colaborou para que ela se estabelecesse como uma ciência autônoma e conferiu cientificidade ao movimento educacional. Dessa perspectiva,

A Psicologia tornou-se, então, exigência vital para a Educação, principalmente na vertente escolanovista, pois esta ciência deveria ser capaz de fornecer muitos dos subsídios teóricos e todo um arsenal técnico para instrumentalizar a ação educativa. É possível afirmar que a Psicologia foi o pilar de sustentação científica para essa concepção pedagógica, pois era ela que cuidava do indivíduo e das diferenças individuais (representada pela Psicologia Diferencial e suas técnicas, principalmente a psicometria), do processo de desenvolvimento psíquico, da aprendizagem, da dinâmica das relações interpessoais, da personalidade, das vocações, aptidões, motivações etc. (ANTUNES, 2014, p. 49).

Apesar de ser um movimento que existiu em várias partes do mundo, Vidal (2013) destaca que o Brasil foi o único país ocidental em que a Escola Nova se associou diretamente ao investimento do Estado na educação, num momento em que o federalismo abria espaço para o fortalecimento do Estado e de políticas públicas nacionais.

Em 1924, foi fundada a Associação Brasileira de Educação, a ABE, que foi palco de disputa entre escolanovistas e católicos. Os primeiros reivindicavam maior investimento do Estado no sistema público de ensino, que deveria ser laico, gratuito e obrigatório, enquanto os últimos defendiam o ensino religioso e a destinação de recursos estatais para instituições privadas. Tal discussão, portanto, dizia respeito principalmente ao papel do Estado e a disputa por seus recursos. Contudo, Freitas e Biccias (2009, p. 51) ressaltam que esses grupos não eram homogêneos e que suas identidades foram forjadas pelos seus representantes de maior expressão na cena. Ademais, apesar de suas diferenças, ambos os grupos acreditavam viver em um mundo em crise e tinham a pretensão de conduzir a nação, entendendo a educação como um instrumento de controle social (TAMANO, 2018).

Nos anos seguintes, o movimento de 1930, liderado por Getúlio Vargas, construiu uma dicotomia “Novo-Velho”, que envolvia a educação. A precariedade da saúde e da educação foi considerada um grande mal a ser resolvido, e as duas esferas estavam intimamente ligadas, como demonstra a criação do Ministério da Educação e Saúde Pública (MESP). Os educadores esperavam que o MESP organizasse a educação nacional em todos os níveis, do primário ao universitário.

Os pioneiros e católicos continuaram em disputa, e o ápice da tensão entre os dois grupos se deu após a IV Conferência Nacional de Educação, organizada pela ABE no Rio de Janeiro em 1931, e que tinha como objetivo traçar diretrizes para a educação popular brasileira.

Em 1932, os pioneiros publicaram n’O Estado de São Paulo *O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*, que defendia a democratização da educação escolar e a modernização dos métodos pedagógicos. O documento foi redigido por Fernando de Azevedo e assinado por mais vinte e cinco intelectuais²⁷ envolvidos com a educação e/ou meios de comunicação, entre eles Anísio Teixeira²⁸ e Lourenço Filho. O documento se tornou um elemento de coesão entre educadores de visão de mundo distintas que tinha objetivos em comum – especialmente a laicidade, a gratuidade e a obrigatoriedade do ensino (VIDAL, 2013, p. 584), que agora se impunham enquanto coletivo e buscavam a hegemonia do campo educacional.

No mesmo ano, os católicos saíram da Associação Brasileira de Educação (ABE) e criaram a Confederação Católica Brasileira de Educação, causando um rompimento significativo entre essas duas forças. À frente da ABE, Anísio Teixeira e

²⁷ Dentre os vinte e seis signatários do Manifesto de 1932, quatro foram membros da Liga Brasileira de Higiene Mental, a saber: Roquette Pinto (1884-1954) médico legista, professor, antropólogo, etnólogo e ensaísta, foi diretor do Museu Nacional (1915-1936), fundou a Revista Nacional de Educação e o Instituto Nacional do Cinema Educativo, ligado ao Ministério da Educação. Presidiu, juntamente com Renato Kehl, o primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia e foi membro de diversas associações culturais estrangeiras (ABL, 2021c). Na LBHM foi membro da Seção de Trabalho Profissional (1925). José Paranhos Fontenelle (1885-?) formou-se em Medicina e desempenhou diversas funções de prestígio, entre elas a de Inspetor Sanitário do Departamento Nacional da Saúde Pública. Atuou como docente de Higiene da Escola Normal do Distrito Federal do Rio de Janeiro, elaborou o programa da disciplina Biologia Educacional e Higiene (1935) e foi o primeiro Professor Chefe da Seção de Biologia Educacional e Higiene do Instituto de Educação do Distrito Federal do Rio de Janeiro (EDUCATIVA, 2017a). Na LBHM foi membro da Seção de Puericultura e Higiene Infantil (1925, 1928). Paulo Maranhão (?-?) era inspetor escolar e foi membro da Seção de Educação e Trabalho Profissional (1928) da LBHM; segundo Pinheiro e Valente (2014, p. 98) “foi o precursor na introdução, no Distrito Federal, dos testes de escolaridade para avaliação objetiva do rendimento escolar”. Edgar Sussekind de Mendonça (1886-1958) foi professor, escritor e militante no campo da educação. Participou da criação da Associação Brasileira de Educação. Na LBHM foi membro da Seção de Educação e Trabalho Profissional (1928). (EDUCATIVA, 2017b).

²⁸ Anísio Spínola Teixeira (1900-1971) teve formação jesuítica, estudou Direito e optou pela carreira de educador. Fez mestrado em Columbia, com John Dewey. Em 1931 assumiu o cargo de diretor geral da Instrução Pública do Distrito Federal, promovendo um sistema centralizado de educação. Exerceu o cargo de conselheiro da educação superior da UNESCO, foi secretário geral da CAPES e diretor do INEP. Defendeu a educação como direito de todos e não como privilégio (SAVIANI, 2010).

Carneiro Leão²⁹ criaram uma nova imagem para a associação, mais politizada (TAMANO, 2018).

O *Manifesto dos Pioneiros* (1932) traça a importância de uma reconstrução nacional, necessária para o “desenvolvimento das forças econômicas e de produção” (MANIFESTO, 1932). À escola, neste momento, faltava um “espírito filosófico e científico”, ela estava “deformada pelo egoísmo e pela rotina” e se fixava na segregação social. O projeto dos Pioneiros defendia que o indivíduo tinha o direito de ser educado até que suas aptidões naturais o permitissem e o acesso à educação seria direito de todos, independentemente de sua condição socioeconômica. A hierarquia social passaria a ser democrática, pois era baseada nas “capacidades” de cada um. Essa perspectiva, portanto, ignorava a existência das classes sociais e diferenciava os alunos de acordo com suas “capacidades”, consideradas naturais.

Como afirma Tamano (2018, p. 122), “As aptidões naturais não eliminam a necessidade de determinadas condições socioeconômicas para serem desenvolvidas”. Apesar de suas críticas à escola tradicional, os escolanovistas não questionavam o modelo de sociedade dividido entre os que detêm e os que não detêm os meios de produção e, portanto, reproduziam:

[...] a lógica positivista da sociedade industrial, em que cada indivíduo se posiciona nas diferentes funções e atividades da indústria, de acordo com suas capacidades. Ou seja, a Escola Nova propunha levar para dentro da educação a própria vida, para que se cumprisse o papel de formar o homem moderno alienado submisso e ao grupo dominante. A Escola Nova brasileira se propunha, portanto, a preparar o aluno para responder aos dois anseios da classe dominante: o da ordem e o do progresso, sendo a ordem social entendida aqui como ordem burguesa e o progresso econômico entendido como progresso do capitalismo (MERCADANTE, 2015a, p. 43).

O debate entre os pioneiros e católicos continuou e ocorreu também na Assembleia Constituinte, onde se centrou sobre três pontos cruciais:

[...] a laicidade do ensino, a coeducação dos sexos e o monopólio da educação pelo Estado. Outros pontos foram igualmente importantes para o debate, tal como o financiamento da educação, a gratuidade e

²⁹ Antonio Carneiro Leão (1887-1966) foi um educador e escritor brasileiro nascido em Recife. Teve uma longa carreira no magistério universitário e na administração pública. Ocupou o cargo de diretor geral da Instrução Pública do Rio de Janeiro (1922-1926), onde fundou mais de 20 escolas, foi autor da Reforma da Educação em Pernambuco em 1928 e membro da Academia Brasileira de Letras (ABL, 2021a).

obrigatoriedade. A educação foi considerada um direito de todos, com o ensino primário integral gratuito e de frequência obrigatória, com uma tendência à gratuidade do ensino ulterior ao primário, liberdade de ensino e no que dizia respeito ao ensino religioso, este foi permitido de maneira facultativa (TAMANO, 2018, p. 126).

Neste momento, os católicos conquistaram a maioria e os reformadores ficaram isolados. As grandes conquistas do primeiro grupo foram a inserção do ensino religioso, mesmo que facultativo, na Constituição de 1934; a interferência da união no ensino público; a destinação de recursos públicos para a educação e a homogeneização curricular. Para Tamano (2018, p. 126), “a aproximação entre a Igreja e o Estado era ensaiada desde outubro de 1930”.

Os esforços de centralização do ensino, pelo mesmo governo, eram primordiais para que o Estado definisse os parâmetros educacionais, estabelecendo a ordem e a disciplina necessárias para o “novo” Brasil e apagando experiências do movimento negro e estrangeiras, especialmente as escolas anarquistas e socialistas. Se anteriormente, a revisão constitucional de 1926 já propunha uma educação primária abrangente, gratuita e obrigatória, nos anos subsequentes, os esforços de centralização do ensino ganharam mais fôlego. O Estado deveria “resgatar” a população que estava fora das instituições fundamentais de cidadania, o que significava expandir o acesso às camadas não-brancas e empobrecidas (FREITAS; BICCAS, 2009).

De 1931 a 1935, Anísio Teixeira assumiu a Instrução Pública do Distrito Federal que, apesar de ter aproveitado elementos das reformas de Carneiro Leão, em 1922, e de Fernando de Azevedo, em 1927, buscou reorganizar a educação da cidade. Inspirado pelas ideias do educador estadunidense John Dewey³⁰, uma das principais influências dos escolanovistas, buscou aplicar os seguintes princípios: “a criança como centro irradiador do processo de ensino e aprendizagem, a crença na democracia, a filosofia liberal, a confiança na educação enquanto meio possível para a liberdade da capacidade individual” (TAMANO, 2018, p. 136).

³⁰ John Archibald Dewey (1859-1952), filósofo e educador estadunidense, foi um dos principais nomes da corrente pragmatista ou instrumental. É uma importante referência para a pedagogia nova, e suas ideias estão ligadas ao ideal democrático e à participação ativa dos estudantes na construção do currículo e da prática escolar. Sua principal obra é *Democracia e Educação*, de 1916 (IPB, 2021). Segundo Stephanou (2006, p. 39), “Dentre os autores da educação citados pelos médicos, Dewey é, indiscutivelmente, o mais referido. Alguns médicos sugerem que as aproximações entre medicina e educação seriam mais fecundas a partir das ideias desse educador. Para Dewey, a educação era concebida como processo de vida, ‘educação é vida’, o que vinha a estabelecer proximidade com a concepção fisiológica da medicina, pautada pela noção de funcionamento do organismo e atividade da vida”.

Teixeira também reorganizou a Diretoria Geral de Ensino e criou serviços especializados, como o Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental (SOHM), coordenado por Arthur Ramos³¹, que fazia parte do Instituto de Pesquisas Educacionais. Ramos priorizava a influência do meio na manifestação dos “desajustamentos” humanos, especialmente dos meios familiares “desajustados” e se distanciava, portanto, da visão dos eugenistas mais radicais, que consideravam a hereditariedade como o principal fator de “degeneração” do indivíduo.

O SOHM atuou nas escolas experimentais estabelecidas por Anísio Teixeira, aplicando testes de inteligência para classificar os alunos, preparando fichas individuais para controlar a frequência escolar e registrar informações relativas às condições biológicas e sociais de cada estudante, orientando-os para uma classe e escola específicas.

Conforme aponta Mercadante (2015a), o SOHM tinha um caráter preventivo, voltado para todos os alunos, e também um caráter corretivo, para as crianças já “desajustadas”. Em ambos os casos, o objetivo perseguido era o da formação de hábitos saudáveis, “normais” e morais.

Apesar de Arthur Ramos se preocupar com a dimensão social desses “desajustamentos”, estava também inserido na ideologia higienista de controle social e adaptação do indivíduo para o progresso da nação. Aplicando conhecimentos da Psicanálise e da higiene mental ao escolanovismo, Mercadante (2015b) considera que Arthur Ramos representa a conexão entre essas ideias. Observa, também, que Ramos se apropriou de diferentes escolas da Psicanálise, sem aprofundamento teórico, muitas vezes combinando teorias conflitantes, agora descaracterizadas para servirem de aporte às propostas higienistas (MERCADANTE, 2015b).

Com base no trabalho desenvolvido à frente do Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental do Distrito Federal, Arthur Ramos publicou o livro *A criança problema*, no qual defende que 90% das crianças tidas como “anormais” em espaços escolares eram apenas vítimas de desajustamento social e familiar, podendo ser educadas. As crianças verdadeiramente “anormais”, no entanto, não poderiam ser educadas na escola regular (MERCADANTE, 2015a, p. 79-80).

³¹ Arthur Ramos de Araújo Pereira (1903-1949) foi um dos precursores da Psicanálise no Brasil e um dos grandes nomes da Higiene Mental e da Escola Nova brasileira. Formou-se Doutor em Ciências Médico-Cirúrgicas e atuou no Serviço Médico do Estado da Bahia (atual Instituto Nina Rodrigues) e na direção da Seção de Ortofrenia e Higiene Mental (SOHM) do Departamento de Educação e Cultura do Distrito Federal (MERCADANTE, 2015a).

Cada vez mais distante dos liberais, o governo e sua perseguição ao comunismo provocaram o afastamento de nomes como Anísio Teixeira dos órgãos educacionais: Teixeira pediu demissão do cargo de Diretor de Instrução Pública do Rio de Janeiro após acusações de estar envolvido nos levantes militares de 1935³². Seu projeto de reforma, de fato, não atendia à política educacional desejada pelo Estado Novo (TAMANO, 2018). No entanto, Arthur Ramos continuou na diretoria do SOHM até 1939, quando o serviço foi extinto.

No Estado Novo, o autoritarismo se revelava também no processo de remodelação e nacionalização da educação escolar, voltado para uma racionalização e moralização do ensino que, principalmente nos níveis secundário e superior, continuava profundamente seletivo. O objetivo de formar uniformemente uma mão-de-obra para a nascente indústria ficou claro com a criação, na década de 1940, de instituições como o Serviço Social da Indústria - SESI, o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial - SENAC e o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial- SENAI. “O Brasil oficializou a existência de uma modalidade de educação para os alunos pobres: a educação profissional” (FREITAS; BICCAS, 2009, p. 127).

Se, em certa medida, o acesso à educação foi expandido, a evasão escolar atingia níveis altos na década de 1930, pois concluir os estudos era um desafio para as crianças mais pobres, e a escolarização “parecia inóspita à maioria das crianças e jovens brasileiros” (FREITAS; BICCAS, 2009, p. 127). Os esforços pela universalização do ensino básico à totalidade da população, atendendo os interesses do mercado, continuariam por muitas décadas, bem como a argumentação que atribui ao pobre a responsabilidade por suas “desvantagens pessoais e sociais” e naturaliza a desigualdade social.

2.3.1 A segregação e a educação dos especiais

A Psicometria foi uma ferramenta essencial para os projetos educacionais escolanovista e higienista no Brasil. Por meio dos testes psicológicos e de inteligência,

³² Movimento de oposição ao governo Vargas que culminou com a tentativa de um golpe por militares articulados na Aliança Libertadora Nacional (ALN) com o apoio do Partido Comunista Brasileiro (PCB). Vianna (2003, p. 4) esclarece que “desde o início as rebeliões foram depreciativamente chamadas de ‘intentona’ e ‘intentona comunista’. O termo ‘comunista’ dava aos levantes as conotações negativas que se atribuíam ao comunismo: ser contra Deus, contra a pátria e contra a família, querendo instalar o inferno soviético no Brasil”.

as “aptidões naturais” das crianças eram mensuradas, possibilitando uma triagem inicial dos alunos e o estabelecimento de classes homogêneas. Os testes, nessa perspectiva, dotavam a educação de cientificidade e objetividade, e as dimensões histórica, social e política da educação eram esvaziadas (NUNES, 1998, p. 119).

Diante da segregação dos estudantes, a educação de alguns seria voltada para o trabalho manual, e de outros, responsáveis por guiar a nação rumo ao progresso, ao trabalho intelectual. Para Wanderbroock Júnior e Boarini (2007, p. 1), os testes psicológicos permitiam a elaboração de uma educação sob medida, entendida “como um processo de seleção dos mais aptos e sua separação social dos inaptos como forma de garantir uma nação saudável”.

Enfocando as aptidões e dificuldades individuais, os testes e a busca pela constituição das classes homogêneas possibilitaram o surgimento de uma nova categoria de estudantes, os tidos “anormais”, que não se encaixavam no ideal previsto pela instituição.

Segundo o *Manifesto dos Pioneiros* (1932), o indivíduo tinha o direito de ser educado até onde permitissem suas aptidões naturais, e a escola teria o dever de formá-lo moralmente. Aos “anormais”, seria necessária uma educação específica para contornar suas dificuldades e integrá-los na sociedade, por meio das classes especiais ou de instituições especializadas. No entanto, ainda eram poucas as instituições que abrigavam as crianças especiais no Brasil, e a aplicação dos testes atingia um público bastante restrito.

As propostas higienistas no Brasil não encontraram meios de aplicar os testes psicológicos de maneira que atingisse a toda a população, no entanto, sua ideologia culminou em efeitos catastróficos para o cenário educacional brasileiro, apresentando resultados que procuravam forjar uma compreensão para o fracasso das crianças nas escolas e apontar a inteligência como fator determinante para a aprendizagem. Assim, a ideologia higienista inventou a necessidade de diagnosticar a anormalidade através da psicometria, mascarando outras possibilidades para o enfrentamento dos problemas de aprendizagem, tais como a qualidade da educação oferecida às camadas menos favorecidas e outros determinantes sociais, econômicos e culturais (MERCADANTE, 2015a, p. 35).

Jannuzzi (2004) diferenciou três grandes pontos de vista sobre a Educação Especial que predominaram ao longo da história do país. Até a década de 1930, prevaleceu o foco na “manifestação orgânica da deficiência”, “no que faltava, na lesão” (JANNUZZI, 2004, p. 10-12). A influência da Medicina e da Psicologia foi fundamental na elaboração dessa vertente: os médicos ocupavam-se das “causas físicas,

neurológicas, mentais da deficiência, procurando também respostas em teorias de aprendizagem sensorialistas veiculadas na época” e a Psicologia enfatizou a importância da escola, dos métodos e técnicas de ensino e a ligação entre o coeficiente intelectual (QI) e o rendimento escolar (JANNUZZI, 2004, p. 12).

A primeira instituição brasileira para proporcionar educação aos “excepcionais” foi o Imperial Instituto dos Meninos Cegos, atual Instituto Benjamin Constant, criado em 1854 e idealizado por José Álvares de Azevedo. Em 1857, foi criado o Instituto dos Surdos Mudos, por iniciativa do professor francês Hernest Hüet, para crianças portadoras de deficiência auditiva. Conforme argumentam Bentes e Hayashi (2016) a criação desse instituto pode ser considerada um marco no ensino de pessoas surdas no Brasil e na institucionalização da Educação Especial no país.

Nos primeiros anos do século XX, Juliano Moreira, membro de destaque da LBHM, criou o Pavilhão Bourneville no Hospício Pedro II, destinado às crianças que anteriormente viviam na instituição junto aos adultos. Décadas antes, Moreira criou na Bahia um hospital que levou seu nome e fornecia assistência médica aos portadores de deficiência intelectual (MENDES, 2010, p. 94).

Roxo³³ (1939, p. 1) defendia que o Estado desenvolvesse políticas públicas para lidar com as crianças “anormais”. Em suas palavras:

Nas providências a serem tomadas em relação às crianças anormais o Estado deve desempenhar papel de grande monta. [...] A Liga de Higiene Mental pede que sejam ampliados e desenvolvidos os serviços de Assistência às Crianças Anormais, reconhecidamente pobres. [...] A educação da criança anormal é outro problema de que o Estado não pode se descurar. [...] Orientada a criança num ofício que seja compatível com sua capacidade mental ela poderá labutar em oficinas, nas quais haverá uma certa compreensão aos dispêndios que com ela o Estado fará. (ROXO, 1939, p. 3-4)

Ele mencionou algumas instituições de assistência a essas crianças que existiam no final da década de 1930 e a seção para “crianças anormais” “Sanatório da Rua

³³ Henrique de Brito Belford Roxo (1877-1969) doutorou-se em Medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro e frequentou a Clínica Psiquiátrica de Heidelberg e de München, onde se encontrava Emil Kraëpelin. Atuou como professor universitário, dirigiu o Pavilhão de Observações do Hospital Nacional de Alienados e o Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil – IPUB (1938-1946). Foi membro de diversas organizações médicas nacionais e internacionais, entre elas a Academia Nacional de Medicina, o Comitê Internacional de Higiene Mental de Nova York e a Liga Brasileira de Higiene Mental, da qual foi presidente de honra, membro do Conselho Executivo (1928) e presidente (ANM, 2021b).

Voluntários da Pátria”, comandada por ele e por Eurico de Figueiredo Sampaio³⁴, ambos membros da Liga Brasileira de Higiene Mental. Apesar disso, notou que nem todas as famílias possuíam recursos para destinar seus filhos especiais a estas instituições.

Outra integrante da LBHM que contribuiu para o desenvolvimento da Educação Especial no Brasil foi Helena Antipoff (1892-1974) psicóloga e pedagoga nascida na Rússia. Discípula de Claparède³⁵, ela veio ao Brasil para auxiliar na implantação da reforma Francisco de Campos em Minas Gerais, e seu contrato previa a aplicação dos testes nos escolares para a organização de classes homogêneas (RAFANTE; LOPES, 2013, p. 342). Antipoff foi criadora da Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais e, posteriormente, da Sociedade Pestalozzi do Brasil, que ocupou papel de destaque no campo da Educação Especial no país.

³⁴ Eurico de Figueiredo Sampaio (?-?) psiquiatra e neurologista, foi membro da Seção de Higiene Militar (1928) e do Conselho Executivo (1944) da LBHM. De acordo com Martins (2018), doutorou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1922, e ocupou o cargo de Chefe do Serviço de Patologia do Hospital Nacional de Alienados. Também foi fundador e médico do Sanatório Henrique Roxo. Mathias (2017, p. 186) informa que Eurico era conchunhado de Henrique Roxo.

³⁵ Édouard Claparède (1873-1940) nasceu em Genebra, Suíça. O médico e psicólogo se destacou pelos seus estudos nas áreas da psicologia infantil e da pedagogia. Criou o Instituto Jean-Jacques Rousseau (ou Academia de Genebra) e foi co-fundador do Escritório Internacional de Educação, que hoje é um órgão da UNESCO. Sua obra influenciou o desenvolvimento de importantes teorias educacionais do século XX, como a Escola Nova e o cognitivismo de Jean Piaget, seu discípulo (NOVA ESCOLA, 2008).

3 A LIGA BRASILEIRA DE HIGIENE MENTAL E SEUS ARCHIVOS

Nessa seção são apresentadas a Liga Brasileira de Higiene Mental (LBHM) e os Arquivos Brasileiros de Higiene Mental (ABHM), periódico criado pela instituição em 1925.

3.1. A Liga Brasileira de Higiene Mental (LBHM)

Em 1923 foi criada a Liga Brasileira de Higiene Mental (LBHM), a primeira organização de medicina social da América Latina. A sede da associação esteve no Pavilhão Argentino da Exposição do Centenário da Independência, localizado na Avenida das Nações, no Rio de Janeiro, até 1926, quando foi deslocada para um salão do Instituto de Surdos-Mudos, na Rua das Laranjeiras, nº 232. A LBHM ocupou este endereço até 1930, quando o espaço foi solicitado pelo Instituto e a Liga estabeleceu sua nova sede no Edifício Odeon, na Praça Floriano³⁶, n. 7, 5º andar, sala 516.

Seu fundador e primeiro presidente foi o psiquiatra Gustavo Riedel, docente da Faculdade Nacional de Medicina, membro da Academia Nacional de Medicina e diretor do Hospital Colônia do Engenho de Dentro, local onde promoveu diversas mudanças no tratamento dado aos pacientes psiquiátricos, de acordo com os preceitos higienistas.

Na ocasião da sua fundação, a LBHM contou com oitenta e seis membros (ABHM, 1941b), e entre eles havia nomes significativos da elite intelectual e política brasileira. Além de Gustavo Riedel foram membros fundadores da organização: Ernani Lopes, Plínio Olinto, Zopiro Goulart, Alberto Farani, Edilberto de Campos, Gustavo Rezende e Juliano Moreira, citados na “Ata de fundação e organização da Liga de Higiene Mental” (ABHM, 1941b).

A Figura 1 mostra os três primeiros presidentes da LBHM: Gustavo Riedel, Faustino Esposel e Plínio Olinto.

³⁶ A área é popularmente chamada de Cinelândia, devido ao grande número de salas de cinema existentes no século XX. Atualmente, perdura apenas o Cine Odeon, localizado no histórico Edifício Odeon (LUCENA, 2015).

Figura 1 – Primeiros presidentes da LBHM

Fonte: ABHM, 1932d, s.p.

Dentre os membros honorários da LBHM neste momento figuravam o presidente da República (1922-1926) Arthur Bernardes e dois de seus ministros, João Félix Alves Pacheco e João Luís Alves, o prefeito do Distrito Federal Alaôr Prata Leme Soares, além de deputados, juízes e senadores.

Reconhecida como de utilidade pública pelo Decreto nº 4.778 de 27 de dezembro de 1923 (BRASIL, 1923), a Liga financiava suas atividades com recursos públicos

recebidos da União³⁷ e do município do Rio de Janeiro³⁸ e com doações de particulares. Em diversos momentos, as atividades da Liga foram impactadas e até mesmo paralisadas devido ao cenário político brasileiro, já que dependiam de recursos municipais e federais. Alguns projetos da Liga foram patrocinados pelo Governo Federal, como a terceira Semana Antialcoólica.

A estrutura organizacional da LBHM era composta por membros que desempenhavam diversas funções que foram modificadas conforme os estatutos eram atualizados (Quadro 1).

Quadro 1 – Estrutura organizacional da LBHM

Anos	Membros
1923	Presidentes Honorários (Presidente da República, Ministros do Exterior, do Interior e da Justiça, Juiz do Supremo Tribunal, Senadores, Deputados, Prefeito do Distrito Federal, Representantes do Conselho Municipal). Membros Honorários Membros Beneméritos Diretoria (Presidente, Vice-Presidente e Secretário-Geral) Conselho Executivo Conselho Deliberativo Delegados Regionais 16 Seções de Estudos
1925	Manteve-se a composição anterior e foi alterada a denominação da Diretoria para Comissão Executiva Central (Presidente, Vice-Presidente e Secretário-Geral). Acréscimo de: Membros Correspondentes Membros Honorários Estrangeiros 12 Seções de Estudos
1928	Manteve-se a composição anterior 12 Seções de Estudos
1932	Manteve-se a composição anterior com pequenas modificações nas denominações de duas seções 12 Seções de Estudos

Fonte: Elaboração da autora

³⁷ Nos ABHM (LOPES, 1925a, p. 210, p. 213), menciona-se que a LBHM recebeu 30 contos de réis em 1924 e em 1925 do Governo Federal. Em 1942 a Liga relata ter recebido 15 contos de réis de subvenção federal (ABHM, 1943b, p. 92) e em, 1943 (ROXO, 1944, p. 113) e 1944 (ROXO, 1945/1946, p. 12) foram recebidos 20 mil cruzeiros.

³⁸ Em 1925 a LBHM recebeu 12 contos de réis do Conselho Municipal (LOPES, 1925a, p. 213). No ano seguinte, o valor foi reduzido pela metade (LOPES, 1929, p. 28), mas em 1930 a subvenção municipal anual voltou a ser de 12 contos de réis (ABHM, 1930a, p. 219-220). Em 1931, a LBHM assinou um contrato com a Prefeitura para a prestação de serviços, o que lhes agregou 35 contos de reis anuais. Em 1942 (ABHM, 1943b, p. 94-95), foi publicado que a subvenção municipal era de 10 contos, e passa a ser de 20 contos de réis. Nos anos de 1943 (ROXO, 1944, p. 113) e 1944 (ROXO, 1945/1946, p. 12) a associação recebeu 20 mil cruzeiros de subvenção municipal.

Conforme estipulava o Artigo 1º. do estatuto da LBHM, as finalidades da associação eram:

[...] a) prevenção das doenças nervosas e mentais pela observância dos princípios da higiene geral e especial do sistema nervoso; b) proteção e amparo no meio social dos egressos dos manicômios e aos deficientes mentais passíveis de internação; c) melhoria progressiva nos meios de assistir e tratar os doentes nervosos e mentais em asilos públicos, particulares ou fora deles; d) realização de um programa de Higiene Mental e de Eugénica no domínio das atividades individual, *escolar*, profissional e social. (ABHM, 1925b, p. 223. Grifos meus).

A LBHM apoiava o fortalecimento eugênico da população, mas se a Liga não podia selecionar os indivíduos rigorosamente pela eugenia, estes seriam sujeitos a ações profiláticas para serem ajustados ao padrão de normalidade da instituição (OLIVEIRA, 2011, p. 638), incluindo atividades a serem realizadas nas escolas. Nos estatutos, registrava-se oficialmente a preocupação e pretensão da LBHM em atuar no âmbito da educação.

Para a consecução dos objetivos da LBHM previam-se no Artigo 2º. do estatuto as seguintes incumbências:

a) atuar junto aos poderes públicos federais, estaduais, e municipais, sugerindo medidas e obtendo realizações; b) propagar as modernas ideias sobre profilaxia mental; c) *estudar todos os problemas relativos à higiene do sistema nervoso*; d) *publicar periodicamente os seus trabalhos em revista por ela mantida*; e) *promover a realização de Congressos de Higiene Mental e de Eugénica*; f) manter relações com associações congêneres nacionais e estrangeiras; g) instalar em sua sede social, uma biblioteca relativa à higiene mental e ciências afins, franqueando-a a todos os interessados. (ABHM, 1925a, p. 223-224. Grifos meus).

Para dar cumprimento ao disposto nos itens “c”, “d” e “e” foram organizadas “Seções de Estudo”, cada uma inicialmente composta por até dez membros. Essas seções sofreram modificações em 1925: no Estatuto de 1923 eram dezesseis seções, e em 1925 essas passam a ser doze. Além disso, em 1928 algumas seções tiveram suas denominações alteradas – a Seção de Delinquentes, por exemplo, passou a ser nomeada Seção de Delinquência. Outras seções foram extintas – como a Seção de Pedagogia e a Seção de Doenças Venéreas e Nervosas – e outras ainda foram fundidas, como a Seção de Medicina Legal e a Seção de Indigentes e Vagabundos, dando origem à Seção de Medicina Legal, Indigência e Vadiagem.

O Quadro 2 apresenta as denominações das Seções de Estudos conforme os estatutos de 1923, 1925 e 1928 e modificações pontuais ocorridas em 1932, a despeito de não ter havido mudança estatutária naquele ano. Em vermelho estão assinaladas as alterações que ocorreram nas denominações das seções.

Quadro 2 – Seções de Estudos da LBHM

Anos	Seções de Estudo
1923	Seção de Dispensários e Egressos de Manicômios Seção de Deficiência Mental Seção de Serviços Sociais Seção de Delinquentes Seção de Educação e Legislação Social Seção de Trabalho Profissional Seção do Ensino de Neuropsiquiatria Seção de Pedagogia Seção Militar Seção de Propaganda e Publicações Seção de Puericultura e Higiene Infantil Seção de Doenças Venéreas e Nervosas Seção de Doenças Gerais e suas relações com o Sistema Nervoso Seção de Cirurgia Geral e Especializada em suas relações com o Sistema Nervoso Seção de Medicina Legal Seção de Indigentes e Vagabundos
1925	Seção de Dispensários e Egressos de Manicômios Seção de Deficiência Mental Seção de Serviços Sociais e Legislação Seção de Delinquência Seção de Educação e Trabalho Profissional Seção do Ensino de Neuropsiquiatria Seção de Medicina Militar Seção de Propaganda e Publicações Seção de Puericultura e Higiene Infantil Seção de Medicina Geral e Especializada em suas relações com o Sistema Nervoso Seção de Cirurgia Geral e Especializada em suas relações com o Sistema Nervoso Seção de Medicina Legal, Indigência e Vadiagem
1928	Seção de Dispensários e Assistência Social Seção de Assistência Hospitalar aos Psicopatas Seção de Estudos sobre Legislação Social Seção da Medicina Legal e Prevenção da Delinquência Seção de Educação e Trabalho Profissional Seção de Ensino e Vulgarização da Neuropsiquiatria Seção de Higiene Militar Seção de Propaganda e Publicidade Seção de Puericultura e Higiene Infantil Seção de Medicina Geral e Especializada em suas relações com o Sistema Nervoso Seção de Cirurgia Geral e Especializada em suas relações com o Sistema Nervoso Seção de Psicologia Aplicada e Psicanálise

Quadro 2 – Seções de Estudos da LBHM (continuação)

1932	Seção de Dispensários e Assistência Social Seção de Assistência Hospitalar aos Psicopatas Seção de Legislação Social Seção da Medicina Legal e Prevenção da Delinquência Seção de Educação e Trabalho Profissional Seção de Ensino e Vulgarização da Neuropsiquiatria Seção de Higiene Militar Seção de Propaganda e Publicidade Seção de Higiene Mental Infantil Seção de Medicina Geral e Especializada em suas relações com o Sistema Nervoso Seção de Cirurgia Geral e Especializada em suas relações com o Sistema Nervoso Seção de Psicologia Aplicada e Psicanálise
------	---

Fonte: Elaboração da autora

Entre outras atribuições dessas seções constava também que a Diretoria da Liga poderia solicitar o auxílio destas para “eficiência de qualquer dos objetos da higiene mental ou da Eugénica em geral” (ABHM, 1925b, p. 228).

3.2. A revista **Arquivos Brasileiros de Higiene Mental**

A revista *Arquivos Brasileiros de Higiene Mental* (ABHM)³⁹ foi criada pelo presidente da LBHM Gustavo Riedel e começou a circular em 1925, com duas edições. Apesar do desejo da Diretoria da Liga de publicar novas edições com mais frequência (ABHM, 1925b, p. 1), a terceira publicação só ocorreu em outubro de 1929. O editor Mirandolino Caldas⁴⁰ não menciona explicitamente as causas dessa demora, mas menciona que a Liga enfrentava dificuldades para concretizar seus objetivos, entre eles a falta de recursos (MARTINS, 2005).

No editorial dessa edição, os ABHM informavam que se publicava com “um número menor de páginas, mas em compensação, de semestrais que eram, se transformaram em revista mensal [...] aparecendo no dia 15 de cada mês” (ABHM, 1929c, p. 1-2). Além disso, a revista apresentava-se como “órgão oficial da Liga Brasileira de Higiene Mental” e juntas tinham “uma grande e nobre missão a realizar:

³⁹ A coleção dos exemplares dos ABHM encontra-se disponível online no site do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre o Higienismo e Eugenia (GEPHE) da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Vale observar o esforço desses pesquisadores em preservar essa documentação.

⁴⁰ Mirandolino Caldas (?-?) foi secretário-geral da LBHM, editor dos ABHM e diretor da Clínica de Eufrenia da instituição. Apesar das poucas informações disponíveis sobre sua biografia, sabe-se que era médico psiquiatra, conforme informado nos ABHM (1928), e Capitão Médico da Reserva do Exército Brasileiro, convocado a administrar o Posto Avançado de Neuropsiquiatria do Serviço de Saúde da FEB em 1944 (PICCININI, 2019).

órgão de doutrina e de combate, eles se propõem a abrir, em nosso meio, a senda por onde possam enveredar, crescer e frutificar os ideais de higiene mental e eugenia, que consubstanciam o programa daquela Instituição”. Exaltando os feitos dos associados e da própria associação, a revista buscava destacar o papel da LBHM na construção de um novo Brasil, que entendiam ser saudável e moderno (CARRARO, 2020).

Assim, os ABHM voltaram a circular de 1929 até 1947. Sua periodicidade foi irregular, bem como houve modificações nas denominações de algumas seções. Os 29 números publicados entre 1925 e 1935 foram coordenados por Ernani Lopes⁴¹, que durante este período ocupou vários cargos na diretoria da LBHM: foi secretário-geral e membro da Seção de Propaganda e Publicações (1923), membro da Seção de Legislação Social, vice-presidente (1925) e presidente (1928), exercendo juntamente com Mirandolino Caldas a função de editor dos ABHM. Para auxiliá-los, eles contavam com vários redatores e colaboradores.

Devido ao hiato entre os anos de 1936 e 1938 na coleção dos ABHM disponibilizados pelo GEPHE⁴², não foi possível identificar quando se encerrou a editoria de Ernani Lopes. Em 1939 observa-se que atuava como redator-chefe o novo presidente da LBHM Henrique Roxo e o secretário de redação era Eudóxio de Paiva Araújo. Os demais editores eram Aauto Botelho, Pernambuco Filho, Eurico Sampaio, Ernani Lopes, Moraes Coutinho, Januário Bittencourt, Odilon Gallotti, Plínio Olinto, Raul Bittencourt e Flávio de Souza.

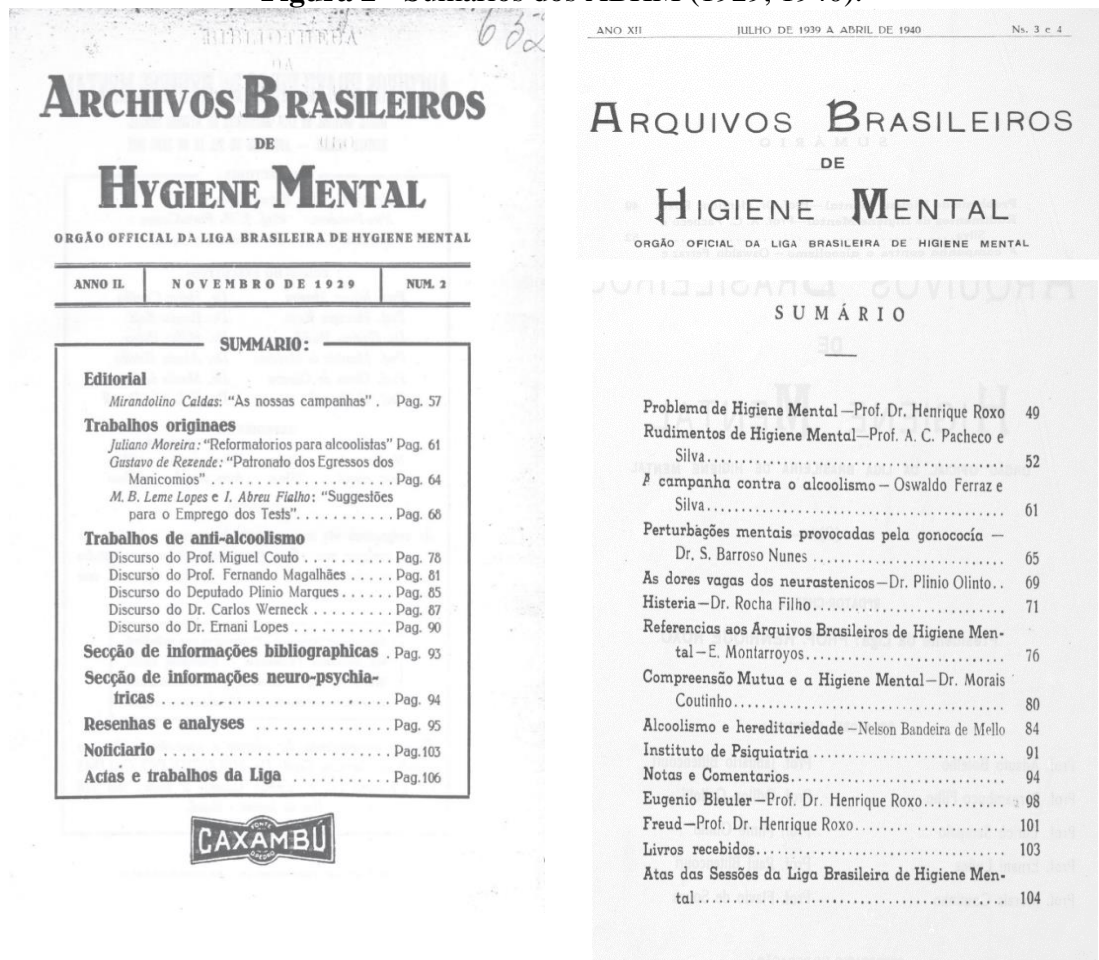
Os textos⁴³ publicados nos ABHM (n=879) estavam organizados em seções com duração permanente, pois apareciam em todos os volumes apesar de mudanças sutis na denominação, e seções esporádicas destinadas a abordar um tema específico. Estas geralmente tinham curta duração e eram descontinuadas tão logo cessava o interesse em divulgar a temática. Entretanto, nem sempre a edição publicada trazia a denominação da seção no sumário ou internamente, dificultando sua identificação, como mostra a Figura 2.

⁴¹ Ernani Lopes (1885-1969), neurologista e psiquiatra, foi médico do Hospital Nacional dos Alienados, diretor da Colônia de Psicopatas do Engenho de Dentro e membro da Academia Nacional de Medicina. (ACCORSI, 2018).

⁴² Na coleção dos ABHM disponibilizada pelo GEPHE há uma lacuna referente aos anos de 1936, 1937 e 1938, período em que foram publicados os volumes 9, 10 e 11. Ademais, alguns exemplares apresentam páginas ou trechos ilegíveis. Entramos em contato com outras instituições, buscando ter acesso a esse material, mas não obtivemos sucesso.

⁴³ Adotamos a nomenclatura “texto” para se referir ao conteúdo das publicações dos ABHM, pois nem todas eram artigos, haja vista a existência de fotografias, notícias, relatórios, atas, etc.

Figura 2 - Sumários dos ABHM (1929, 1940).



Fonte: ABHM, 1929b, 1940

Os autores dos textos publicados nos ABHM (n=879) geralmente eram membros da LBHM, convidados que haviam apresentado conferências e palestras na Liga ou pesquisadores estrangeiros, com os quais a Diretoria mantinha contato.

A Tabela 1 apresenta as seções da revista, a descrição de seus escopos, e a distribuição temporal de textos publicados.

Tabela 1 – Seções dos ABHM

Anos	Seções	Escopo	Textos
1925-1947	Atas e Relatórios da LBHM	Atas de assembleias, sessões, reuniões, trabalhos e relatórios da LBHM.	115
1929-1935	Editorial	Apresenta informações sobre a revista e posicionamentos da LBHM sobre diversos assuntos.	30
1925-1947	Trabalhos Originais	Artigos inéditos e da lavra de associados pertencentes às seções técnicas da LBHM ou de autores convidados.	167

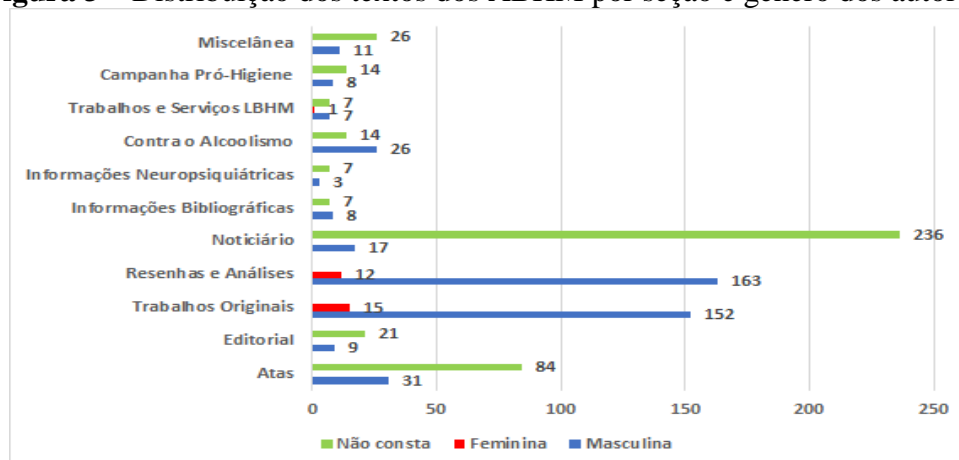
Tabela 1 – Seções dos ABHM (continuação)

1925-1935	Resenhas e Análises	Resenhas analíticas de livros e artigos, a maioria publicada no exterior.	175
1925-1947	Noticiário Fatos e Comentários Notas e Comentários Publicações recebidas	Informes sobre a LBHM, publicações recebidas, votos de felicitações e pesar, registro de eventos, etc.	253
1929-1931	Informações Bibliográficas	Respostas a pedidos de leitores sobre referências bibliográficas relativas à higiene mental.	15
1929-1930	Informações Neuropsiquiátricas	Respostas a consultas de médicos sobre ajudas em casos clínicos.	10
1925; 1929-1934; 1947	Contra o alcoolismo: em favor da higidez mental Trabalhos de Antialcoolismo	Artigos, bibliografia, comentários, estatísticas, conferências, eventos e campanhas sobre o alcoolismo e antialcoolismo.	40
1925; 1932	Trabalhos da LBHM Serviços da LBHM	Conferências de convidados e trabalhos de propaganda da LBHM. Fotos, lista de materiais, balanço das seções, etc.	15
1933-1934	A Campanha Pró-Higiene Mental Trabalhos de propaganda pró-Higiene Mental	Sessões preparatórias, atas, relatórios, balancetes, conferências e palestras de divulgação.	22
1925-1947	Miscelânea*	Incluía textos, fotografias, índice geral de volumes, etc.	37
TOTAL			879

(*) Seção inexistente nos ABHM. Foi criada para reunir textos esparsos sem vinculação às seções permanentes.

Fonte: Elaboração da autora

A Figura 3 apresenta a distribuição dos textos (n=879) de acordo com a seção e o gênero dos autores.

Figura 3 – Distribuição dos textos dos ABHM por seção e gênero dos autores*

(*) Há dupla contagem de autores por seção, pois um mesmo autor pode ter contribuído com mais de um texto.

Fonte: Elaboração da autora

Verificamos que 47,3% (n=416) dos textos não eram assinados. Contudo nos demais (n=463) os homens (n=435) prevaleciam e as mulheres (n=28) eram minoria. Esses achados mostram como as vozes femininas eram inaudíveis nas sociedades científicas do início do século XX, um reflexo da sociedade patriarcal no período (HAYASHI et al, 2007).

A leitura integral dos textos (n=879) dos ABHM permitiu descrever o conteúdo de cada seção, além de apresentar alguns exemplos que nos chamaram a atenção.

Presente nos ABHM entre 1925 e 1935, a seção “Editorial” publicou nesse período 30 editoriais. De modo geral, essa seção da revista introduzia o conteúdo abordado nas demais seções, além de trazer notícias sobre a LBHM e sobre os ABHM e anunciar eventos que promoviam a higiene mental e eugenia. O “Editorial”, na maioria das vezes, não era assinado (n=17); em alguns casos, os textos foram atribuídos a “A Redação” (n=2), mas pode-se supor que seus autores eram os editores. Uma minoria (n=2) dos editoriais foi assinada pela LBHM ou pelos editores Mirandolino Caldas (n=7) e Ernani Lopes (n=2).

Algumas vezes os editoriais também apresentavam o posicionamento da revista e da LBHM sobre a higiene mental e a eugenia, defendendo questões que entendiam ser de interesse para essa causa. Foi o caso de um editorial publicado em 1930, assinado pela Liga que fez um apelo às “coletividades várias, solicitando-lhes a colaboração preciosa na luta contra o flagelo do álcool em nosso país”. O alvo desse pedido eram as mulheres brasileiras e associações de intelectuais femininas⁴⁴, às quais a Liga apela para que o exemplo de um “núcleo de abnegadas senhoras que mourejam neste setor da profilaxia social (...) seja seguido por muitíssimas outras, de modo que a coletividade inteira venha a sentir o benéfico influxo de tão sadio proselitismo”. (ABHM, 1930b, p. 193).

A seção “Trabalhos originais” dos ABHM publicava artigos (n=167) sobre higiene mental de autoria de associados da LBHM e de convidados. Dessa perspectiva, era uma espécie de “voz oficial” da Liga. Porém, nem todos os artigos publicados ininterruptamente de 1925 a 1947 eram inéditos, pois alguns já haviam sido apresentados como comunicações nas Seções de Estudos da LBHM, palestras, conferências ou trabalhos em eventos científicos realizados no Brasil e em outros

⁴⁴ Como a Federação Brasileira para o Progresso Feminino (FBPF), fundada por Bertha Lutz, que atuou na defesa do acesso dos direitos políticos, civis e sociais às mulheres, como a educação e o voto. O texto menciona ainda a União Universitária Feminina, fundada pela FBPF em 1929.

países. Alguns eram artigos traduzidos que haviam sido publicados em periódicos do exterior, e outros eram transcrições de capítulos de livros já publicados ou ainda em fase de publicação.

A maioria dos artigos era acompanhada de resumo em outras línguas: inglês (n=45), francês (n=40), espanhol (n=13), alemão (n=8), italiano (n=1). Alguns poucos resumos eram bilíngues: português e inglês (n=3) e português e francês (n=3), mas 32,9% (n=54) não possuíam resumo. Os artigos (n=83) com resumos em inglês e francês representaram 50,3% do total.

Esses resultados chamam a atenção para as línguas francas da ciência adotadas neste período, que podem ser entendidas como o “modo de exprimir, escrito ou verbal, que sirva para povos de diferentes idiomas se comunicarem entre si” (FORATTINI, 1997, p. 3). Também é válido supor que a escolha dos idiomas escolhidos pelos autores para divulgar seus artigos estivessem relacionadas às influências teóricas advindas das literaturas científicas norte-americana e europeia no campo da higiene mental e eugenia, haja vista que muitos membros da LBHM realizaram estudos no exterior e tiveram contato com essas literaturas.

Podemos cogitar, ainda, a possibilidade de que os autores desejassem que seus trabalhos obtivessem mais visibilidade junto a pesquisadores e cientistas do campo da higiene mental e eugenia com os quais os membros da LBHM tiveram contato durante visitas no exterior e/ou participação em congressos nacionais e internacionais. Por exemplo, Roxo (1929, p. 134-138) publicou um artigo na seção “Trabalhos originais” em que relata a sua participação em um congresso realizado em New Haven, Connecticut, EUA. De outra feita, a LBHM levou uma delegação à França, chefiada por Oscar da Silva, para estudo da propaganda antialcoólica (ABHM, 1929a, p. 24). Não por acaso, pesquisadores de vários países – Clifford Beers (EUA), Gustavo Riedel (Brasil), Edouard Toulouse (França), R. Sommer (Alemanha), W. White (Estados Unidos) e Shuzo Kure (Japão) – que participaram do I Congresso Internacional de Higiene Mental, realizado em Washington, EUA em 1930 foram homenageados pelos ABHM na edição de março daquele ano (Figura 4).

Figura 4 – Participantes do I Congresso Internacional de Higiene Mental, 1930



Fonte: ABHM, v. 3, n.3, s.p., s.t., março 1930.

Outro exemplo pode ser encontrado em um editorial dos ABHM assinado por Mirandolino Caldas (1930, p. 69). Este informava que Gustavo Riedel havia estado nos EUA e em Cuba no ano de 1922, ocasião em que representou o Brasil no Congresso Latino-Americano e ao voltar fundou a LBHM.

Alguns temas abordados nos artigos da seção “Trabalhos Originais” eram de natureza polêmica, por exemplo, aquele intitulado “Como evitar proles degeneradas” de autoria de Alberto Farani (1931), presidente da Seção de Estudos de Cirurgia e Sistema Nervoso da LBHM. Em uma nota de rodapé, a redação dos ABHM informava que “acentuaremos caber pessoalmente ao nosso consocio a responsabilidade dos conceitos de feição polemista que se encontram no seu trabalho” (FARANI, 1931, p. 169). Outro artigo, de autoria de Mirandolino Caldas, intitulado “Uma receita para a Clínica de Eufrenia”, também parece ter causado desentendimentos entre o autor e Ernani Lopes, que na ocasião era editor-chefe dos ABHM. A nota de rodapé de autoria do próprio Mirandolino Caldas, informava que:

O presidente da Liga, dr. Ernani Lopes tomou a resolução de publicar neste número dos 'Arquivos' uma 'receita' que o diretor da Clínica de Eufrenia endereçou aos pais de um dos clientezinhos do seu Serviço e que tivera o ensejo de ler e comentar, a título ilustrativo, na sessão solene realizada em 21 do corrente, em homenagem aos patronos e 'patronesses' da Clínica de Eufrenia e do Patronato dos Egressos dos Manicômios. Esforçávamo-nos por evitar, agora, essa publicação, desejosos que estávamos de somente dar à publicidade trabalhos já encerrados, quer do ponto de vista dos estudos clínico, psicológico e social, quer do ponto de vista dos resultados neuro-profiláticos, ou terapêuticos, fossem esses favoráveis ou desfavoráveis. O prezado mestre não concordou, porém, com o nosso ponto de vista e manteve a decisão de estampar nestas colunas, a referida prescrição. Aí vai, pois, a 'receita' em questão que servirá apenas para mostrar uma das modalidades de trabalho já em execução na Clínica de Eufrenia. – M.C. (CALDAS, 1933b, p. 95).

A temática da eugenia tratada sob a perspectiva da religião também foi motivo de polêmica nas páginas da seção "Trabalhos Originais" dos ABHM, haja vista a nota de rodapé da redação sobre o artigo "As nevroses dos 'forçados da castidade'" de Renato Kehl (1934):

A publicação do presente artigo do nosso mui prezado amigo e consocio Dr. Renato Kehl que, entre parêntesis foi apresentado na ortografia simplificada que é a adotada pelo autor, não pode deixar de ser precedida de uma ressalva expressa, uma vez que, em nossa Liga, agremiação rigorosamente neutra em matéria religiosa, de modo algum existiria unanimidade em favor dos pontos de vista defendidos pelo autor. Si este trabalho fosse submetido a uma assembleia da Liga, é positivo que uma parte dos assistentes protestaria contra a veemência dos ataques à Igreja nele contidos, outros lembrariam que em nossa associação o eminente mestre Prof. Olinto de Oliveira realizou, em 12 de agosto de 1928, brilhante conferência (vide 'Arquivos', v.2, n.3) sobre o 'amor e a higiene mental', em a qual se mostrou decidido partidário da castidade dos jovens, e, embora reconhecendo, quanto aos adultos, a possibilidade de conseqüências patológicas do excessivo ascetismo, não julga caiba ao médico aconselhar o cliente a procurar mulheres – outros, ainda, diversamente opinassem. O que ninguém poderia, é certo, pôr em dúvida seria a sinceridade de Renato Kehl, que só tem em mira a realização de seu sublime ideal de eugenia. A Liga Brasileira de Higiene Mental que tem merecido, por mais de uma vez, o honroso apoio da Igreja Católica nas suas campanhas de higiene social, e que deseja continuar a merece-lo, não podia, entretanto, deixar de dar, de público, neste momento, a presente explicação, tanto mais quanto, como não se ignora, trata-se, para a Igreja, na espécie, de fatos de ordem apenas disciplinar, não dogmática. Amanhã, pode o Supremo Pontífice clerical revogar a secular obrigatoriedade da continência para os seus colaboradores. (KEHL, 1934, p. 104-105).

Esses exemplos demonstram que havia grandes divergências na leitura dos problemas sociais dentro do movimento de higiene mental e, conseqüentemente, dentro da própria Liga (MENDONÇA, 2006). Essas diferenças se estendiam também para as causas das doenças mentais que a instituição buscava combater: os desajustamentos sociais e humanos, que tornavam o indivíduo mais vulnerável às doenças, seriam o alcoolismo; a delinquência; doenças sexualmente transmissíveis, em especial a sífilis; a tuberculose; a depressão; dentre outros. Alguns autores davam maior ênfase às questões biológicas, enquanto outros os encaravam como problemas de adaptação social. Para Roxo (1925), por exemplo, os principais fatores na gênese das doenças mentais seriam a sífilis, o alcoolismo, o espiritismo (visto que conduziria episódios de delírio) e a constituição psicopática, ligada a hereditariedade.

A análise dos artigos (n=164) da Seção “Trabalhos Originais” dos ABHM também revelou vários aspectos sobre autores, autorias, e o gênero dos autores (Tabela 2). A presença feminina foi destacada com o uso da cor vermelha.

Tabela 2 – Distribuição dos autores e artigos da Seção “Trabalhos Originais” dos ABHM

Autores	Contribuição	Gênero		Artigos
		Homem	Mulher	
Henrique Roxo	15	1	0	15
Ernani Lopes	9	1	0	9
Oswaldo Camargo	8	1	0	8
Renato Kehl	6	1	0	6
J. Porto-Carrero, Juliano Moreira, Plínio Olinto	5	3	0	15
Nelson Bandeira de Melo; Maria Brasília Leme Lopes* ; Mirandolino Caldas	4	2	1	12
A. C. Pacheco e Silva; A. Xavier de Oliveira; Adalberto de Lira Cavalcante; Arthur Ramos; Brahim Jorge; Flavio de Souza; Gustavo de Rezende; Heitor Carrilho; Juana M. de Lopes ; Júlio Paternostro; Waldemar de Almeida	3	10	1	33
Adauto Botelho; Alberto Farani; Carlos Augusto Lopes; Cunha Lopes; Erasmo Braga; Faustino Esposel; Helena Antipoff ; Januário Bittencourt; José Leme Lopes; Morais Coutinho; Murillo de Campos; Odilon Galloti; Pedro Pernambuco Filho; Ulysses Pernambucano*	2	13	1	28

Tabela 2 – Distribuição dos autores..... (Continuação)

Anita Paes Barreto*; Álvaro Cardoso; Ângelo Godinho dos Santos; Carlos Penafiel; Claudio Araújo Lima; E. Montarroyos; Elso Arruda; F. de Sá Pires; Flora E. Strout; Gustavo Riedel; Heitor Péres; Hosannah de Oliveira; Idalina de Abreu Fialho*; Isaias Alves; J. Moreira da Fonseca; J. P. Fontenelle; James Ferraz Alvim; José Carneiro Ayrosa; Jurandir Manfredini; L. de Oliveira Lima Filho; Lair Ximenes; Lauro Neiva; Leoni Kaseff; Liga de Higiene Mental de Pernambuco**; Maria Antonieta de Castro; Mario Reis; Mario Saturnino; Mauricio de Medeiros; Melchiades Picanço; Moncorvo Filho; Nicolau Cortat Frossard; Oscar Ramos; Oswaldo Ferraz Alvim; R. E. Hemphill*; Raul Bittencourt; Rodrigo Ulisses de Carvalho; Rubião Meira; S. Barroso Nunes; Silvio Aranha de Moura; Victor Delfino; Virginia Leone Bicudo; Waclaw Radecki; W. Grey Walter*	1	34	7	41**
Total	53	66	10	167*

(*) Não há dupla contagem das coautorias. (**) Incluído o artigo de autoria institucional.

Fonte: Elaboração da autora

Na Tabela 2, o total de autores (n=76) não incluiu os repetidos. Os autores (n=35) que fizeram entre 2 e 15 contribuições foram responsáveis por 75,4% (n=126) do total de artigos; e aqueles (n=41) que fizeram apenas uma contribuição responderam por 24,5% (n=41) do total de artigos. O único artigo com autoria institucional foi assinado pela Liga de Higiene Mental de Pernambuco.

As autorias únicas (n=161) representaram 96,4% do total de artigos (n=167) quando comparadas aos 1,8% (n=3) dos artigos em coautoria publicados na Seção “Trabalhos Originais” dos ABHM que foram assinados por Maria Brasília Leme Lopes e Idalina de Abreu Fialho (1929); Ulysses Pernambucano e Anita Paes Barreto (1930); e um artigo de R. E. Hemphill e W. Grey Walter (1943). Vale observar que este último se tratava da tradução de um artigo publicado originalmente no ano de 1941, na revista científica *The Lancet*.

Quanto ao gênero dos autores que publicaram na seção “Trabalhos Originais” dos ABHM, verificou-se que os homens prevaleceram (n=66) em relação às mulheres (n=9). Esses achados estão em consonância com a literatura científica sobre gênero e ciência (HAYASHI et al, 2007; CAMARGO; HAYASHI, 2016) que mostram como as mulheres foram historicamente afastadas das discussões que aconteciam nas sociedades científicas, pois essas eram atividades consideradas masculinas.

No campo da Medicina, mais especificamente na Psiquiatria – área de formação da maioria dos membros da LBHM – pode-se notar a ausência feminina. Piccinini

(2002), que organizou um Índice Bibliográfico Brasileiro de Psiquiatria, verificou que na bibliografia referente ao período entre 1831 a 1979, dentre 4.655 trabalhos, apenas 4,2% (n=197) são de mulheres. Para o autor,

[...] não temos referência de mulher alienista. Os primeiros trabalhos foram em sua maioria por enfermeiras e psicólogas e o enfoque era psicanalítico. Podemos citar: *Juana M. Lopes*, *Anita Barreto Paes* em Pernambuco, *Helena Antipoff* em Minas Gerais, *Virgínia Bicudo* em São Paulo. Esta última era Assistente Social e psicanalista. (PICCININI, 2002. Grifos meus).

Essas quatro mulheres, cujos nomes estão em destaque na citação, foram autoras de artigos publicados na seção “Trabalhos Originais” dos ABHM. Um levantamento da nominata de membros da LBHM (n=274) registrados na coleção dos ABHM indicou que as mulheres representavam apenas 6,5% (n=18) do total.

A baixa representatividade feminina na LBHM também se refletia nas autorias dos artigos dos ABHM, pois as mulheres representaram 13,2% (n=10) do total de autores, e os homens compuseram a maioria, com 86,8% (n=66), conforme apontado anteriormente na Tabela 2.

O Quadro 3 apresenta a relação de mulheres (n=23) que pertenceram à LBHM e/ou publicaram artigos nos ABHM.

Quadro 3 – Mulheres que pertenceram à LBHM e/ou publicaram artigos nos ABHM

Nomes	Atividades na LBHM e nos ABHM
Alice Ramos Corrêa	Admitida na LBHM em 1943. Era aluna do curso de visitadoras da Escola Profissional Alfredo Pinto. Não publicou artigos nos ABHM.
Angelina Rodrigues da Silva	Admitida na LBHM em 1943. Era aluna do curso de visitadoras da Escola Profissional Alfredo Pinto. Não publicou artigos nos ABHM.
Anita Paes Barreto	Pedagoga e Assistente do Instituto de Psicologia de Pernambuco. Não pertencia aos quadros da LBHM.
Dinah Pereira de Castro	Admitida na LBHM em 1943. Era aluna do curso de visitadoras da Escola Profissional Alfredo Pinto. Não publicou artigos nos ABHM.
Else Mazza Nascimento Machado	Admitida em 1931 como membro da Seção de Estudos de Psicologia Aplicada e Psicanálise da LBHM. Não publicou artigos nos ABHM.
Flora E. Strout	Foi presidente honorária da União Brasileira Pró-Temperança e da Seção de Profilaxia do Alcoolismo da Primeira Conferência Interamericana de Higiene Mental. Não pertencia aos quadros da LBHM, mas publicou artigo nos ABHM.
Helena Antipoff	Professora do Instituto Jean Jacques Rousseau de Genebra. Ex-Assistente do Laboratório de Psicologia da Universidade de Genebra. Admitida como sócia da LBHM em 1944. Fundou e dirigiu a Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais e a Sociedade Pestalozzi do Brasil.

Quadro 3 – Mulheres... (Continuação)

Idalina de Abreu Fialho	Professora do Instituto Benjamin Constant. Em 1931, foi eleita secretária da XI Secção de Estudos da LBHM, Psicologia aplicada e Psicanálise juntamente com Maria Brasília Leme Lopes.
Inês Besouchet	Admitida como sócia da LBHM em 1944, era da Sociedade Pestalozzi do Brasil. Não publicou artigos nos ABHM.
Ione da Gloria Paixão	Admitida na LBHM em 1943. Era aluna do curso de visitadoras da Escola Profissional Alfredo Pinto. Não publicou artigos nos ABHM.
Juana M. Lopes	Cirurgiã ginecologista da Colônia de Mulheres Psicopatas de Engenho de Dentro. Em 1928 foi secretária da XI Secção de Estudos, de Cirurgia Geral e Especializada em suas relações com o sistema nervoso da LBHM. Em 1940 foi eleita para o Conselho Executivo da Liga. Era casada com Ernani Lopes, que ocupou vários cargos na diretoria da LBHM e foi editor dos ABHM.
Lair Ximenes	Era da Escola Técnica do Serviço Social. Admitida na LBHM em 1944, como membro da IV Sessão de Estudos de Medicina Legal e Prevenção da Delinquência da LBHM.
Lea Plaza	Em 1930 foi nomeada membro correspondente da LBHM no Chile. Não publicou artigos nos ABHM.
Lília dos Santos Batista	Admitida na LBHM em 1943. Era aluna do curso de visitadoras da Escola Profissional Alfredo Pinto. Não publicou artigos nos ABHM.
Lucia Fernando Magalhães	Era da Associação Brasileira de Educação. Em 1928 foi eleita membro da XI Secção de Estudos - Psicologia Aplicada e Psicanálise da LBHM. Não publicou artigos nos ABHM.
Maria Antonietta de Castro	Educadora Chefe da Diretoria do Serviço Escolar de São Paulo. Não pertencia a LBHM, mas publicou artigo nos ABHM.
Maria Brasília Leme Lopes	Professora normalista da rede municipal. Em 1931, foi eleita secretária da XI Secção de Estudos da LBHM – Psicologia aplicada e Psicanálise, juntamente com Idalina de Abreu Fialho. Dirigiu o Laboratório de Psicologia da LBHM.
Marguerite Klier de Mendonça	Em 1944 seu nome foi sugerido para ser membro da LBHM. Não publicou artigos nos ABHM.
Nicolar Cortat Frossard	Professora municipal e secretária da XI Secção de Estudos - Psicologia Aplicada e Psicanálise da LBHM.
Regina Meinick	Admitida na LBHM em 1943. Era aluna do curso de visitadoras da Escola Profissional Alfredo Pinto. Não publicou artigos nos ABHM.
Virgínia Leone Bicudo	Visitadora Psiquiátrica da Seção de Higiene Mental da Diretoria do Serviço de Saúde Escolar de São Paulo. Não pertencia aos quadros da LBHM, mas publicou artigo nos ABHM.
Zoraide de Souza	Admitida na LBHM em 1943. Enfermeira da Colônia Gustavo Riedel. Não publicou artigos nos ABHM.

Fonte: Elaboração da autora

A visão da LBHM sobre as mulheres estava refletida em alguns textos e imagens publicados nos ABHM. No editorial “Apelo à mulher brasileira”, citado anteriormente, as mulheres eram apresentadas como “aquela metade do gênero humano que os filósofos, pensadores, e o próprio bom senso geral têm considerado, sempre, a detentora do sentimento e da afetividade da espécie” (LBHM, 1930, p. 193). Essa representação social da mulher persistiu, por exemplo, na ata da sessão solene da LBHM, realizada em 21 de junho de 1933, pois ao homenagear os patronos e patronesses da Clínica de Eufrenia e do Patronato dos Egressos dos Manicômios, reserva-se à mulher o papel de guiar “o seu protegido no meio social levando-lhe a coragem, dando-lhes esperança além do consolo de um afeto”. (ABHM, 1933, p. 183). Além disso, a justificação para a atuação feminina baseava-se no fato de que o Patronato era

[...] um concurso verdadeiramente de ordem técnica (...) numa obra que, afinal, nós homens sozinhos, não soubemos ainda realizar, por melhor que tenha sido a nossa boa vontade. Só há uma única explicação para o fato. É que empreendimentos da índole do Patronato em apreço não se fazem somente com ciência e com desejo de acertar. Para levar a termo com real eficiência tais obras de assistência social faz-se mister a intervenção de um fator que existe mais em uma metade do gênero humano do que na outra, o fator afetivo, o fator sentimento. De modo que com a Mulher, patrocinando a Clínica de Eufrenia e o Patronato dos Egressos dos manicômios, vamos, enfim, solucionar o problema, porque confiaremos ao Coração generoso e maternal a tarefa sublime de amparar e assistir o Cérebro enfermo. (ABHM, 1933, p. 181).

Outro exemplo sobre o tratamento dispensado às mulheres pela Liga aparece em outras páginas dos ABHM quando foram exibidas as fotografias das patronesses da Clínica de Eufrenia e do Patronato dos Egressos dos Manicômios (ABHM, 1932d). As legendas ocultavam os nomes das patronesses nomeando essas mulheres como “Sra. Miguel Couto”, “Condessa Pereira Carneiro”, “Sra. Fernando Magalhães”, “Sra. Raul Leitão da Cunha” e “Sra. Olinto de Oliveira” (ABHM, 1932d) como pode ser observado na Figura 5.

Figura 5 – Patronesses da Clínica de Eufrenia da LBHM



CONDESSA PEREIRA CARNEIRO
"Patronesse" da Clínica de Eufrenia



SENHORA MIGUEL COUTO
"Patronesse" da Clínica de Eufrenia



SENHORA RAUL DA CUNHA
"Patronesse" da Clínica de Eufrenia



SENHORA OLINTO DE OLIVEIRA
"Patronesse" da Clínica de Eufrenia

Fonte: ABHM, 1932d, s.p.

Essa forma de tratamento que omitia o nome feminino também se repetiu nas páginas dos ABHM em outros momentos. Por exemplo, no resumo do artigo assinado pela médica ginecologista e membro da Liga Juana M. Lopes seu nome foi

complementado por “Sra. Ernani Lopes” sinalizando que era casada com o sócio da LBHM e redator da revista (ABHM, 1933b, p.122).

Também nas atas de sessões da Liga a presença de mulheres era registrada como “Sra. Dr. Júlio Porto-Carrero”; “Sra. Dr. Victor Viana”, “Sra. Dr. Luiz Porto-Carrero”, “Sra. Floriano B. de Mendonça”, “Sra. Dr. Januário Bittencourt” “Sra. Brito e Cunha”, “Sra. Miguel Sales”, e até mesmo quando seus cônjuges já eram falecidos continuavam a ser nomeadas como “Viúva Faustino Esposel”, “Sra. Viúva Juliano Moreira” (ABHM, 1933a, p. 340-341, 352), retirando-lhes novamente a oportunidade de serem tratadas pelos seus nomes. Assim, os textos do ABHM mantinham essa forma de tratamento patriarcal e conservadora ao se referirem às mulheres, e reforçavam a ideia de submissão e dependência feminina retirando-lhes a autonomia perante a família e a sociedade. Repetia-se aqui a norma de subordinação da mulher ao pai, se fossem solteiras e aos maridos, quando casadas.

Nos artigos publicados na seção “Trabalhos Originais” vale registrar também a literatura científica que dava suporte às ideias e teses defendidas pelos autores inseridas nas notas de rodapé ou em uma lista denominada “bibliografia” apresentada no final de alguns artigos (n=12) publicados nos volumes relativos aos anos de 1925, 1930, 1933-1935, 1939-1940. O total de referências (n=127) por artigo variou entre uma até vinte e cinco, conforme a seguinte distribuição por artigos: uma (n=1), seis (n=2), nove (n=2), dez (n=2), onze (n=1), doze (n=1), treze (n=1), quinze (n=1) e vinte e cinco (n=1). Ao registrar as referências nesses artigos os autores não só buscavam referendar suas ideias apoiando-se na literatura científica da época, mas principalmente divulgar essas obras entre seus pares na LBHM e leitores dos ABHM. Contudo, a maioria dos artigos dessa seção (n=154) não apresentava referências.

Em continuidade à análise das seções dos ABHM, a seção “Resenhas e Análises” foi publicada ininterruptamente desde o primeiro volume, em 1925, até 1935. No período, os textos publicados nessa seção (n=175) possuíam uma característica singular, pois poderiam conter mais de uma obra resenhada. Assim, o total de “resenhas” (n=184) é superior ao total de “textos” (n=175) dessa seção. Cabe esclarecer que no volume correspondente ao ano de 1934 dez páginas dessa seção estavam ilegíveis na coleção disponível pelo GEPHE, motivo pelo qual algumas resenhas publicadas na seção “Resenhas e Análises” (v. 7, n. 3, p. 36-48, 1934) não foram analisadas. Contudo, foi possível identificar que foram assinadas por Mirandolino

Caldas, Ernesto Lopes, Gustavo de Rezende e Arthur Ramos, uma vez que na página de abertura dessa seção constavam os nomes dos resenhistas.

Um aspecto que chama a atenção é que os escores dos textos dessa seção (n=175) e das obras resenhadas (n=184) são superiores ao obtido pelos artigos publicados na seção “Trabalhos Originais” (n=167). Esses resultados mostram que essas seções eram valorizadas pelos editores da revista por representar um canal de divulgação das ideias que defendiam sobre higiene mental e eugenia, e também como forma de persuasão do leitor sobre essa causa. Ao cumprir essas finalidades, as resenhas dos ABHM funcionavam como

[...] uma plataforma retórica em que os pesquisadores podem expressar seus pontos de vista, sinalizar sua fidelidade a um grupo específico e participar da conversa em curso de suas disciplinas, argumentando como, por que, e até que ponto os livros frequentemente publicados em seus respectivos campos contribuem para a construção do conhecimento. (HAYASHI, 2020, p. 5).

A distribuição das resenhas (n=184) por ano variou bastante: 1925 (n=17), 1929 (n=15), 1930 (n=37), 1931 (n=21), 1932 (n=25), 1933 (n=31), 1934 (n=26) e 1935 (n=12), sendo que apenas no ano de 1930 o total foi superior à média anual (n=23), pois só nesse ano foram publicados nove números dos ABHM.

Ao analisar o total de resenhistas (n=21) verificou-se que o editor dos ABHM Ernani Lopes assinou 59,8% (n=110) das resenhas. Destaca-se o fato de que em cinco das resenhas desse autor foram focalizados quatorze artigos, algo incomum, pois as demais resenhas se referiam a apenas uma obra ou artigo.

Os demais resenhistas (n=20) assinaram entre uma até doze resenhas, a saber: Maria Brasília Leme Lopes (n=12), Arthur Ramos (n=11), Gustavo Rezende (n=10), Mirandolino Caldas (n=8), Júlio Porto-Carrero (n=6), Ignácio Cunha Lopes (n=5), C. A. Baker e Moysés Xavier Araújo (n=3), Erasmo Braga, Frederico L. Mac-Dowell, Juliano Moreira e Zacheu Esmeraldo, cada um com duas resenhas. Com apenas uma resenha cada um foram identificados: A. Xavier de Oliveira, Consuelo Pinheiro, Heitor Carrilho, Janduhy Carneiro, Pedro Pernambuco Filho, Plínio Olinto, Renato Kehl e Waldemar Berardinelli.

A maioria (n=17) dos resenhistas era membro da LBHM e/ou editor dos ABHM. Apenas três resenhistas não pertenciam aos quadros da LBHM ou dos ABHM: Moysés

Xavier de Araújo, da Associação Brasileira de Educação, Consuelo Pinheiro, que era ligada a Arthur Ramos, e o estudante de medicina Jandhuy Carneiro.

A tipologia documental das resenhas (n=184) foi composta por artigos (n=140), livros (n=38), capítulos de livros (n=2); trabalhos apresentados em eventos (n=2), tese (n=1) e dicionário (n=1). Embora o livro costume ser o alvo principal de uma resenha, os ABHM não seguiram esse padrão, haja vista que as resenhas de artigos superaram com larga margem as outras tipologias documentais. Além disso, os ABHM não apresentaram uma justificativa para essa preferência. Isso deixa margem para algumas suposições.

Em primeiro lugar, a Biblioteca da LBHM recebia como doações diversas publicações. Entre essas existiam inúmeras separatas⁴⁵ de artigos publicados em periódicos científicos, conforme listagens divulgadas nos ABHM. Outra pressuposição é que os membros da Liga também recebiam ou trocavam esse material com colegas e depois doavam à Biblioteca, motivados pelo interesse em divulgar os trabalhos publicados em periódicos científicos.

Além disso, as revistas científicas tinham como prática a permuta de material publicado, e os ABHM não diferia de seus congêneres, pois estampava na página posterior ao sumário essa informação em vários idiomas: “Solicita-se permuta. Exchanges are solicited. Rogamos cange. On demande l’échange. Wir bitten um Austausch von Publikationen. Si solicita contra-cambio. Ni petas interasagon”. (ABHM, v.2, n.3, 1929). Assim, a suposição é que a resenha dos artigos se dava pela facilidade de acesso a esse material pelos resenhistas. Para além disso, 76,1% (n=140) do total de resenhas era de artigos publicados em periódicos do exterior (n=60) e do Brasil (12), conforme mostram os dados da Tabela 3.

⁴⁵ Separatas são reimpressões de artigos científicos oferecidas pelos editores de periódicos aos autores de artigos como retribuição pela publicação. Atualmente são vendidas comercialmente por sociedades científicas para divulgação desse material em eventos científicos, sob o argumento de que “esses materiais têm alto impacto quando trabalhados pela força de vendas e ótima aceitação ao serem distribuídos em eventos” (SBC, 2021). A esse respeito, Spinak (2014) comenta que “Nos tempos da publicação acadêmica somente em papel, os autores recebiam do editor um maço de separatas (*reprints*) de seus artigos para distribuir entre os colegas. Porém o mundo mudou para a Web, e com o avanço do modelo de Acesso Aberto muitos autores colocam à disposição versões on-line de seus trabalhos para serem baixados à vontade por qualquer interessado”.

Tabela 3 – Periódicos das resenhas dos ABHM por países de publicação

Títulos dos Periódicos	Total	Países	Resenhas
Zeitschrift Fuer Psychische Hygiene	1	Alemanha	9
Revista de Pedagogia	1	Espanha	2
Bulletin de l'Institut National d'Orientation Professionnelle; Journal de Psychologie Normale et Pathologique; L'Année Psychologique; L'Hygiène Mentale; La Prophylaxie Mentale; Revue Française de Psychanalyse; Revue de Psychologie Appliquée	7	França	12
Arch. Gen. di Neurologia, Psichiatria e Psicoanalisi; Archivio Italiano di Psicologia; Giornale di Psichiatria Clinica e Tecnica Manicomiale; Giornale di Psichiatria e di Neuropatologia; Il Manicomio; Infanzia Anormale; L'Igiene Mentale; Note e Riviste di Psichiatria; Quaderni di Psichiatria; Rassegna di Studi Psichiatrici; Rivista di Neurologia; Rivista Sperimentale di Freniatria; Schizofrenie	13	Itália	26
Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Anthropologia e Ethnologia	1	Portugal	1
Action et Pensée; Archives de Psychologie; Hygiène du Travail	3	Suíça	8
The British Journal of Educational Psychology; The British Journal of Inebriety; The International Journal of Psychoanalysis	3	Reino Unido	3
The Australasian Journal of Psychology and Philosophy	1	Austrália	1
Character and Personality; Mental Health Bulletin; Mental Hygiene; Studies in Psychology and Psychiatry; The American Journal of Psychiatry; The Annals of the American Academy of Political and Social Science; The Indiana Bulletin of Charities and Correction; The Journal of Applied Psychology; The Journal of Educational Psychology; The Journal of Educational Research; The Journal of General Psychology; The Nursing Times; The Psychoanalytic Review; Understanding the Child	14	EUA	41
Revista Mexicana de Psiquiatria, Neurologia y Medicina Legal	1	México	1
Anales del Instituto de Medicina Legal; Boletin de la Oficina Sanitaria Pan-Americana; Boletin del Asilo de Alienados en Oliva; Boletin del Instituto Psiquiatrico; Boletin del Museo Social Argentino; La Semana Médica; Las Comunas; Revista Argentina de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal; Revista de Criminologia, Psiquiatria y Medicina Legal; Revista de la Asociación Medica Argentina	10	Argentina	14
Anais da Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Geraes; Archivos de Assistencia a Pscopathas de Pernambuco; Archivos do Instituto Nina Rodrigues; Arquivos Paulistas de Higiene Mental; Boletim da Inspetoria Geral da Instrução de Minas Gerais; Brasil Médico; Cultura Médica; Educação; Pará Médico; Revista da Associação Paulista de Medicina; Revista de Educação; Revista de Especialidades	12	Brasil	15
La Crónica Médica	1	Peru	1
Anales de Instrucción Primaria; Boletin del Consejo de Salud Publica; Revista de Psiquiatria del Uruguay; Revista de Tuberculosis del Uruguay	4	Uruguai	6
Totais	72	14	140

Fonte: Elaboração da autora

Os resultados da Tabela 4 também mostram que os membros da LBHM estavam sintonizados com a literatura recente publicada em periódicos científicos que abordavam sobre higiene mental e eugenia, ao mesmo tempo em que divulgavam entre

os leitores dos ABHM as novidades da área. Essa visão foi expressa em várias oportunidades nas páginas dos “Arquivos”. O exemplo a seguir, retirado de uma nota aos leitores, evidencia esses propósitos:

Repositório da LBHM e difusor de ensinamentos úteis à população em geral, sobre assuntos concernentes à saúde do espírito, esta revista orgulha-se de poder apresentar a seus inúmeros leitores, desde os primórdios da organização da Liga, uma súmula atualizada de tudo que vai pelo campo da profilaxia das doenças mentais em nosso país e em várias regiões do globo. (ABHM, 1947b, p. 3).

Os livros (n=39) e um capítulo representaram 22,9% do total de resenhas. Destes, a maioria (n=25) era de autores brasileiros, e os demais (n=15) de autores da Europa (n=10), América do Sul (n=2) e América do Norte (n=3). Além disso, 3,4% (n=6) das resenhas eram de trabalhos apresentados em eventos (n=3), tese de doutorado (n=1), manual (n=1) e dicionário (n=1).

A seção “Noticiário”, posteriormente renomeada para “Fatos e Comentários” e ainda por “Notas e Comentários” dos ABHM, tinha o propósito de oferecer ao leitor informações sobre as atividades da LBHM, registrar a realização de eventos científicos de interesse e viagens realizadas por membros da Liga, apresentar aos sócios votos de felicitações conforme a ocasião (recebimento de prêmios, convite recebidos para palestras e eventos, boas-vindas aos novos sócios), enviar e acusar recebimento de votos de pesar pelo falecimento de algum membro da Liga ou da comunidade científica, e divulgar o recebimento de publicações doadas à Liga.

No período entre 1932 e 1935 foi criada a rubrica “Publicações recebidas” para noticiar as doações de publicações à LBHM. Para fins de análise nessa pesquisa, os textos dessa rubrica foram contabilizados juntamente com os das outras três seções, pois estas já noticiavam as doações recebidas.

Assim, do total de textos (n=253) dessas quatro seções – doravante denominadas “Notícias” – verificou-se que a minoria (n=17) era assinada pelos redatores dos ABHM ou membros da Liga (n=17). Os demais (n=236) não traziam a identificação dos autores, mas pode-se supor que também eram escritos pela redação.

Em relação ao conteúdo das seções de “Notícias”, a maioria (n=91) se referia a eventos, dos quais 58,2% (n=53) foram realizados no Brasil incluindo aqueles (n=23) realizados pela Liga. Os demais eventos (n=38) foram realizados em países da América (n=16) e da Europa (n=22). Nas seções de “Notícias” também apareciam textos (n=30)

anunciando resultados dos relacionamentos da LBHM com outras entidades congêneres, especialmente Ligas de Higiene Mental de países da Europa e da América, bem como com instituições brasileiras e com destacadas personalidades do campo da higiene mental.

Outro tipo de texto frequente (n=30) na seção “Notícias” se referia a homenagens póstumas prestadas por ocasião do falecimento de sócios da LBHM e de cientistas e estudiosos que atuavam no campo da higiene mental. Esses textos geralmente eram curtos com rápidas notas biográficas, sendo que poucos apresentavam a fotografia dos falecidos. As notas de falecimento foram publicadas, em duas edições de 1934 e em uma de 1935, na rubrica “In Memoriam”.

A Tabela 4 apresenta a distribuição das homenagens póstumas (n=51) publicadas da seção “Notícias” de acordo com a nacionalidade dos falecidos. Observamos que as homenagens abrangeram destacados médicos e psiquiatras, do Brasil e do exterior, e figuras importantes das cenas política e jurídica brasileira, além de membros da LBHM (n=12).

Tabela 4 – Homenagens póstumas nos ABHM entre 1929 e 1941

Países	Falecidos	Homenagens
Alemanha	Theodor Goett (1881-1934)	1
Argentina	Cecilia Grierson (1859-1934)	1
	Domingo Cabred (1859-1929)	1
	Victor Mercante (1870-1934)	1
Áustria	Paul Ferdinand Schilder (1886-1940)	1
Brasil	Arthur Pinto da Rocha (1864-1930)*	1
	Carlos Chagas (1870-1934)*	1
	Raymundo Teixeira Mendes (1888-1930)*	1
	Eurycles de Mattos (1884-1931)	1
	Faustino Monteiro Esposel (1888-1931)*	1
	Manoel Bomfim (1868-1932)*	1
	Erasmus de Carvalho Braga (1877-1932)*	1
	Gustavo Riedel (1877-1934)*	10
	Jorge Pinto (1864-1934)	1
	Juliano Moreira (1873-1933)*	1
	Francisco Franco da Rocha (1864-1933)	1
	Miguel Couto (1865-1934)*	1
	João Pedro de Albuquerque (1874-1934)*	1
	José Joaquim Campos Costa Medeiros e Albuquerque (1867-1934)	1
	Henrique Guedes de Mello (1857-1934)	1
	João Batista de Albuquerque Mello Matos (1871-1935)*	1
Nelson Ferreira de Carvalho (1874-1935)	1	
Ulysses Machado Pereira Vianna (1880-1935)*	1	
Espanha	Santiago Ramón y Cajal (1852-1934)	1
EUA	Clarence Floyd Haviland (1875-1930)	1
	James Mark Baldwin (1861-1934)	1
	Mary Whiton Calkins (1863-1930)	1
	William Henry Welch (1850-1934)	1

Tabela 4 – Homenagens póstumas... (Continuação)

França	Adolphe Pinard (1844-1934)	1
	Auguste Marie (1865-1934)	1
	Eugene Feindel (1862-1930)	1
	Gabrielle-Emille Lévi (1874-1934)	1
Itália	Eugenio Tanzi (1856-1934)	1
	Guido Ruata (?-1934)	1
	Giovanni Mingazzini (1859-1929)	1
	Giulio Cesare Ferrari (1867-1932)	1
	Salvatore Ottolenghi (1862-1934)	1
Peru	Estanislao Pardo Figueroa (1868-1934)	1
	Hermilio Valdizan (1885-1929)	1
República Tcheca	Sigmund Freud (1856-1939)	1
Suíça	Eugen Breuler (1857-1939)	1
	Otto Binswanger (1852-1929)	1
Totais	42	51**

(*) Membros da LBHM; (**) O total de homenagens (n=51) é superior ao total de textos (n=33) publicados da seção “Notícias” dos ABHM, pois um texto poderia conter mais de um obituário.

Fonte: Elaboração da autora

Em 1934, quando faleceu Gustavo Riedel, fundador da LBHM e seu primeiro presidente, a seção “Notícias” publicou muitas homenagens póstumas (n=10). Os textos iniciam com o registro de uma solenidade realizada no anfiteatro da Escola Profissional de Enfermeiras "Alfredo Pinto" organizada como uma sessão de despedida de Gustavo Riedel em virtude de sua retirada da vida pública, devido a seu estado de saúde. Impedido de comparecer, Gustavo Riedel foi representado pelos familiares, e seu falecimento ocorreu logo após essa homenagem. Os ABHM publicaram os discursos proferidos naquela sessão por Gustavo de Rezende, Jeferson de Lemos, Renato Pacheco, Ernani Lopes e Alberto Farani, bem como noticiaram o sepultamento de Gustavo Riedel e as alocações proferidas naquele dia. Também são registrados nessa edição dos ABHM a aprovação do voto de pesar pelo seu falecimento na Assembleia Constituinte e o pedido do corpo clínico e do pessoal técnico e administrativo da Colônia de Psicopatas do Engenho de Dentro enviado a Getúlio Vargas para nomear tal Colônia de “Colônia de Psicopatas Gustavo Riedel” ou “Hospital Colônia Gustavo Riedel”, devido aos seus "excepcionais méritos e ao seu acendrado amor aos insanos". Por fim, os ABHM registram que a revista argentina *Boletín del Asilo de Alienados en Oliva* dedicou uma página de seu número de junho para homenagear Gustavo Riedel, sendo a primeira publicação estrangeira a fazê-lo. (ABHM, 1934d, p.130-143).

Por último, na seção de “Notícias” dois registros no ano de 1934 merecem comentários. Ambos se referem à esterilização de “doentes transmissores de tara”. O primeiro é um elogio à lei alemã de esterilização dos degenerados, assinada por Hitler

em 1933 e que entrou em vigor em 1934, seguido pela tradução e publicação da referida legislação, acompanhada do seguinte comentário:

No momento atual em que todo mundo culto dos não especialistas em herodologia⁴⁶, tomou conhecimento com surpresa, da nova e grande lei alemã da esterilização dos degenerados, pareceu-nos da maior oportunidade fazer traduzir diretamente do original para os “Arquivos” o texto integral do referido Estatuto, cuja repercussão em nosso meio apreciaremos num dos próximos números. (ABHM, 1934a, p.54).

Posteriormente, esse mesmo tema foi novamente abordado na seção, informando que estrangeiros também ficariam sujeitos às leis preventivas das doenças hereditárias estabelecidas pelo Terceiro Reich.

Duas novas seções nos ABHM foram criadas a partir de 1929: “Informações bibliográficas” e “Informações Neuropsiquiátricas”, conforme mostra a Figura 3. A seção “Informações Bibliográficas” teve origem quando a LBHM inaugurou em sua sede uma sala de leitura especializada em assuntos de higiene mental e ciências correlatas, pondo-a, desde então, a disposição do público interessado. Essa biblioteca,

[...] embora modesta, é no gênero, uma das melhores, senão a melhor do Brasil e até da América do Sul, contando com grande número de volumes de escolhidos dentre os autores de maior nomeada na literatura científica brasileira, portuguesa, espanhola, francesa, italiana, inglesa, alemão, norte-americana, argentina, uruguaia, etc. Com o intuito de melhor servir aos ilustrados leitores dos ‘Arquivos’, resolvemos criar essa seção permanente de informações bibliográficas na qual se responderá, com regularidade a qualquer consulta que nos seja feita, com referência a obras relativas à Higiene Mental e ciencias afins. Quem desejar, pois, se dedicar ao estudo da neuropsiquiatria, higiene mental, psicologia, psicanálise, psicopedagogia, eugenia, puericultura, educação, orientação profissional, etc., etc., poderá utilizar-se desse serviço informativo que muito os auxiliará na escolha de bons livros dessas especialidades. Para esse fim basta escrever a esta redação, enviando junto o cupom que se vê abaixo, devidamente preenchido. As respostas aparecerão nos números seguintes da revista. (ABHM, 1929d, p. 18).

Essa seção tinha como objetivo fornecer indicações de bibliografia solicitadas pelos leitores. Vale registrar que, ao facilitar aos leitores o acesso à informação ajudando-os a localizar a informação encontrada na biblioteca da LBHM, a seção de “Informações Bibliográficas” cumpria uma das funções primordiais de uma biblioteca

⁴⁶ Sinônimo de genética.

que é o “serviço de referência”, cuja finalidade é permitir que as informações fluam eficientemente entre as fontes de informação e quem precisa delas, conforme preceituou Grogan (2001).

Por sua vez, a seção “Informações Neuropsiquiátricas” foi criada para atender

[...] ao fato de que muitos de nossos ilustres colegas médicos, particularmente os residentes no interior, encontram, não raro, serias dificuldades em acompanharem as novidades relativas aos métodos terapêuticos e profiláticos, das doenças nervosas e mentais, resolvemos, à semelhança do que fazem as grandes revistas norte-americanas, criar aqui também uma seção de informações neuropsiquiátrica especialmente para os nossos facultativos. Não nos propomos a dar indicações infalíveis, mas simplesmente a lembrar recursos que porventura ainda não tenham sido empregados, representando, porém, as últimas aquisições científicas nos domínios da higiene mental e da psiquiatria. Os médicos que desejarem, pois, trocar ideias com os especialistas da Liga, sobre casos de sua clínica, poderão escrever para essa redação, remetendo um resumo da história clínica do paciente, salientando os pontos duvidosos do diagnóstico e declarando qual a terapêutica, até então empregada. No número seguinte da revista, sairá a resposta, consubstanciando a nossa opinião. Se, entretanto, o caso exigir urgência, e esta nos for solicitada pelo médico, teremos prazer em o atender, enviando a resposta por carta, no menor tempo possível. As cartas devem ser escritas em letra bem legível, trazendo a assinatura do médico (indispensável) e, ao lado desta, entre parêntesis, o pseudônimo para as respostas. Indicar também claramente o endereço. (LOPES, 1930b, p. 140).

A consulta de uma leitora sobre o melhor modo de tratar "um rapaz mentiroso, caluniador, preguiçoso e filho de alcoólicos" levou Ernani Lopes a informar que no próximo número "teremos o prazer de publicar a resposta que nos parece mais satisfatória para o caso". (LOPES, 1930b, p. 140). Contudo, esse caso gerou duas respostas publicadas nos volumes subsequentes:

Por motivo imprevisível e alheio à nossa vontade, não respondemos ainda no presente número, à sua prezada consulta. Que nos sirva de desculpa ao adiamento a circunstância de que não existe nenhuma “terapêutica de urgência” aplicável aos casos da natureza do que nos refere. (LOPES, 1930c, p. 181).

[...] sem observação clínica direta do caso, não julgamos possível afirmar, de modo absoluto, a incorrigibilidade do menor a que Vossa Senhoria se refere. Será preciso, para que se chegue a essa triste conclusão, eliminar primeiro todas as causas não hereditárias da anomalia moral. (LOPES, 1930d, p.253)

O escopo dessa seção, as consultas e as respostas dos médicos são um claro exemplo de como ocorria a comunicação interativa entre os pares nas páginas de um periódico científico no início da terceira década do século XX.

A seção aqui denominada de “Atas” foi publicada no período entre 1925 e 1947. Essas publicações (n=115) se referem não só a atas de sessões e assembleias da LBHM, mas também de sessões solenes, estatutos da Liga, de reuniões das seções de estudo, relatórios da diretoria, além de registros de correspondência recebida e enviada, informações sobre atividades de sócios da Liga, posse de novos membros, e homenagens prestadas a personalidades estrangeiras, por exemplo, a sessão organizada para receber e homenagear Edouard Claparède na sede da Associação Brasileira de Educação, ocasião em que o homenageado realizou conferência sobre Institutos de Educação, baseando-se em suas experiências no Instituto de Ciências de Educação de Genebra e nos trabalhos da Escola de Aperfeiçoamento de Belo Horizonte. (ABHM, 1931, p. 86-88).

As seções “Trabalhos da Liga Brasileira de Higiene Mental” e “Serviços da Liga Brasileira de Higiene Mental” reuniram um conjunto de textos (n=15) publicados respectivamente em 1925 (n=4) e 1932 (n=11), a maioria assinados por Ernani Lopes (n=6), Mirandolino Caldas (n=1) e Maria Brasília Lemes Lopes (n=1), todos membros da LBHM, sendo que os dois primeiros eram redatores dos ABHM. Representando 46,6% do total (n=7), os demais textos não continham assinaturas. Em relação ao conteúdo dessas duas seções, eram apresentados balanços de cursos, congressos e conferências científicas organizadas pela LBHM; trabalhos de propaganda da LBHM na imprensa; fotos de patronesses e patronos da Clínica de Eufrenia e da recepção de Claparède; lista dos trabalhos realizados no Laboratório de Psicologia da Liga, que realizava pesquisas, adaptando testes à realidade regional e oferecendo cursos para a instrução teórico-prática em Psicologia. Também continha um extenso dossiê da Clínica de Eufrenia da Liga, detalhando sua estrutura, seus serviços, objetivos, equipe, cerimônia da inauguração e esforços de propaganda, especialmente de entrevistas realizadas por intelectuais consócios da Liga ao jornal *O Globo* sobre a importância e funcionamento do novo serviço. Outro texto apresentou um balanço dos trabalhos das Seções de Estudos da LBHM e uma listagem da diretoria de cada uma dessas seções, concluindo que a atividade das seções estava longe do ideal.

Também merece destaque na seção “Trabalhos da Liga Brasileira de Higiene Mental” o texto sobre a Biblioteca da Liga Brasileira de Higiene Mental. Apesar de longo, é o único de toda a coleção dos ABHM que traz um histórico desse órgão.

A Biblioteca da Liga Brasileira de Higiene Mental conta com mais de mil volumes de obras especializadas e tem já prestado reais serviços aos que se dedicam, nesta capital, ao estudo das disciplinas que integram a higiene do sistema nervoso. Em 12 de julho de 1928, inaugurou a instituição, no local onde se achava então instalada, o Instituto de Surdos e Mudos, à rua das Laranjeiras, uma sala de leitura pública de psicologia e pedagogia, que constituiu um acontecimento de inegável significação cultural, em nosso meio. Durante cerca de um ano, teve a biblioteca, na sede em questão, apreciável frequência, como de tudo possui a Liga os competentes registros, no seu arquivo administrativo. Mudando-se a Liga do Instituto de Surdos e Mudos para o Edifício Odeon, continuou a franquear aos interessados a leitura dos seus livros e revistas, que nunca considerou privativa apenas de seus associados. Hoje em dia, acha-se a Biblioteca dividida, tendo sido trasladada para a “Clínica de Eufrenia”, a Rua S. Luiz Gonzaga, as obras de psicologia pura e aplicada, continuando no Edifício Odeon as obras restantes. A grande maioria das publicações existentes na Biblioteca foi adquirida com o produto das subscrições concedidas à Liga pelo Governo, mas existe certo número de obras que ou nos foram enviadas em permuta com os “Arquivos”, (sempre por nós registradas na seção ‘Publicações recebidas’) ou nos foram doadas por alguns dos nossos consócios. (ABHM, 1932a, p. 125).

A seção “Contra o alcoolismo: em favor da higidez mental” foi publicada nos ABHM em 1925. Em 1929, foi criada a seção “Trabalhos de antialcoolismo” que circulou até 1934 e retornou em 1947, último ano de publicação dos “Arquivos”. Os textos publicados em ambas, respectivamente (n=7) e (n=33) tinham o mesmo objetivo: divulgar artigos, bibliografia, comentários, estatísticas, conferências, eventos e campanhas sobre o alcoolismo e antialcoolismo, como as Semanas Antialcoólicas realizadas anualmente pela LBHM e por seus colaboradores em diversos estados do país. Alguns textos (n=14) dessas seções não eram assinados, mas 47,5% (n=19) foram escritos por membros da LBHM, e os demais por outros autores que participaram desses eventos e campanhas.

Uma amostra interessante do conteúdo abordado nessas seções é o texto que informa sobre o encerramento da 3ª. Semana Antialcoólica, ocasião em que foi entregue um prêmio à professora paulista Maria Antonietta de Castro, que venceu o concurso de composições literárias de propaganda antialcoólica organizado pela Liga. Além disso, professoras da rede municipal assinaram o livro dos abstêmios da Liga, se

comprometendo a "nunca mais fazer uso de bebidas alcoólicas e se tornarem apóstolas do ensino antialcoólico nas escolas". (ABHM, 1929d, p. 139).

As seções "A Campanha Pró-Higiene Mental" e "Trabalhos de Propaganda da Higiene Mental" reuniram um conjunto de textos (n=22) publicados entre 1933 (n=20) e 1934 (n=2). A maioria não era assinada (n=14), outros (n=4) foram escritos por Ignácio Cunha Lopes, Júlio Porto-Carrero, Januário Bittencourt, Mauricio de Medeiros (da LBHM), e os demais (n=4) eram de autoria de Antonio Henrique, Oscar Meira, J. Oscar Griot, Jeferson de Lemos. Esses textos se referiam a sessões preparatórias, reuniões, relatórios e balancetes da Campanha Pró-Higiene Mental, além de textos de conferências, palestras de divulgação e material de propaganda distribuídos durante a Campanha.

A Campanha Pró-Higiene Mental foi realizada pela Liga em um período de dificuldades financeiras, buscando arrecadar recursos para suas atividades. Os materiais de propaganda da Campanha eram compostos por doze frases enquadradas no alto das páginas do folheto, de autoria de membros da LBHM (Henrique Roxo, Juliano Moreira, Faustino Esposel) e de outras destacadas personalidades científicas e eclesiásticas: William J. Mayo, Cardeal Gibbons, William James, Edouard Toulouse, Robert Sommer, Leonardo Bianchi, Genil Perrin, René Charon, J. Mayo, C. Santin Rossi. Essas frases eram destinadas a

[...] levar forçosamente ao seu espírito a convicção de que é, na verdade, uma de uma relevância incomparável esse problema médico-social para o qual se pede, pela primeira vez, o apoio público, nessa capital. E, como, por certo, em V. S., a inteligência e o coração não podem divorciar-se, é de supor que tenha em seguida a curiosidade patriótica de ler todo o folheto. (ABHM, 1934b, p. 64).

Cada frase ou conjunto de frases (Figura 6) era antecedida por uma rubrica que apresentava a associação, seus objetivos, sua história, suas dificuldades materiais, seus serviços prestados e ambições. Ademais, justificava-se a importância de contribuir com essa causa e qual o destino dos recursos arrecadados, de forma a convencer o leitor da importância da higiene mental e, conseqüentemente, de seus trabalhos.

Figura 6 – Frases dos folhetos de propaganda da LBHM

<p>"A neurasthenia, a psychasthenia, a hysteria e outras neuroses d'esse genero são origem de mais desgraças do que a tuberculose ou o cancer". — E' o que diz um dos mais notaveis cirurgiões do mundo, o celebre Dr. William J. Mayo, um dos irmãos Mayo, de Rochester, nos Estados Unidos.</p>	<p>"Um paiz evoluido não pôde fechar as portas do hospital aos doentes mentaes que não sejam perigosos. São justamente esses os que tem em geral, mais necessidade de tratamento, para que seu mal não progrida". — Assim se pronunciou sobre a necessidade de assistencia prophylactica a todo e qualquer doente mental o sabio psychiatra italiano, Professor Leonardo Bianchi, da Universidade de Napoles, em seu excellente tratado sobre Eugenia, Igiene Mentale e Profilassi delle Malattie Nervose e Mentali.</p>
<p>"O movimento da hygiene mental, com o objectivo de mitigar os soffrimentos e as angustias de tantos infelizes desperta a minha mais alta admiração e merece o meu mais cordial apoio". — Foram estas as palavras de estímulo com que um dos luminares da Igreja Catholica, o Cardeal Gibbons, se referiu á campanha pela hygiene mental.</p>	<p>"Da mesma fórma que se luta victoriosamente contra a tuberculose, diagnosticando-a no inicio, em sua phase curavel, tambem se pôde evitar a explosão da loucura, tratando os predispostos desde os primeiros symptomatos prenunciadores da doença mental". — Foi o Dr. Genil-Perrin, brilhante psychiatra francez, secretario geral da Liga de Hygiene Mental do seu paiz, quem proferiu estas palavras, em uma palestra sobre "A luta social contra a loucura"</p>
<p>"Tenho pensado muitas vezes que, si eu fosse millionario, dispo de dinheiro para beneficiar a collectividade, todos os meus esforços teriam por objectivo o amparo ás victimas da "loucura". — Eis o que expressou um dos pioneiros do movimento pela prophylaxia mental nos Estados Unidos, o glorioso William James, incontestavelmente o mais celebre nome da psychologia norte-americana.</p>	<p>"O velho aphorismo latino mens sana in corpore sano precisa ser modificado, ou, antes, completado. Não basta que o corpo seja são para que a mentalidade o seja. O physico e o psychismo devem ser um e outro cultivados e não sómente um por intermedio do outro". — Fôra sem duvida impossivel demonstrar com maior clareza e finura a necessidade de uma educação mental, paralela á educação physica. O magistral conceito é de René Charon, de Paris, e acha-se em seu livro "La Psychiatrie en Chentéle".</p>
<p>"A psychopathia é a mais commum de todas as doenças, e suas manifestações, por leves que sejam, traduzem-se logo por uma diminuição da capacidade economica geral do paiz". — Essa triste verdade, quem a expressou foi o maior expoente da psychiatria social na Europa, o Dr. Ed. Toulouse, de Paris, presidente e fundador, em 1920, da Liga de Hygiene Mental de França.</p>	<p>"A protecção dos alienados, como a dos orphãos, é a affirmação mais alta da solidariedade humana". — Assim conclue o Professor C. Santin Rossi, Cathedratico da Faculdade de Medicina de Montevidéo, um vigoroso paragrapho de uma de suas obras, em que pleiteou a criação de Sociedade de Patronato para os egressos dos manicomios.</p>
<p>"Por nobreza natural deve entender-se a perfeita saude physica e psychica, com um maximo de eficiencia social e humanitaria. Si em todos os circulos sociaes for cultivado esse ideal, visando a formação do matrimonio, serão evitadas as doenças mentaes e nervosas endógenas, ou hereditarias, isto é, as que não são produzidas por causas externas ou exogenas, como o alcool, a syphilis, etc.". — E' esse o profundo ensinamento do Professor Dr. Robert Sommer, o notavel psychiatra allemão que dirige a Liga Allemã de Hygiene Psychica, desde a sua fundação.</p>	<p>"Os disturbios mentaes, se reconhecidos em seus primordios, são mais facilmente curaveis e nos ambulatorios frequentados pelos predispostos, poderão ser elles mais precocemente surprehendidos". — Assim se exprime o notavel mestre da psychiatria brasileira, Professor Henrique Roxo, focalizando um dos aspectos que mais justificam a criação dos serviços de hygiene mental.</p>
<p>"A consulta do medico antes do casamento é um dever moral que deve ser prehenchido tanto no interesse das pessoas em causa, como no de sua posteridade". — Em magistral conferencia pronunciada na Liga Brasileira de Hygiene Mental, em 26 de Abriu de 1928, encareceu d'esse modo o saudoso mestre, Professor Juliano Moreira, a necessidade inadiavel dos consultorios pre-nupcias.</p>	<p>"A Liga de Hygiene Mental deve pugnar com mais vehemencia pela incapacidade matrimonial dos degenerados, dos debeis psychicos (oligophrenicos) depois de certo grau, emfim, dos doentes mentaes que manifestam doenças cuja herança é conhecida e conduz á formação de familias desequilibradas". — Coube ao mallogrado neurologista brasileiro, Professor Faustino Esposel, emitir tão judicioso parecer, em brilhante artigo vindo a lume no 1.º numero dos "Archivos Brasileiros de Hygiene Mental", de Março de 1925.</p>

Fonte: ABHM, 1934b, p. 63-72.

Por último, destacamos um conjunto de textos (n=37) publicados nos ABHM sem vinculação a seções existentes e que foram reunidos na seção "Miscelânea" criada para esse fim, conforme mencionado anteriormente. A maioria (n=29) desses textos incluía fotografias de presidentes honorários de conferências de higiene mental realizadas no Brasil e no exterior e de outras personalidades da área, índices dos volumes (1930, 1933 e 1934) dos ABHM, relação de membros e presidentes de honra da LBHM, relatório dos trabalhos realizados pela Liga, e artigos breves sobre a higiene mental. Os demais textos (n=8) apareceram em quatro seções *ad hoc*, conforme descrição na Tabela 5.

Tabela 5 – Seções *ad hoc* dos ABHM (1931, 1933-1935)

Anos	Seção	Título dos textos	Total
1931	Ineditorial	Jogos educativos brasileiros	1
1933	Clínica de Eufrenia	Os trabalhos do primeiro trimestre	1
	Higiene Mental Para Todos	[Frases motivacionais sobre higiene mental] *	1
1934	Os supranormais e a psiquiatria	[Apresentação da seção] *	1
		A doença de Nietzsche	1
1935	O dia antivenéreo	[Apresentação da seção] Palestra realizada pelo Prof. J. P. Porto-Carrero Aspectos sociais e econômicos das doenças venéreas	3
Total			8

(*) Título atribuído

Fonte: Elaboração da autora

Chamam a atenção na Tabela 6 as seções “Ineditorial” e “Os supranormais e a psiquiatria”. A primeira, conforme a definição de “ineditorial⁴⁷”, tratava-se da propaganda remunerada de um produto comercial. O texto trazia instruções para a realização de jogos educativos publicados no primeiro volume da série Jogos Educativos Brasileiros da Casa Editora Villas Bôas & Cia, e destacava que os jogos educativos eram uma forma importante de treino de funções psico-sensoriais e instrução para a higiene mental durante a infância.

É pertinente observarmos também outras propagandas comerciais inseridas em algumas edições do ABHM publicadas em 1929, 1935 e 1939, conforme mostram as Figuras 7a e 7b.

⁴⁷ Trata-se de uma parte do periódico vendida para publicação de informação de terceiros (WIKTIONARY, 2021).

Figura 7a – Propagandas nos ABHM

NEO-VITAMINA "L. B. C."
 Extrato de Vitaminas, anti-rachiticas, anti-neuriticas, anti-escorbúticas, não contendo álcool nem conservador tóxico

A pesquisa científica destes últimos annos demonstraram em relação á alimentação que existem além da albumina, dos hydratos de carbono, da gordura, de substancias mineiras e da água, outros elementos os quaes em quantidade minima são indispensaveis ao equilibrio da nutricao, e cuja ausencia é capaz de provocar disturbios graves embora o organismo reciba alimentos com sufficiente numero de calorias.

A composições chimicas determinadas, estruturadas ás trocas organicas de-as e nome de Vitaminas (vita = vida; amina = substancia contendo azoto). Verificou-se posteriormente que não se trata de uma ad substancia, porém de uma serie de corpos bem conhecidos sob o ponto de vista physiologico e therapeutico e ainda mal estudados chimicamente.

Distinguem-se actualmentes:

Grupo A – Substancias liposolúveis

- anti-neuriticas
- anti-escorbúticas
- favorecedor o crescimento.

Grupo B – Substancias lipo-solúveis

O ensaio clinico orientou o inicio destas pesquisas a partir de Wernock em 1878, van Leent em 1880. Em 1897 Björkstén notava em animaes alimentados com arroz cozido e sem casca, perturbações semelhantes ao beriberi do homem, perturbações que desapareciam com a simples junção da pellicula tratada do arroz. As mesmas experiencias com outros cereas foram feitas por Grijns Axel Holst, Schaumann, Aron, Aberhalden, confirmando as primeiras observações.

Abrirem-se logo novos horizontes á therapeutica alimentar do homem, especialmente na diacética do lactente, resolvidos-se a prophyllaxia e a therapia do ber-beri, escorbuto, doença de Moeller-Biarlow, intoxicação alimentar, syndromes de peso estacionario e edema da fome na creança, carencia alimentar ou decomposição alimentar, rachitismo, pelagra, etc., etc.

As modernas observações experimentaes de Froehlich ultimamente constituiram successo absoluto, obtendo estas pesquisas o desaparecimento de todos aquelles disturbios com a utilização do succo de frutas e extractos de certos vegetaes.

Verificou ainda a acção prophylactica de lates extractos, os quaes agindo como verdadeiros "hormonios alimentares" evitam o aparecimento de todos aquelles doencas de auto-cura.

Embora não determinada ainda a estrutura chimica definitiva destas substancias, estão conhecidos hoje todos os cereas, vegetaes e frutas que as contém pelos methodos de verificação experimental, hoje rigorosos e conhecidos em Laboratorios.

Sabe-se tambem como são submetidas estas substancias aos processos communs de conservação tais como dessecamento, etc.

O "Laboratorio de Biologia Clinica, Ltda." no elevado interesse scientifico de procurar resolver o problema da dietetica alimentar, principalmente na creança, em o mesmo anno, após pesquisas de alguns annos, julgou ter realizado conquista digna do seu esforço conseguindo preparar um "Extracto de Vitaminas" contendo as vitaminas anti-neuriticas, anti-escorbúticas e anti-rachiticas, que obteve por processos especiais, reunindo os extractos totaes de frutas e vegetaes ricas em vitaminas, estabilizadas sem calor e sem conservador tóxico.

O "Laboratorio de Biologia Clinica, Ltda." confiando na observação de todos os collegas que se dignaram realizar as necessárias experiencias com o producto em questão nos dispensarios desta Capital, e que unanimes confirmaram o seu valor, especialmente na carencia alimentar ou decomposição alimentar da creança, e nos casos de convalescencia post-infantica, julgou ter realizado o preparo do tónico ideal por excellencia, porquanto, estimulador de todas as trocas organicas como hormonio da alimentação, que o é de facto, não contém álcool, substancia nociva e base essencial de todos os chamados preparados tónicos.

Uso indicado: – As crianças: – Para creanças: Uma colher das de sopa.
 Para adultos: Um colher.

Doses que poderão ser usadas de duas em duas horas nos casos graves.

LABORATORIO DE BIOLOGIA CLINICA, LTDA.
 DIRECCÃO SCIENTIFICA: Drs. M. Pinheiro e G. Riedel
 Endereço: Largo da Carioca, 16-18 RIO DE JANEIRO Fabrica: Rua 24 de Maio, 548

O Maximo de Perfeição em Apparelhos de Diathermia

A demonstração de um aparelho vario-Frequecia para Diathermia General Electric X-Ray Corporation, convencerá aos Srs. Clinicos, de uma forma cabal, de seu poder de transmittir um suave calor, profundamente, dentro dos tecidos de qualquer parte affectada para a qual o calor é indicado, e facilmente regulado no ponto de conforto e tolerancia do doente.



O Comprador de um aparelho vario-Frequecia General Electric X-Ray Corporation pôde estar seguro de que o aparelho provará sua eficiencia na sua pratica

Os principios de desenho do mesmo aparelho são correctos e a selecção de material de alta qualidade para sua confecção é a preocupação maxima dos fabricantes.

O aumento constante do uso de diathermia justifica a escolha do aparelho vario-Frequecia General X-Ray Corporation.

Poderemos mandar ao Sr. alguma litteratura medica, ressaltando o valor da diathermia na pratica individual?

Hipertonia!

contra todos os estados hipertonicos recomenda-se o novo vasoregulador e espasmolítico «Bayer»

Locapral

combinação de Teobromina + Prominal + iodo-calcio-tri-etanol-amina.

Combate efficientemente a arterioesclerose.
 Diminui a disposição espasmolítica dos vasos.
 Regula a circulação sanguinea, especialmente na angina do peito.
 Melhora prontamente as perturbações subjetivas.
 Remove os estados de depressão fisica e psiquica.

A Chímica «Bayer» Ltda. Tabos com 20 comprimidos.

Arquivos Brasileiros de Higiene Mental

Xarope «Knoll» de Paracodina

combate eficazmente a **tosse, facilita a expectoração,** não produz habito nem euforia.

A Paracodina é muito mais eficaz que a codeína. Os expectorantes contidos no xarope reforçam ainda mais o seu accção calmante da tosse. O seu sabor agradável e a ausencia de acções accessorias, mesmo em dosificações elevadas, constituem outras vantagens do Xarope «Knoll» de Paracodina, o qual pode assim ser receitado até mesmo a creanças e pessoas de idade avançada.

Propaganda exclusivamente medica!

Vidros originaes com 150 g m/m.

Posologia: 1 colher das de sopa, varias vezes ao dia. Creanças com mais de 1 ano: 1-1½ colher das de chá, varias vezes ao dia. Creanças com menos de 1 ano, doses proporcionalmente menores.

KNOLL & CO., LUDWIGSHAFEN SOBRE O RHENO



Fonte: ABHM (1929, 1935, 1939)

Figura 7b – Propagandas publicadas nos ABHM (1935)



DEVIPANA-SODICO

PARA
ANESTESIA CURTA, PROFUNDA OU PREPARATÓ-
RIA, ASSOCIADA OU ISOLADAMENTE.

A anestesia perfeita por via intravenosa
Sem efeitos secundários locais ou gerais
Em todos os casos de cirurgia e ginecologia, tratando-se de inter-
venções cuja duração não exceda de 30 a 40 minutos
Narcolese de efeito imediato
Amnésia retrograda
Efeito mínimo sobre a circulação e a respiração.
Não provoca estados nervosos
Despertar natural, sem efeitos secundários.

EMBALA
ORIGIN
1 ampola d
Devipana-Soc
ampola de
distribuída ep
5 ampolas
de Devipana-S
5 ampolas de
distribuída est

 A CHIMICA »Bayer«

NA SYPHILIS

EM TODOS OS SEUS PE-
RIODOS OBTEM-SE OS
MELHORES RESULTADOS
COM O

NATROL

TARTARO-BISMUTHATO DE SODIO
SOLUVEL E ATOXICO-INDOLÓR
INJEÇÕES INTRAMUSCULARES
POMADA DE

NATROL

ÚLCERAS * ESPINHAS NO ROSTO * FERIDAS REBELDES

2 Produtos Sancionados pela Experiência
Clínico-Terapêutica

Opo-Cerebrina

LIPOIDES CEREBRAIS

Tônico dos homens de negocio
e dos intelectuais.

DRAGÉAS — (cérebro desecado)
EMPÓLAS — (extrato cerebral in-
jelável)

INDICAÇÕES :

Neurastenia, Histeria, Epilepsia,
Esgotamento nervoso, etc.

ENERGIL

ASSOCIAÇÃO DE EXTRATO
TESTICULAR, ESTRICNINA E
GLICEROFOSFATO DE SÓDIO.

EMPÓLAS DE 1 c.c.

A opoterapia testicular aumenta
a força muscular,
a atividade intelectual,
a capacidade de trabalho.

Carlos da Silva Araujo & Cia.
Caixa Postal 163 Rio de Janeiro

Fonte: ABHM, 1935

A primeira propaganda, na edição de 1929, anunciava a “Neo-vitamina L.B.C.”. Tratava-se de um extrato de vitaminas antirraquíticas, antiescorbúticas, não contendo álcool e nem conservantes tóxicos e produzida pelo Laboratório de Biologia Clínica Ltda., sob direção científica dos Drs. M. Pinheiro e Gustavo Riedel, este último presidente da LBHM.

A segunda propaganda, inserida na edição de 1935, anunciava “Aparelhos de Diatermia” produzidos pela *General Electric* e distribuídos pela sua representante no Brasil, a firma Moreno Borlido & Companhia. Esse aparelho transmitia um suave calor, profundamente, dentro dos tecidos de qualquer parte afetada para a qual o calor é indicado, ao ponto de conforto e tolerância ao doente.

A terceira propaganda, inserida na edição de 1939, anunciava o Xarope “Knoll” de Paracodina, produzido pelo laboratório Knoll A. G. Ludwigshafen sobre o Rheno, indicado para o combate eficaz da tosse, pois facilitava a expectoração, não produzia

hábito e nem euforia. Nessa mesma edição, também foi inserida a propaganda do medicamento vaso-regulador e espasmolítico “Iocapral” produzido pela Bayer e recomendado contra todos os estados hipertônicos, que entre outras propriedades removia os estados de depressão física e psíquica. Além disso, algumas edições dos ABHM traziam no rodapé do sumário a propaganda da Fonte D. Pedro, localizada em Caxambu-MG, conforme mostra a Figura 7a.

As propagandas da Figura 7b referem-se aos medicamentos Oevipana Sódico e Natrol produzidos, respectivamente, pelos laboratórios Bayer e Carlos da Silva Araújo & Cia. Vale lembrar que, nos anos 1920, o membro da LBHM Renato Kehl foi diretor da Bayer do Brasil. Nesse caso, essas propagandas da Bayer nos ABHM teriam contado com sua intermediação?

A seção “Os supranormais e a psiquiatria” foi criada para publicar estudos “sempre que possíveis originais, sobre a vida de homens superiores, do ponto de vista do intelecto, da volição ou da afetividade” (ABHM, 1934e, p. 58). Anunciava-se também que na próxima edição seria publicada a biografia clínica de um “célebre poeta francês do último quartel do século passado”, mas isso não chegou a acontecer, pois a seção foi descontinuada. O único artigo publicado nessa seção era de autoria de Renato Kehl, da LBHM. Apresentava uma “biografia clinica” de Nietzsche, tido como “supranormal”, tratando de suas características mentais e morais e das enfermidades que o acometeram.

Todavia, no ano seguinte (1935), sem fazer parte das seções já existentes, mas sob o título “Precursores e pioneiros da Higiene Mental na América” foram publicadas pequenas biografias em homenagem póstumas a psiquiatras do continente americano, quais sejam: da Argentina: Domingo Cabred, José Maria Ramos Mejia, José Ingenieros; do Brasil: Juliano Moreira, Gustavo Riedel, João Carlos Teixeira Brandão, Nina Rodrigues, Franco da Rocha, Faustino Esposel; do Canadá: Richard Maurice Bueke, Charles Kirk Clarke; dos EUA: Benjamin Rush, Amariah Brigham, Dorothea Dix, Isaac Ray, Ernest Southard, Walter E. Fernald, Thomas W. Salmon; do México: Juan Peon del Valle, Miguel Lasso de la Veja; do Peru: José Casimiro Ulloa, Hermilio Valdizan; do Uruguai: Bernardo Etchepare e Enrique Castro. Vale observar que algumas dessas notas biográficas eram assinadas por membros da LBHM (Oswaldo Loudet, Ernani Lopes, A. Xavier de Oliveira, Henrique Roxo, Arthur Ramos, A. C. Pacheco e Silva) e as demais por um familiar do homenageado e outros nomes da psiquiatria mundial.

A seção “Clínica de Eufrenia” apresentou apenas um texto de autoria do redator dos ABHM Mirandolino Caldas relatando as atividades realizadas pela Clínica após três meses de sua inauguração ocorrida em 15 de dezembro de 1932.

Nesse texto, Caldas (1933a) ressaltou a importância das Clínicas de Eufrenia e informou que a Clínica de Eufrenia da LBHM era equipada por um consultório de psicopediatria, um laboratório de psicologia e um serviço social, todos suficientemente aparelhados. Esclarece que essa estrutura foi baseada nas clínicas psicológicas infantis dos EUA denominadas *Child Guidance Clinic*. São detalhados e analisados dois casos da Clínica, o primeiro de um cliente de 13 anos mudo e com “evolução retardada”, e o segundo de uma menina de 10 anos com tiques de músculos dos lábios e face, fala durante o sono e onicofagia⁴⁸.

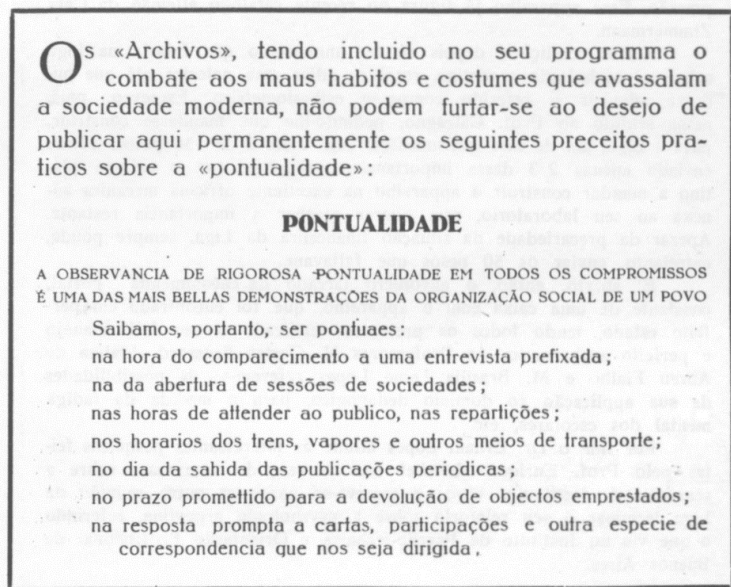
A seção “Higiene Mental para todos” publicou apenas um texto em 1933 e tinha como subtítulo “página de vulgarização” e apresentava frases motivacionais (n=5) sobre higiene mental, assinadas no final com a inicial “E”, provavelmente do redator Ernani Lopes. Eis um exemplo dessas frases:

Podes dizer-me que são categóricos os imperativos dos instintos. Convirei comigo que assim é. E dir-te-ei já ter a civilização criado na humanidade um instinto novo, o de inibição, que atua corrigindo os desmandos dos seus irmãos arcaicos. Cabe à Higiene Mental e às demais ciencias antropológicas contribuir para sua fixação definitiva em todos os homens. – E. (ABHM, 1933c, p. 76).

Nesse contexto motivacional também foram identificadas em determinados volumes (n=7) dos ABHM referentes aos anos 1929 e 1930, a inserção de “Preceitos práticos sobre pontualidade”, conforme pode ser visto na Figura 8, que se refere à observância da pontualidade nas atividades do cotidiano.

⁴⁸ Hábito de roer as unhas.

Figura 8 – Preceitos práticos sobre pontualidade publicados nos ABHM



Fonte: ABHM, 1929f

Por sua vez, a seção “O dia antivenéreo” reuniu um conjunto de três textos publicados em 1935. O primeiro informava que Brasil, Argentina e Uruguai concordaram em realizar, no primeiro domingo de setembro de cada ano, “O dia antivenéreo” consagrado à propaganda sobre os perigos das doenças venéreas, da necessidade de prevenir-se e de combatê-las. No Brasil foram realizadas atividades de propaganda nos estados e, na capital, diversas conferências, conferências radiofônicas e exibição de filmes. Na Argentina foi realizada uma grande reunião com palestras de importantes médicos do país e convidados, como o vice-presidente da LBHM, Júlio Porto-Carrero. O segundo texto apresentava a íntegra da palestra de Porto-Carrero na Argentina, ilustrada com fotografia do evento realizado no Teatro Colón de Buenos Aires. O terceiro texto apresentava a íntegra da palestra radiofônica sobre aspectos sociais e econômicos das doenças venéreas, proferida por Oscar Silva Araújo, da LBHM.

Após esse panorama sobre as seções dos ABHM apresentamos a seguir os resultados sobre as análises bibliométrica e de conteúdo da produção científica sobre educação publicada nesse periódico.

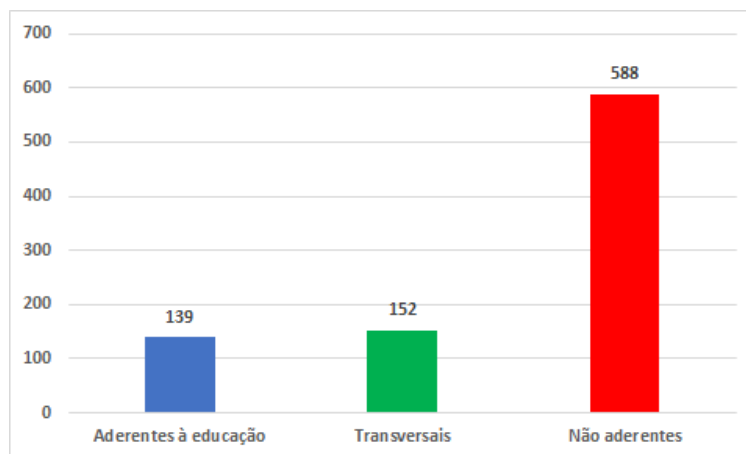
4 A EDUCAÇÃO NO CONTEXTO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DOS ABHM

Para Bittencourt (1941, p. 31), a educação é um fenômeno biológico e “uma direção psicológica para uma adaptação social e sob esse ângulo é que se encontra a sua essência”. O campo da educação foi visto pela LBHM não como um fenômeno histórico, mas como um fenômeno psíquica e biologicamente determinado, isolado do processo histórico (WANDERBROOCK JÚNIOR, 2007). E esse fenômeno seria “[...] a verdadeira profilaxia mental infantil, a verdadeira eugenia” (OLINTO, 1934, p. 122).

Haja vista a importância da educação da população para o projeto higienista da LBHM, desenvolvemos uma análise quantitativa e qualitativa dos textos dos Arquivos Brasileiros de Higiene Mental, enfocando os artigos cujas temáticas são relacionadas à escola e à educação higienista, utilizando as abordagens das análises bibliométrica e de conteúdo.

A Figura 9 mostra a distribuição dos 879 textos publicados nos ABHM aos quais tivemos acesso, destacando aqueles aderentes à educação (n=139), outros que abordam a temática educacional de forma transversal (n=152) e os demais (n=588) que não apresentam aderência a essa temática.

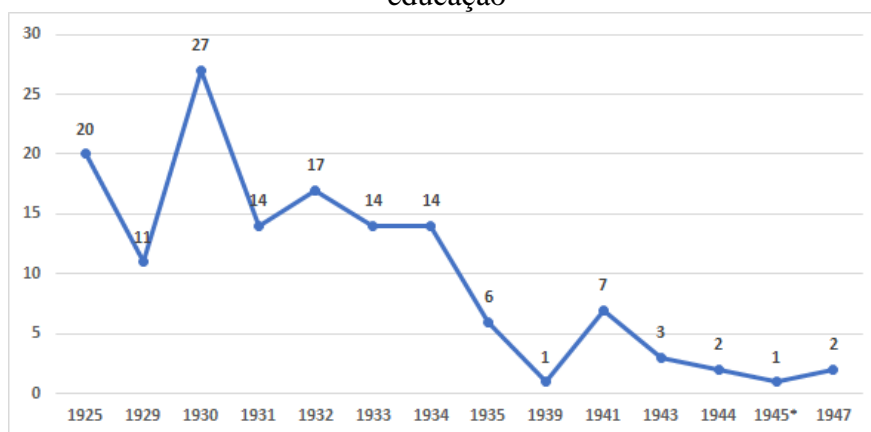
Figura 9 – Distribuição temática dos textos dos ABHM em relação à educação



Fonte: Elaboração da autora

Desse modo, o corpus final de análise das publicações com temática aderente à educação foi composto por 139 textos que foram publicados entre os anos de 1925 e 1947, recorte temporal que abrange toda a coleção dos ABHM. A Figura 10 mostra a distribuição anual do corpus analisado.

Figura 10 – Distribuição anual dos textos dos ABHM com temática aderente à educação

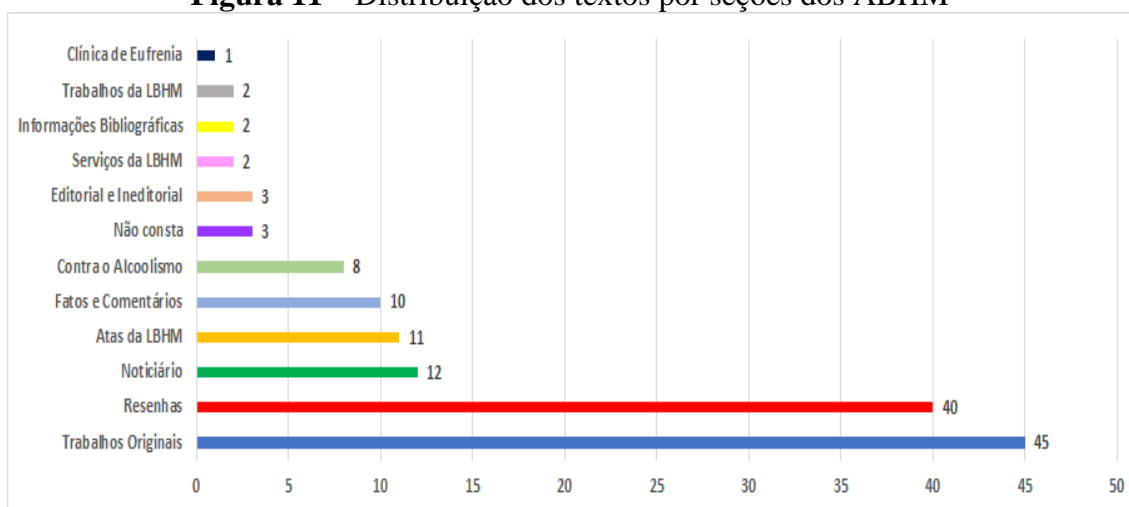


Fonte: Elaboração da autora

Nota-se na Figura 10 que a maioria dos textos (n=117) concentra-se no período entre 1925 e 1934. O maior escore ocorre em 1930 (n=27), pois esse foi o ano em que os ABHM publicaram mais edições (n=9). A partir de 1935 os textos são mais escassos, em decorrência de uma lacuna na coleção consultada referente aos volumes publicados entre 1936 e 1938.

A Figura 11 mostra que a maior parte dos textos (n=97) foi publicada nas seções “Trabalhos originais” (n=45), “Resenhas e Análises” (n=40) e “Noticiário / Fatos e comentários” (n=12). Conforme comentado anteriormente, os textos publicados nessas seções podem ser considerados como uma espécie de “voz oficial” da LBHM, uma vez que privilegiavam a publicação dos membros da Liga.

Figura 11 – Distribuição dos textos por seções dos ABHM



Fonte: Elaboração da autora

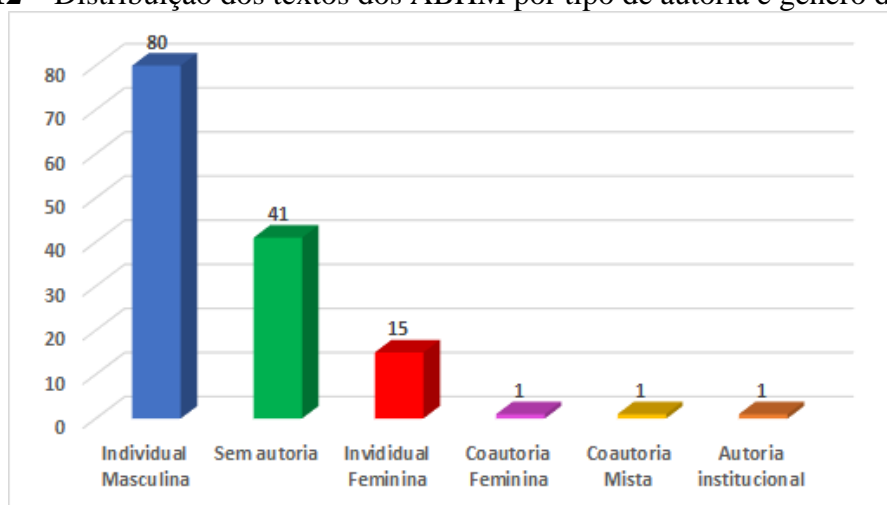
Além disso, esses textos tentavam convencer o leitor que as ideias sobre higiene mental e eugenia tão caras ao ideário da LBHM eram referendadas por uma ampla literatura científica.

Corroborando esse entendimento, o primeiro Editorial dos ABHM (1925d, p. 1), ao afirmar que a Liga “procurará difundir nas camadas populares as normas de higiene neuropsíquica já sancionadas pela unanimidade dos especialistas”. Além disso, afirmava-se que:

[...] pretendem ser os Arquivos não só um repositório do que se publique sobre o assunto em nosso meio, ou alhures, mas também se possível, um núcleo de atração de prosélitos, no amplo domínio dessa higiene mental, que com justo direito aspira tornar-se “a moral universal de amanhã” (ABHM, 1925d, p. 1).

A Figura 12 apresenta o tipo de autoria – individual ou coautoria – de acordo com o gênero dos autores dos textos.

Figura 12 – Distribuição dos textos dos ABHM por tipo de autoria e gênero dos autores



Fonte: Elaboração da autora

Nota-se na Figura 12 que em 29,5% dos textos (n=41) não havia identificação dos autores, e em contrapartida, em 70,5% (n=98) deles havia assinatura dos autores. Foi identificada apenas uma autoria institucional referente à Liga de Higiene Mental de Pernambuco.

Por sua vez, os resultados da distribuição dos textos (n=139) de acordo com o total de autores (n=38) revelaram que:

- a) 34,2% dos autores (n=13) foram responsáveis por 53,2% (n=74) dos textos;

b) 65,8% (n=25) dos autores, incluindo a autoria institucional, foram responsáveis por 46,8% (n=65) dos textos, já excluída a dupla contagem dos textos em coautorias.

c) as autorias individuais masculinas e femininas (n=95) prevaleceram sobre as coautorias (n=2).

Os resultados desses indicadores desagregados conforme o total de contribuições e gênero dos autores podem ser visualizados na Tabela 6, que contém ainda os textos sem autoria (n=41).

Tabela 6 – Distribuição dos autores e textos dos ABHM sobre educação por gênero

Autores	Contribuições	Gênero		Textos
		Homem	Mulher	
Ernani Lopes	34	1	0	34
Mirandolino Caldas	9	1	0	9
Maria Brasília Lemes Lopes*	7	0	1	7
Arthur Ramos	5	5	0	5
Erasmus Braga	3	1	0	3
Henrique Roxo	3	1	0	3
Oswaldo Camargo	2	1	0	2
Annita Paes Barreto*	2	0	1	1
C. A. Baker	2	1	0	2
Carlos Penafiel	2	1	0	2
Helena Antipoff	2	0	1	2
Moysés Xavier de Araujo	2	1	0	2
Ulysses Pernambucano*	2	1	0	2
Adalberto de Lira Cavalcante; Alfredo Britto; Faustino Esposel; Isaias Alves; Januario Bittencourt; José Paranhos Fontenelle; Julio Pires Porto-Carrero; Leoni Kaseff; Melchiades Picanço; Murillo de Campos; Plinio Olinto; Raul Bittencourt; Rubião Meira; Victor Delfino; Waldemar Berardinelli; Waclaw Radecki; Waldemar de Almeida.	17	17	0	17
Consuelo Pinheiro; Flora E. Strout; Idalina de Abreu Fialho*; Lair Ximenes; Maria Antonieta de Castro; Nicolau Cortat Frossard; Virginia L. Bicudo.	7	0	7	6
Liga de Higiene Mental de Pernambuco	1	0	0	1
Não consta a autoria	41	0	0	41
Total de autores		28	10	
Total de contribuições/ artigos	141			139

(*) Há dupla contagem das coautorias: Ulysses Pernambucano e Annita Paes Barreto; Maria Brasília Leme Lopes e Idalina de Abreu Fialho. Em vermelho são destacadas as mulheres.

Fonte: Elaboração da autora

Após a leitura integral dos textos (n=139) estes foram categorizados para identificar as temáticas que expressavam as concepções de educação ancoradas nos valores da higiene mental defendidos pela LBHM.

Na Tabela 7 são apresentadas as seis categorias temáticas identificadas e as subcategorias com os temas abordados nos textos.

Tabela 7 – Categorias temáticas relacionadas à educação

Categorias temáticas	Escopo (subcategorias)	Artigos
1 Psicologia	Fundamentação teórica e prática da Higiene Mental, por meio de testes, observações, etc.; Psicologia Experimental; Psicologia Infantil; serviços psicológicos.	64
2 Educação e Escola	Papéis dos pais, da escola, dos médicos, psicólogos, enfermeiras e governo na tarefa educativa; formação de professores; métodos educativos; educação sexual; educação antialcoólica; orientação profissional.	63
3 Educação Especial	Ortofrenia, testes psicométricos, formação de professores, superdotação, Sociedade Pestalozzi, classes especiais, escolas especiais, família e escola.	26
4 Psiquiatria e Psicanálise	Psiquiatria Infantil, orientações para pais e escola, exemplos de estudos de casos com intervenção psiquiátrica e psicanalítica, educação sexual, indicações de literatura científica pertinente.	22
5 Eufrenia e Higiene Mental	Abordagem médico-pedagógica da eufrenia; higiene mental e pedagogia; educador, higienista mental e família; serviços de eufrenia e higiene mental oferecidos pela LBHM.	9
6 Outros	Relações com outras entidades (como a ABE), eventos e visitas; serviços (Higiene Mental e Ortofrenia); divulgação; Eugenia, higiene social e educação moral.	12
	Total	196*

(*) Essa somatória é superior ao total de artigos (n=139) pois um texto pode abordar vários temas

Fonte: Elaboração da autora

A Tabela 7 mostra que a Psicologia ancorava o debate sobre a educação dentre os membros da Liga Brasileira de Higiene Mental, sendo a questão mais abordada nestes textos (n=64), e juntamente com os textos de Psiquiatria e Psicanálise (n=22) fornecia as bases teóricas para justificar a aplicação dos testes psicométricos para identificar os alunos especiais tidos na época como “anormais”, que teriam como destino a Educação Especial (n=26) e os serviços de Eufrenia (n=9). Com o segundo

maior escore (n=63) estavam as discussões sobre a “Educação e Escola”, que incluem os papéis dos pais, da escola, dos médicos, psicólogos, enfermeiras, assistentes sociais e do governo na educação da população seguindo os preceitos higienistas.

As categorias temáticas serão analisadas com profundidade nas subseções deste capítulo.

4.1 Educação e Escola: a tarefa educativa e seus agentes

No campo da educação duas forças poderosas se encontram: a família e a escola. Da ação combinada destas duas forças, é que resulta a eficácia dos métodos educativos (XIMENES, 1943, p. 47).

Para Fontenelle (1925, p. 4), a “doença mental não é mais que a falência da adaptação”. Na necessária tarefa de adaptação, portanto, deve-se destacar o papel da família e da escola, que recebem minuciosas recomendações dos especialistas em higiene mental. Se a educação poderia garantir a saúde do indivíduo e da sociedade como um todo, feita de maneira errada, ela seria capaz de despertar os indesejados “desajustamentos” e doenças mentais (FONTENELLE, 1925; ESPOSEL, 1925; ABHM, 1932b).

Para Olinto (1934, p. 120), a higiene mental deveria ser exercida desde os primeiros dias de vida da criança, aproveitando “as boas reações do indivíduo” e impedindo “as reações impróprias”, a fim de “obter em cada personalidade uma equilibrada mentalidade”. Fontenelle (1925, p. 7) também destaca a importância de preparar a criança em seus primeiros anos, antes mesmo de ingressar na escola, pois aos seis anos ela já é “um produto mais ou menos acabado”. Na pré-escolaridade seriam lançados os fundamentos da estrutura da personalidade e já seria possível reconhecer as raízes das perturbações psíquicas (FONTENELLE, 1925, p. 7).

A mesma idade é mencionada nos ABHM ao tratar da Clínica de Eufrenia, inaugurada em fins de 1931. O serviço, que tinha como objetivo assegurar a boa formação do psiquismo (CALDAS, 1932, p. 31), buscava atender as crianças desde o nascimento até os doze anos, mas considerava que dos dois aos seis anos de idade é que se pode realizar o verdadeiro trabalho médico-pedagógico.

Passada essa fase de formação e integralização da personalidade infantil, não será mais possível na maioria das vezes eufrenizar⁴⁹ as crianças. Será possível, porém, ambientá-las, corrigi-las, orientá-las. (ABHM, 1932b, p. 68).

A urgência da educação higiênica desde o nascimento é apontada também por Vianna (ABHM, 1925c) em conferência realizada na Sociedade de Medicina de Porto Alegre. Para defender tal posicionamento, ele cita o educador Pestalozzi:

Ao grande Pestalozzi perguntou, certa vez, uma mãe à época em que deveria iniciar a educação de seu filho. ‘Que idade tem o seu filho’, inquiriu ele? Seis anos, respondeu-lhe a jovem mãe. Ah!, minha excelente amiga, precioso tempo que já se perdeu para a sua nobre missão! Comece imediatamente a grande tarefa, porque ainda é possível reconquistar o perdido! Tal foi a resposta do notável pedagogo. (ABHM, 1925c, p. 177).

Nessa fase da infância, seria primordial o papel da família na tarefa higienista, e os membros da LBHM se dirigiam à família, em especial às mães, em diversas ocasiões. A educação familiar, para Fontenelle (1925), teria diversas responsabilidades: dar a criança hábitos de regularidade, ensiná-la a dominar seus instintos, a ter responsabilidade sobre os próprios atos, a enfrentar calmamente situações difíceis, a resolver sozinha as dificuldades dos estudos, a lidar com os dissabores e fracassos da vida, a resistir às provações morais e estimular o trabalho regrado. A família deveria preencher a vida das crianças com atividades práticas, evitando os excessos de imaginação (*day dreaming*), que poderiam gerar desinteresse pela realidade e isolamento mental.

Le Gendre (1924), em livro resenhado por Lopes (1925b) nos ABHM, também fez recomendações para as famílias: no lar doméstico deveria existir harmonia entre o casal, e os pais e criados deveriam dar bons exemplos, se empenhando em desenvolver hábitos morais e valores como a lei do trabalho (a criança precisaria sempre estar entretida com uma ocupação), solidariedade, justiça, responsabilidade, polidez, bons modos, horror à mentira, dentro outros. A relação entre pais e filhos necessitava ser baseada na confiança recíproca.

Olinto (1934, p. 122) defendia que a “verdadeira profilaxia mental infantil, a verdadeira eugenia, resume-se em educar”. E essa educação começaria “pelo exemplo, na fase da imitação, depois, pela implantação de hábitos sadios, na fase da

⁴⁹ Corrigi-las por meio da Eufrenia, que abordaremos adiante.

compreensão, finalmente pelo estudo, na fase da invenção”. Desta maneira, poder-se-ia evitar que a criança falhasse na vida e ela poderia encarar seus desajustamentos “de maneira menos penosa, menos difícil, mais prazerosa e feliz” (OLINTO, 1934, p. 122).

Era essencial, portanto, para os higienistas, a imposição dos saberes médicos no cotidiano das famílias e a convocação dos pais e, principalmente, das mães⁵⁰, a aprender os métodos preventivos higienistas, visto que elas poderiam ser responsabilizadas pelas “imoralidades e patologias dos filhos” (SILVA JÚNIOR; ANDRADE, 2007, p. 434-435).

Nem todos os pais, para Ximenes (1943, p. 43-45), “tem o verdadeiro senso de suas responsabilidades dos seus deveres”, o que seria de extrema importância, visto que o “fracasso dos pais na sua tarefa educativa explica, em grande parte, a causa de certos defeitos de caráter e perturbações na afetividade das crianças e dos jovens”.

Baseados na ideia da família como célula nuclear e primária da sociedade, os membros da LBHM tomavam a casa como estabelecimento fundamental para vigilância e execução das exigências higiênicas, postulando uma importância nova para a mulher que deveria trabalhar arduamente e se responsabilizar para que seu lar não fosse contaminado pelos vícios da rua. (SILVA JÚNIOR; ANDRADE, 2007, p. 430).

Ximenes (1943) aponta que a educação ideal não deveria ser excessivamente severa e nem muito sentimental. A severidade exacerbada prejudicaria o psiquismo infantil, que ficaria permeado pelo medo, pela angústia, pelo ódio e pela inibição. Para além de condições materiais satisfatórias, a criança precisaria de carinho e compreensão. Contudo, a criança mimada, com sentimentalismo exagerado, julga-se um ser privilegiado e torna-se incapaz, de fraca personalidade, exigente e egoísta (XIMENES, 1943, p. 46-47). Recomendações semelhantes foram feitas por Fontenelle (1925, p. 5):

Combater o excesso de sensibilidade dos filhos é obrigação precípua de toda mãe que conhece os seus deveres, para que mais tarde não esperem os indivíduos (em vão) que as outras pessoas se deixem dominar por simples lamúria. Os cuidados excessivos e a tolerância exagerada criam uma atmosfera artificial para a criança, muito diversa daquela que irá o adulto encontrar na vida real, dando causa a desilusões e infelicidade. Educar com severidade e brandura,

⁵⁰ Boarini (2003, p. 39) já observou o foco dos higienistas na instrução da família, especialmente da mãe, e da professora, que seria como “uma segunda mãe”.

combinadas em dose conveniente, eis o meio de preparar um justo equilíbrio que permita à criança não ter surpresas na vida futura, para a qual foi perfeitamente preparada.

Para que a tarefa educativa fosse feita corretamente, portanto, as mães precisariam ser ensinadas a formar corretamente os primeiros hábitos dos filhos, “adaptando-os da melhor maneira aos problemas iniciais da vida” (FONTENELLE, 1925). Em ocasião da inauguração da Clínica de Eufrenia da Liga, Caldas redigiu um folheto em que apelava às mães para que cuidassem não só do organismo físico de seus filhos, mas também “do psiquismo, do espírito, da alma” (ABHM, 1932b, p. 80). Apesar de afirmar que “são os pais, não raro, os responsáveis por essas graves anomalias”, era às mães a quem ele se dirigia, esperando que estas vigiassem “racionalmente” e “cientificamente” o desenvolvimento psíquico e cognitivo dos filhos (ABHM, 1932b, p. 83).

Em São Paulo, as educadoras sanitárias escolares realizavam a preparação das futuras mães ainda durante a fase escolar. O curso “Escola das Mãezinhas” foi ofertado de 1926 a 1940 a 22.476 alunas de São Paulo, preparando-as para a maternidade. Na programação do curso, constavam atividades como

[...] inquéritos sobre as causas das mortes das criancinhas das relações da aluna, para o estudo sobre a mortalidade infantil; a pesagem, o banho, o preparo de alimentos dietéticos, etc., quanto possível, praticamente; a confecção de enxovais modelos, com o número de peças e sob os requisitos de higiene indispensáveis, o quarto do bebê, mostruários, etc., etc. (CASTRO, 1941, p. 64).

Esses especialistas sabiam, porém, que muitos pais trabalhavam durante o dia e não poderiam dispensar os cuidados necessários aos filhos, o que caracterizaria um lar incompetente (XIMENES, 1943, p. 45). Segundo Fontenelle, (1925, p. 8), muitas mães “abandonam os cuidados educativos iniciais a amas e criadas, sendo necessário desenvolver escolas maternais e jardins de infância, em número e qualidade”. Caberia às escolas, portanto, realizar a tarefa higienista.

Braga (1930, 1931) destacava em seus artigos a função social da escola, que era colocada em relevo pelo movimento higienista. A escola moderna, para o autor, perdia o aspecto “de uma velha máquina rotineira e carcomida de vícios” (BRAGA, 1931, p. 4) e abandonava o enciclopedismo para “especializar-se na formação do indivíduo primariamente capaz de viver, e então, capaz de servir, mediante a sua vocação”

(BRAGA, 1930, p. 271). A reconstrução do ensino era guiada pela colaboração da Pedagogia com a Neurologia e a Psicologia e tinha como objetivo o “bem estar da comunhão social, reforçando a vontade e iluminando os ideais do indivíduo” (BRAGA, 1931, p. 3).

Além de cuidar da educação das crianças, a escola tornava-se responsável pela educação dos pais. Segundo Porto-Carrero (1929, p. 126), a instrução dos pais seria realizada de forma direta, pelos círculos de pais e mestres ou indiretamente, por meio do próprio aluno. No Distrito Federal, o Círculo de Pais e Professores das Escolas Municipais realizava conferências públicas de vulgarização de conhecimentos, algumas delas em parceria com a LBHM. Na Escola Mista Professor Frazão, a professora Anna Emilia Carneiro Monteiro realizou uma conferência sobre o tema “Higiene mental infantil”, enfocando três tipos de crianças: as teimosas, as coléricas e as ciumentas. Juana de Lopes, vice-presidente do Círculo e membro da LBHM presidiu o evento, que também contou com a presença de Mirandolino Caldas, secretário geral da Liga. Outra conferência organizada pelo Círculo de Pais e Professores foi proferida por Lopes (1932a, p. 116), a respeito do antialcoolismo.

Para Bittencourt (1943), contudo, os círculos de pais e mestres se mostravam, na prática, inoperantes. O autor realizou diversas críticas às famílias dos escolares apontando a falta de entendimento entre estes e a escola, culminando em uma grande dificuldade para a instituição no que se refere ao ajustamento dos educandos. A atitude “reservada, resistente ou de franca oposição” dos pais, porém, poderia ser resultado da culpabilização destes pelo desajustamento dos filhos.

E se os especialistas e professores ousam esclarecer aos pais que os distúrbios psíquicos do aluno decorrem de uma perniciosa orientação familiar; que são eles, os pais, que mais precisam de correção, que devem alterar hábitos, tratar o filho de outra forma, inibirem-se, eles próprios, de caprichos e impulsos e que será inútil tentar resolver o problema da criança ou adolescente neurótico por meios estritamente escolares, quando a origem do desajustamento está na influência desfavorável do meio familiar – então os pais, se já não o estavam com tantas perguntas e solicitações, acabam por se desgostar de um todo, retiram o filho do estabelecimento e conduzem-no através de vários outros até que encontre algum que dê boas notas sem muito esforço e não fale em cousas impertinentes como considerar as crianças mentalmente perturbadoras por desorientação paterna (BITTENCOURT, 1943, p. 47).

Essa tensão entre a escola, a família e os especialistas foi abordada também por Porto-Carrero (1929) ao tratar da temática da educação sexual. As crianças, em algum momento da vida, realizam perguntas de cunho sexual, e responder corretamente a essas perguntas e evitar “instruções errôneas e maliciosas” (PORTO-CARRERO, 1929, p. 129) foi um tópico importante para a Liga Brasileira de Higiene Mental.

Porto-Carrero (1929, p. 121) aponta que os impulsos sexuais humanos se manifestam ainda durante a infância, fato que os pais ignoram. Ademais, o sexual é identificado socialmente como obsceno e mantido em mistério e horror, o que excita a curiosidade das pessoas (PORTO-CARRERO, 1929, p. 124).

Para o autor, quando as crianças começam a questionar os pais a respeito da vida sexual, estes as castigam ou mentem. A criança que não faz perguntas de cunho sexual em casa deveria ser motivo de preocupação, pois provavelmente já fantasiou ou obteve informações maliciosas por meio de outras pessoas. Assim, a escola recebia um “monstrengo fabricado no lar”, que deveria “corrigir e aperfeiçoar” (PORTO-CARRERO, 1929, p. 123). Ao educador, o autor afirma: “Sobre esse material tendes de trabalhar. É cera mole e plástica; mas já não é cera pura, mercê das terríveis inclusões de preconceitos e erronias que vos cumpre desentranhar” (PORTO-CARRERO, 1929, p. 123).

A família deveria responder as perguntas das crianças de forma “oportuna, leal, inteira e dosada”, contando a verdade sem excitar a curiosidade da criança e respeitando o seu desenvolvimento intelectual (PORTO-CARRERO, 1929, p. 126). Consciente de que essas recomendações eram pouco aplicadas nos lares brasileiros do período, a educação sexual realizada pelos educadores deveria começar pelo ensino dos pais, instruindo-lhes a corrigir as “falhas” da educação dada aos filhos. Ademais, Porto-Carrero (1929, p. 131) apela às professoras que corrijam essas “monstruosidades” que recebiam nas escolas com cuidado e “carinho materno”.

E que o vosso amor substitua o amor dos pais – o que, se, a princípio pode parecer monstruosidade, em todo caso é melhor do que o caminho errado que levará um dia às perversões, ao crime, à prostituição. O futuro de um homem vale mais do que o apego da criança ao lar perversor. Mas ainda aqui, podeis agir profilaticamente. Á vossa verdade, contraporá, decerto, a criança o erro que trouxe de casa. Cabe-vos amenizar-lhe a impressão: ‘Tua mãe não quis dizer-te o certo, para que aprendesses na escola; porque ela mesma não o sabia bem. A escola é o lugar de aprenderes; assim como aqui aprendestes, a ler, assim aqui aprenderás tudo o mais. Não perguntes sobre essas coisas em casa. Mamãe e papai têm outras ocupações; a minha

ocupação é ensinar-te'. E ensinai. Ensinai a verdade; a verdade toda; a verdade tão mais simples quanto mais verdadeira. (PORTO-CARRERO, 1929, p. 124).

Outro tópico relevante que a família e a escola deveriam abordar era o alcoolismo, considerado por Roxo (1925, p. 2) um dos três grandes fatores responsáveis pelas doenças mentais. Para Braga (1930, p. 273), o álcool seria o “demônio da humanidade”, “um dos maiores flagelos sociais”. Bittencourt (1943, p. 77-78), por sua vez, associou diretamente o alcoolismo à má educação e clamou aos pais alcoólatras que levassem seus filhos ao um dos ambulatórios da LBHM, “para que recebam orientação educativa adequada e possam vir a ser bem diferentes de vós”.

[...] se vos tornastes alcoolistas, foi porque já éreis um fracassado. E porque já o éreis? Porque vossa educação na infância não vos ensinou devidamente que, mais tarde, na idade adulta, só poderíeis ser verdadeiramente felizes se vossos pais tivessem feitos de vós um ser útil à sociedade em que viveis, com espírito de cooperação, para, dando, terdes o direito de receber. [...] Porque vos sentis inseguros, pouco confiantes em vós mesmos, porque, por má educação, não souberam criar em vós uma personalidade, um ser cômico de seus direitos e responsabilidades, fugis a estas e não sabeis utilizar aqueles. Em verdade, o alcoólatra o é para fugir aos problemas da vida. Porque não o souberam preparar para o trabalho, para cooperar na sociedade e para o amor (BITTENCOURT, 1943, p. 77).

Nesse sentido, a educação antialcoólica era fundamental para garantir a higienização da população. Anualmente, a Liga realizava uma “Semana Antialcoólica”, com o objetivo de instruir a população acerca dos perigos do alcoolismo para a saúde física, mental e moral dos indivíduos, e uma das atividades que realizavam era a visita a escolas. No Distrito Federal, em 1932, a Associação dos Professores Primários promoveu, durante a V Semana Antialcoólica, um concurso de composições literárias e gráficas entre os alunos das escolas primárias públicas e particulares. Zopyro Goulart e Ernani Lopes, membros da LBHM e, o segundo, presidente da associação mencionada, fizeram parte do júri que julgou os trabalhos apresentados (LBHM, 1932c, p. 192).

Os delegados regionais da LBHM também realizavam ações educativas nos estados. Durante a Semana Antialcoólica de 1933, por exemplo, os pernambucanos destinaram três dias para a propaganda em escolas e faculdades, e professores dessas instituições pronunciaram conferências e palestras e publicaram artigos em jornais com o objetivo de destacar os malefícios do álcool (LBHM, 1934c, p. 236). No ano seguinte, Pernambuco também se destacou e enviou à LBHM propostas de atividades a serem

realizadas nas escolas primárias do estado na Semana Antialcoólica. As propostas incluíam aulas expositivas, jogos, questionários, desenhos e a contagem de histórias para alunos de diferentes idades, associando o álcool à criminalidade e ao nascimento de descendentes considerados “anormais” pela instituição.

No conto recomendado às professoras do “jardim de infância”, o alcoolismo foi relacionado ao desemprego, ao crime e à doença mental.

Numa festa José bebeu pela primeira vez um cálix de licor. Gostou tanto que todo o dia, quando saía do trabalho ia sempre beber num café de um camarada. Como era pobre deu para tomar aguardente por ser mais barato. Depois foi desempregado porque devido ao vício de beber não trabalhava mais. Só vivia dormindo... Uma noite, chegando em casa, deu com uma cadeira no filhinho e matou-o! Foi preso e quando viu o que tinha feito ficou maluco e foi internado na Tamarineira⁵¹ (LIGA DE HIGIENE MENTAL DE PERNAMBUCO, 1935, p. 27).

O texto que seria trabalhado com os alunos do 3º ano, intitulado “O sr. Almeida” apresenta a questão da hereditariedade: o menino Octavio, de 6 anos, era física e mentalmente debilitado por ser filho de um alcóolatra.

Numa cidade do interior morava o sr. Almeida e seus filhinhos: João, de 14 anos e Octavio de 6. Este senhor que a princípio gozava do melhor conceito no meio em que vivia, entregara-se há alguns anos ao vício de beber causando espanto e tristeza a todos que o haviam conhecido antes. Também todos notavam a diferença que existia entre as duas crianças. Uma inteligente, forte, corada, sadia, e outra raquítica, pálida, sem vida. Todos os amigos do sr. Almeida impressionavam-se com esse fato e lamentavam a sorte do pobre Octavio que justamente nascera nesta época. Atingindo a idade escolar seu pai matriculou o pequerrucho no Grupo Escolar. Que tens, Octavio? Pergunta-lhe um dia D. Isabel, sua professora. Indiferente a tudo e a todos o pequeno nada respondia e foi com grande surpresa que um dia, em plena aula, foi acometido de um ataque, que o fez cair e quebrar a cabeça. Sobressalto! Indisciplina! Confusão nas classes! Que teria sido? Diz o seu coleguinha Luiz. – Algum espírito zombeteiro? O médico escolar não tarda. Faz sua ficha antropométrica e depois de um questionário severo e de um exame completo no qual verifica seus antecedentes hereditários descobre todo o mal do infortunado Octavio... Consequências do alcoolismo do pai. Tão pequeno e já tão doentinho! Epilético, nervoso e ainda com diversos órgãos afetados, Octavio não pode mais continuar na escola. Por fim seus pais também não puderam mais tê-lo em casa e a conselho do médico escolar foi o pequeno transportado para o Hospital de

⁵¹ O autor se refere ao Hospital da Tamarineira, atual Hospital Ulysses Pernambucano, hospital psiquiátrico considerado “um patrimônio vivo e histórico da psiquiatria de Pernambuco” (SES, 2022).

Alienados (LIGA DE HIGIENE MENTAL DE PERNAMBUCO, 1935, p. 31-32).

Essas histórias deveriam ser estudadas nas escolas e as professoras precisavam estar preparadas para cumprir sua função de instruir os alunos nas questões caras aos higienistas – o que, muitas vezes, não correspondia com a realidade escolar brasileira.

A falta de preparo do professorado para incorporar as medidas propostas pelos higienistas também foi uma preocupação da Liga. Em primeiro lugar, as professoras deveriam ter uma boa formação, e nesse sentido houve várias iniciativas, como a Escola de Aperfeiçoamento de Belo Horizonte que, em um curso de dois anos, capacitava as alunas recrutadas por meio de testes de inteligência e exame médico tornando-as “pedagogas especialistas”. A seleção das professoras foi justificada por Antipoff (1930, p. 227):

[...] o trabalho absorvente da Escola, o grande esforço intelectual exigido delas não podia ser obtido senão por pessoas física e intelectualmente em ótimas condições. Vê se por aí que as alunas da Escola de Aperfeiçoamento representam realmente o escol do professorado primário de Minas.

A autora relata que dentre as 150 alunas da primeira turma (1929) somente 70 alunas foram admitidas no 2º ano. Dentre 75 candidatas de 1930, apenas 40 foram aceitas, obtendo resultados satisfatórios nos testes de inteligência e no exame médico. As estudantes se dedicavam a pesquisas individuais e em grupo aplicando conhecimentos da Psicologia à Educação (ANTIPOFF, 1930).

Já em São Paulo, o Instituto de Higiene formava “professoras públicas em higiene”, que atuariam nas escolas com o objetivo de inculcar hábitos de higiene e formar uma “consciência sanitária” nos alunos. Às educadoras sanitárias escolares competia realizar cursos, campanhas e propagandas sobre a higiene; levantar fichas individuais dos alunos e estudar suas condições sociais e sanitárias no lar; auxiliar o médico escolar e encaminhar os alunos para exames especializados quando necessário; aplicar vacinas e injeções na própria escola; velar pela salubridade do ambiente escolar; realizar atividades práticas como a escovação de dentes, corte de unhas e banhos dos alunos e realizar inspeções da prática de hábitos sadios nas classes (CASTRO, 1941).

De maneira geral, a professora aliada aos princípios higienistas tinha muitas responsabilidades, e sua atuação poderia ser “favorável ou prejudicial; ela precisa

atender às condições psicoafetivas do aluno” (BICUDO, 1944, p.66-67). No entanto, ela não estava sozinha nas escolas: as visitadoras sociais, o psicólogo, o médico e a enfermeira escolar também atuavam nesse meio.

A escola, a classe maternal, e todos os outros meios educativos, devem ser assistidos, não só por médicos escolares que cuidem do lado orgânico das crianças, como por psicólogos escolares, para dirigir a observação sistemática, classificar as crianças atrasadas e especialmente adiantadas, investigar o grau de adaptabilidade da criança às profissões futuras, e junto com os pedagogos elaborar os métodos educativos e didáticos (RADECKI, 1925, p. 20).

Nas escolas, os alunos seriam examinados minuciosamente por meio de exames médicos, dos testes psicométricos e do levantamento de informações sobre sua família e condições de vida em fichas médico-psicológicas (ROXO, 1925). Se o “desajustamento” de um aluno não pudesse ser resolvido na escola, ele poderia ser encaminhado para uma instituição especializada, como a Clínica de Eufrenia da LBHM, dirigida por Mirandolino Caldas. Nesses casos, para Lourenço Filho, “o médico especialista é o que se apresenta como o verdadeiro educador ou, melhor, como o reeducador necessário” (ABHM, 1932b, p. 90).

4.2 Eufrenia e higiene mental

A expressão “eufrenia” foi cunhada por Caldas com o objetivo de sistematizar conhecimentos preexistentes em uma nova disciplina, que englobava “todos esses problemas de genética psicológica e de mesologia que visam a boa formação da psique humana”, a fim de “assegurar a boa formação do psiquismo” – algo como uma eugenia da psique humana, como ele mesmo relata (CALDAS, 1932, p. 31).

Compete, pois, à Eufrenia, acompanhar os pequeninos seres, auxiliando e orientando a formação do seu psiquismo, de tal modo que este possa praticamente se aproximar o máximo possível do padrão psicológico normal (CALDAS, 1932, p. 36).

Para tal, a eufrenia estava diretamente relacionada à eugenia. Caldas (1932, p. 32-35) escreve que, em primeiro lugar, a eufrenia deveria preocupar-se “com o problema genotípico do psiquismo”, estudando “as leis que regem a hereditariedade psicológica” e quais quadros psicológicos que possuíam caráter dominante ou recessivo

para estabelecer medidas práticas como a seleção nupcial e de natalidade, “de modo que não possam vir ao mundo os elementos que tenham todas probabilidades de possuírem caracteres disfrênicos”. Mas havia também a eufrenia médico-pedagógica, empenhada nas tarefas da profilaxia das doenças mentais e de adaptação dos indivíduos.

Inspirado pelas clínicas de hábitos e pelas *Child Guidance Clinics* dos Estados Unidos e da Europa, Caldas pretendia prevenir as doenças psíquicas na infância, até os doze anos de idade, e corrigir e ajustar o psiquismo para que ele pudesse se formar adequadamente. A Clínica contava com uma biblioteca, um serviço de testes psicométricos, serviço social, consultório clínico e dormitório para crianças hospitalizadas. O serviço social realizava um inquérito domiciliar ou escolar para colher dados importantes da vida da criança e do ambiente em que vivia; no serviço psicológico, Maria Brasília Leme Lopes realizava uma bateria de testes psicométricos com o paciente, e o serviço clínico analisava as informações coletadas e buscava soluções para o caso. Essa última seria a fase de “eufrenização ou de reajustamento psíquico” (CALDAS, 1932, p. 77).

No ano de inauguração da Clínica, a Liga afirmou (ABHM, 1932b, p. 77) que em alguns casos não seria possível “eufrenizar as crianças”, pois sua personalidade já estaria formada, mas ressaltou que a maioria das crianças que chegavam ao eufrenista ou neurohigienista era de “crianças intelectualmente normais ou supranormais, apresentando, porém, desvios da personalidade ou instabilidade afetiva, que precisam ser corrigidos”.

São crianças que, sendo bem amparadas no período crítico da sua infância, serão no futuro os elementos e os dínamos, que acionarão o progresso da pátria, ao passo que, desamparadas ou incompreendidas, poderão formar na fileira dos psicopatas e criminosos que constituem o peso morto da nação (ABHM, 1932b, p. 77).

Ernani Lopes, presidente da Liga na ocasião da inauguração da Clínica, relatou que Anísio Teixeira, diretor de Instrução Pública do Distrito Federal, estabeleceu que fossem enviados à Liga os “alunos problemas” de todas as escolas e todas as crianças que tivessem Q.I. muito baixo ou muito alto (ABHM, 1932b, p. 80), atitude que demonstra a colaboração entre a Liga e serviços governamentais para a higienização da população.

Junto a outras psicoclínicas⁵², como a Clínica de Orientação Infantil da Seção de Higiene Mental Escolar do Departamento de Educação do Estado de São Paulo, chefiada por Durval Marcondes, e a Seção de Ortofrenia e Higiene Mental do Departamento de Educação do Distrito Federal, dirigida por Arthur Ramos, a Clínica de Eufrenia preocupou-se com o desenvolvimento infantil e propagou

[...] técnicas de cuidados preventivos e corretivos nos casos denominados “criança problema”, “crianças difíceis” ou “instável escolar”, fundamentalmente tipos psíquicos desarmônicos, para precaver desajustamentos e conflitos geradores de angústia, sofrimento e incapacidade de ação. Sabia-se que entre o “normal” e o “patológico” havia uma gama de fragilidades, ou melhor, de condutas portadoras contrárias à higiene e saúde mental, fato que justificava perante as autoridades a necessidade e a relevância das clínicas, em conexão direta ou indireta com as escolas e/ou sistemas de ensino (MONARCHA, 2009, p. 283).

Além da Clínica de Eufrenia, os ambulatórios da Liga também atuavam realizando a profilaxia das doenças mentais e a adaptação da população do Distrito Federal.

Nos programas dos ambulatórios de psiquiatria preventiva já existentes à época, a intervenção na infância era enfatizada. Dessa forma, regularmente os psiquiatras ofereciam serviços voltados para a prevenção de “acidentes nervosos da infância”, por meio de aconselhamento às mães e amas, sob a responsabilidade de Gustavo de Rezende; assistência profilática aos “pequenos nervosos”, por Mauricio de Medeiros; tratamento e prevenção de reações antissociais na infância, por Heitor Carrilho; pesquisas genealógicas voltadas para orientação em higiene mental, por Floriano de Azevedo (OLIVEIRA, 2011, p. 633).

Em 1938 a Liga possuía três serviços de consultas em funcionamento: na sua sede, no Edifício Odeon, a cargo de Januário Bittencourt; no ambulatório da Clínica Psiquiátrica da Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil, sob a responsabilidade de Henrique Roxo; e no Serviço de Higiene Mental da Assistência a Psicopatas, aos cuidados de Plínio Olinto (ABHM, 1939/1940). Posteriormente, foi

⁵² Monarcha (2009, p. 274) utiliza o termo “psicoclínicas” para se referir “aos serviços de saúde mental e terapêuticos em conexão direta ou indireta com as escolas públicas brasileiras, nas décadas de 1930 e 1940. Hoje recebem os nomes ‘Clínicas Psicológicas’ ou ‘Clínicas de Higiene Mental’”.

fundado um novo ambulatório no Centro de Saúde n.º 2 da Prefeitura do Distrito Federal (ABHM, 1947a).

4.3 Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise

Conforme ressaltam Machado (1978) e Oliveira (2011), a Medicina Social e a Psiquiatria foram duas áreas que dialogaram devido ao seu objetivo comum de normatizar o espaço público. Dada a influência da Medicina Social, a Psiquiatria começou a se voltar para os indivíduos considerados “normais” para tratar e prevenir o “desajustamento”. Para Oliveira (2011, p. 632):

É uma psiquiatria que se entranha nas mínimas idiossincrasias para capturar as manifestações de anormalidade. Tratava-se de não mais restringir a atuação psiquiátrica à assistência à alienação, cujos equipamentos “terapêuticos” eram o tratamento moral e o isolamento em hospício, mas intervir de modo profilático no espaço social, tão saturado de anormais de toda espécie, de modo a evitar que “essa multidão de predispostos atinja o despenhadeiro ou seja tragada pela voragem da alienação mental” (ABHM, 1934b, p. 64).

A Psiquiatria e a Psicanálise, que nesse momento se estabelecia como uma disciplina relevante para o higienismo, guiavam a visão de mundo dos higienistas e suas propostas para a família, para as escolas, ambulatórios, clínicas, entre outros. Ajudavam, também, a desenvolver conhecimentos sobre a infância e a melhor forma de intervir no público infantil.

Bittencourt (1941) ressaltou a importância das duas disciplinas para o entendimento da infância. A Psiquiatria infantil, segundo ele, possui duas origens distintas: “uma médica, através da psicanálise, outra pedagógica, por intermédio da psicologia educacional” (BITTENCOURT, 1941, p. 35).

[...] por dois processos evolutivos independentes, a psiquiatria e a pedagogia convergiram, nos últimos vinte anos, para uma concepção que lhes é comum: - o psiquismo da criança e do adolescente possui caracteres próprios, diversos dos do adulto, tanto em seu aspecto normal, como em suas variações patológicas; - ao lado das causas fisiobiológicas, existem causas psicossociais, importantíssimas, capazes por si sós de determinarem distúrbios mentais no adulto e na criança, revelados nesta última principalmente em desajustamentos escolares (BITTENCOURT, 1941, p. 36).

A Psicanálise destacava-se, também, por motivos semelhantes:

Caracterizou a sexualidade infantil, assinalou a importância das repressões e complexos adquiridos na infância para a formação da mentalidade do adulto, recuou até os primeiros anos de vida a origem das neuroses [...]. Todo o movimento psicanalista acentuou a importância da vida mental infantil (BITTENCOURT, 1941, p. 35).

Arthur Ramos era um grande adepto da Psicanálise e abordou esse tema nos ABHM. Para ele, a análise infantil tem como objetivo a “libertação mais completa possível das cargas libidinais”, “modelando um caráter normal” (RAMOS, 1933, p. 195-200). Em casos mais simples, o próprio educador poderia agir como analista (RAMOS, 1933, p. 196).

O educador deve limitar-se [...] a observar o aluno sem que ele o perceba, recolhendo possíveis falhas que muitas vezes põem na pista de um defeito mais profundo. [...]. Só depois de destacado um sintoma, uma falha, etc., que impliquem um mal rendimento escolar, uma dificuldade pedagógica ou uma neurose latente, é que se deve aplicar a psicanálise pelos métodos habituais (RAMOS, 1933, p. 196).

Com entendimento da Psicanálise, o educador aprenderia a enxergar as coisas “com outra atitude, decifrando enigmas que até então lhe pareceram insolúveis” (RAMOS, 1933, p. 195). O ponto essencial da educação psicanalítica seria o esclarecimento da sexualidade, corrigindo a criança sem provocar recalcamientos excessivos ou deixá-la entregue livremente a seus impulsos. A energia libidinal deveria ser aplicada em jogos e esportes para que o indivíduo tivesse um desenvolvimento sadio. A Psicanálise foi a base teórica das orientações dos higienistas sobre a educação sexual.

Conforme já demonstramos, a Psicologia foi a categoria temática mais abordada nos textos aderentes à educação dos ABHM. Com a influência de Claparède, John Dewey e outros educadores escolanovistas, o aluno se tornou o centro da Educação, e a Psicologia a peça fundamental para entendê-lo e orientar o processo pedagógico (RAFANTE; LOPES, 2013, p. 333). Para Lourenço Filho (ABHM, 1932b, p. 90), a educação moderna deveria se basear no conhecimento da Psicologia, ideia também levantada no 2º Congresso Brasileiro de Higiene. Nessa ocasião, Fontenelle (ABHM, 1925a, p. 194-195) apontou a necessidade de “corrigir a deficiência do ensino das coisas

referentes à mentalidade humana”, e para isso seria necessário o estudo da Psicologia nos cursos de medicina, escolas normais, escolas profissionais e superiores e instruir o trabalho educativo das mães, amas e professoras para criar bons hábitos mentais desde o nascimento, “evitando-se as violências emocionais, os excessos de autoritarismo ou de tolerância e os exageros da imaginação”.

Radecki⁵³ (1925, p. 13) destaca que Psicologia difere de outras ciências naturais porque o acesso imediato ao fenômeno observado não é possível ao investigador, que pode apenas analisar as manifestações objetivas das funções psíquicas do investigado – palavras, ações, mudanças orgânicas. Para fixar os métodos de observação da criança e facilitar essa tarefa, foram elaborados os testes psicométricos, que possuem papel central na proposta de educação dos membros da LBHM.

Chamamos ‘testes’ a série de perguntas ou questões metodicamente construída. As resoluções ou respostas fornecidas pelo investigado revelam suas diversas propriedades psíquicas. Stern chama os ‘testes’ uma experiência verificativa, definindo-os como: experiência construída de modo a poder, em cada caso, fixar a integralidade das propriedades individuais de um sujeito ou uma propriedade isolada do mesmo (RADECKI, 1925, p. 13).

Os testes psicométricos mais conhecidos e aplicados, segundo Radecki (1925) eram os de Binet e Simon, mencionados com frequência nos ABHM. Binet propôs, em 1908, a escala métrica de inteligência, visando avaliar as capacidades cognitivas das crianças e planejar programas de educação adequados a cada nível, distribuindo as crianças em estabelecimentos ou classes especiais (RAFANTE; LOPES, 2013, p. 337).

A avaliação dos resultados dos testes fazia-se de acordo com critérios quantitativos fixados a priori, tornando possível a classificação dos indivíduos nas categorias pré-estabelecidas. O ideal de normalidade, apesar de não ser totalmente fixo e determinado, servia como diretriz na avaliação dos resultados, pois havia um mínimo desenvolvimento das funções psicológicas e cognitivas esperado dos indivíduos (RADECKI, 1925, p. 21).

Para uma correta análise de resultados dos testes, nesse sentido, era necessária a “estalonagem”, processo em que se estabelece as condições de realização da prova e

⁵³ O polonês Waclaw Radecki (1887-1953) veio ao Brasil em 1923 para auxiliar a instalação do Laboratório de Psicologia da Colônia de Psicopatas do Engenho de Dentro, do qual foi diretor até 1932. Na LBHM, foi contratado para iniciar a seleção dos escolares e ministrar cursos sobre Psicologia e os testes psicométricos (RAFANTE, 2011, p. 80).

interpretação dos resultados por meio da verificação estatística, único indicador possível de sua validade, aplicabilidade e significação (LOPES, 1929, p. 69). Por meio da estalonagem, portanto, se estabelece uma escala de nível mental para a classificação dos indivíduos testados. Trata-se de um procedimento realizado ainda hoje para o uso de testes psicológicos, a padronização.

A “estalonagem” do teste de Binet para a realidade norte-americana foi realizada por Terman⁵⁴, que adaptou o teste ao nível mental das crianças de seu país, considerado diferente do nível mental das crianças francesas, país de Binet. Esse teste permite a classificação da idade mental do indivíduo, conforme explica Lopes (1929, p. 72):

A determinação de testes típicos de um certo nível não é feita arbitrariamente, mas atende-se, sempre a razões estatísticas. Um teste T corresponde à idade I quando é resolvido por 75% das crianças de 1 ano. Se mais de 75% o resolvem, ele é fraco para a idade em questão; ao contrário, é muito difícil quando o número de soluções certas é menor que 75%. Escolhem-se bons êxitos correspondentes a 75% das provas realizadas, considerando-se que, pelo cálculo das probabilidades, se não se obedece a nenhum critério seletivo na escolha das crianças a serem submetidas ao teste, nem todas terão o mesmo nível – 50% têm uma inteligência mais ou menos equivalente, 25% são nitidamente mais bem dotadas, 25% não atingiram ainda o nível intelectual de sua idade para as diversas funções mentais de que depende a prova. Assim, 75% das soluções correspondem a 50% das crianças, que representam a média da inteligência da idade, e mais 25% que, tendo maior desenvolvimento mental, com maioria de razão resolvem facilmente o problema. Ficam eliminadas as 25% que apresentam um ligeiro atraso, ou mais exatamente uma diminuição da aptidão requerida. Como um nível mental depende da realização de um grupo de provas que solicitam aptidões diversas, se não se trata de um atraso mental verdadeiro, as crianças que falharem em um teste provavelmente se colocarão melhor em outra prova. É justamente essa variação que estabelece as diferenças individuais. Para não tirar ao teste seu valor diagnóstico, não é possível assim estabelecer um nível intelectual como uma única prova, pois que a multiplicidade delas permite uma verdadeira compensação.

A criação de uma escala brasileira do teste, portanto, funcionaria da seguinte forma:

Suponhamos que se trata da aplicação da escala de Terman a crianças brasileiras com o fim de criar um mentímetro nacional. Seja, por

⁵⁴ Lewis Terman nasceu em 1877, no condado de Johnson, Indiana e faleceu em 1956, na Califórnia. Destacou-se na Psicologia Educacional, no início do séc. XX., na Universidade de Stanford. Terman realizou a adaptação mais conhecida do teste de Stanford-Binet de QI. No ano de 1921, inicia um estudo de crianças sobredotadas, tendo defendido que estas não sofriam de distúrbios (MATOS et al, 2022).

exemplo, o teste 6, VII anos – copiar a tinta um losango. Este teste figura também na escala de Binet, para os 6 anos. Não será, assim, estranho que apresente maior ou menor dificuldade para as nossas crianças de 7 anos. Sem nenhuma ideia *a priori* sobre as condições de solução, submeteremos a esse teste crianças de idades diferentes, 6, 7 ou 8 anos, verificando em seguida qual idade que corresponde a 75% de respostas certas. O teste estudado indica o nível normal da inteligência das crianças nessa idade. Assim procederemos com todos os testes, um a um, examinando detalhadamente os resultados obtidos, antes de nos aventurarmos a qualquer indicação particular. Poderemos então organizar as provas características de cada idade e, finalmente, a escala métrica da inteligência das crianças brasileiras” (LOPES, 1929, p. 73).

Em 1930, segundo Lopes (1930a, p. 51), já existiam duas adaptações brasileiras dos testes de Binet-Simon, realizadas por Isaias Alves e por Lourenço Filho. Contudo, ele publicou sua própria versão nos ABHM (LOPES, 1931a, 1931b, 1931c, 1932b), com instruções pormenorizadas para sua aplicação. Ainda em 1930, Pernambucano (1930, p. 85-90) relatou que estava realizando a “estalonagem” do teste de Binet-Simon junto à Annita Paes Barreto pelo Instituto de Seleção e Orientação Profissional de Pernambuco. Eles se basearam na escala desenvolvida por Terman para desenvolver uma escala de inteligência aplicada à realidade brasileira.

Para Alves (1930, p. 44), a maior parte dos estudiosos considerava que:

Como dispositivo de medida da inteligência, o Teste de Binet-Simon será por muitos anos insubstituível e sobre ele se terão de basear todas as tentativas de estabelecer uma medida precisa das capacidades intelectuais.

Pensando nisso, aplicou o teste individual de Binet-Simon segundo a fórmula londrina de Cyril Burt, em 2000 alunos brasileiros, chegando ao quociente médio de 86,9. Comparando o Q.I. médio dessa experiência com o Teste de Binet e o Q.I. médio obtidos por Terman nos Estados Unidos, Alves (1930, p. 44) concluiu que o Q.I. médio do brasileiro foi inferior ao do estadunidense, o que foi atribuído por ele à “influência de melhores métodos escolares, e mais intensas sugestões do ambiente social, mas também pelo uso generalizado dos testes”, destacando que não se poderia concluir por esses resultados “que o menino brasileiro tem menos inteligência”.

Outro teste aplicado por membros da Liga em estudantes brasileiros foi o teste coletivo de Ballard. Alves (1930, p. 45) coordenou a aplicação desse teste junto aos mesmos 2000 alunos e obteve o quociente médio de 75,2. A diferença entre o Q.I.

médio dos testes individual e coletivo foi atribuída ao grande volume de conteúdo escrito presente no teste coletivo de Ballard. O autor notou que os alunos possuíam dificuldades na interpretação de textos, relacionadas ao “método usual do ensino de leitura, pelo qual os meninos se habituam a cantar as frases, sem se assenhorearem do sentido” (ALVES, 1930, p. 47).

Em Recife, o Instituto de Orientação Profissional do Estado de Pernambuco aplicou o teste coletivo das 100 questões de Ballard em 3248 alunos de 42 escolas. O teste foi escolhido por ser considerado simples e econômico, poderia ser usado pelo professorado sem preparação especial e o único material necessário era meia folha de papel para cada criança. Pernambucano e Barreto (1930, p. 325-331) relatam que os resultados obtidos evidenciaram “perfeitamente a diferença do nível mental, segundo a idade e segundo as classes”, permitindo a classificação dos alunos em classes homogêneas na cidade a partir do ano seguinte.

O uso dos testes psicométricos seria útil para a organização de classes homogêneas nas escolas, ideia amplamente defendida pelos membros da Liga e abordada nos ABHM. Para Lopes (1929, p. 70):

A formação de classes homogêneas, do ponto de vista intelectual, é, no entanto, uma conclusão de há muito firmada pela pedagogia científica. Não é possível ministrar os mesmos conhecimentos, submeter ao mesmo plano de estudo, alunos de capacidade mental diversa. Ainda em se tratando de escola ativa, ver-se-á que os interesses de alunos de nível mental diferente não terão nem o mesmo objeto, nem o mesmo alcance.

Roxo (1925, p. 5) relacionava a divisão dos alunos à seleção profissional futura:

Demonstrando a psicologia experimental que uma dada criança tem uma capacidade de aprendizagem maior que outra, não é razoável que esta fique na mesma classe que aquela, reprisando a professora o ensino de coisas que uma já sabe perfeitamente, ou indo ainda diretamente a mais evoluída, deixando no ouvido a que fará esforços improfícuos para evoluir. O ensino deve ser ministrado de acordo com a evolução psíquica de cada um e as classes devem ser discriminadas de acordo com os ensinamentos dos psicólogos e não consoante o critério falível da idade. Da mesma forma há crianças que têm grande habilidade manual e podem ser muito proveitosas na vocação que evidenciam, ao passo que no manuseio obrigatório dos livros se enervam e nada produzem. A seleção para as profissões deve desde logo ser feita.

O autor defendia, ainda, que essa divisão das classes seria benéfica especialmente para as crianças.

A distribuição das classes por este feitiço lógico e científico não visa unicamente o melhor aproveitamento dos escolares e sim um meio de evitar que a criança se enerve, já no afã de ombrear com as mais evoluídas, já no receio das censuras ou castigos das professoras. Nessa ocasião é a excitação nervosa de cada dia que vai condicionar um estado de desequilíbrio nervoso, o qual pode mais tarde culminar no desenvolvimento de uma psicopatia (ROXO, 1925, p. 5).

Notamos, como fez Wanderbroock Júnior (2007), que os testes serviam para definir os papéis de cada indivíduo na sociedade e, por meio da seleção profissional, refletiam a divisão social do trabalho. Contudo, nem todos os especialistas o utilizavam de forma acrítica.

Helena Antipoff participou da padronização dos testes Binet-Simon e os utilizava juntamente ao Método de Experimentação Natural, desenvolvido pelo psicólogo e psiquiatra russo Alexandre Lazursky como uma alternativa ao uso dos testes padronizados, pois consistia na observação da criança em seu ambiente natural (RAFANTE; LOPES, 2013). Nesse caso, os dados quantitativos eram contrastados com a observação do indivíduo. Para Antipoff, os testes seriam eficientes para se conhecer o desenvolvimento mental, mas “se mostravam incompletos quando se tratava de estudar a personalidade das crianças”, pois eram realizados em condições artificiais e fracionavam a personalidade da criança (RAFANTE; LOPES, 2013, p. 340). Arthur Ramos, à frente do Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental, associou os problemas de adaptação da conduta humana ao meio social e cultural, e não apenas aos aspectos organicistas, e também combinou os testes junto a outras metodologias (RAFANTE, 2011, p. 90-91).

Já Radecki (1925, p. 14) afirmou que:

Os ‘testes’, numa tal aplicação, tem, porém, um defeito capital, segundo a nossa opinião: eles representam justamente uma receita pronta para agir, entregue pela psicologia às mãos dos leigos que, tanto na aplicação das investigações como na interpretação dos resultados, cometem muitos erros provenientes dos defeitos do mesmo método.

Para o polonês, os testes psicométricos não poderiam ser considerados como um critério absoluto na aplicação prática, pois poderiam conduzir a erros, visto que

certas funções podem mudar em um indivíduo, e devido ao fato de que eles apresentavam apenas resultados quantitativos. Os testes, para ele, deveriam ser antecipados pela observação da criança (RADECKI, 1925).

4.4 Educação Especial: a educação dos “anormais”

Segundo Rafante (2011, p. 64), nas primeiras décadas do século XX, foi a área médica que estabeleceu teorizações e ações direcionadas à Educação Especial. Neste período,

[...] apesar de não encontrarmos a educação do “excepcional” na pauta nacional de educação, ela esteve presente no cenário brasileiro, com atuações em diferentes estados, mesmo que de forma rudimentar, em algumas instituições médicas ou inserida em movimentos que não contemplavam diretamente os “excepcionais”, como os movimentos renovador e de higiene mental (RAFANTE, 2011, p. 93).

Para a autora, as medidas tomadas pelos movimentos higienista e escolanovista em relação à educação, como a aplicação dos testes e a divisão de classes homogêneas, lançou luz sobre indivíduos que não se encaixavam no padrão de normalidade estabelecido e que, nos ABHM, foram apelidados de “anormais”.

Partindo das questões relacionadas às diferenças individuais, no que tange à inteligência e aptidões, a escola atendia àqueles enquadrados num padrão médio, criando o problema da educação daqueles que se desviavam acima ou abaixo dessa média, tornando-se pauta a organização de uma educação especializada, para auxiliar aqueles abaixo da média a alcançar os potenciais daqueles ditos “normais”, evitando desajustamentos ainda maiores na fase adulta, comprometendo a sociedade e o futuro da nação; e, para aqueles situados acima da média, caberia uma atenção especial para aproveitar seus potenciais a fim de comporem, no futuro, o grupo dirigente que ocuparia as posições de comando do país (RAFANTE; LOPES, 2013; p. 336).

Dias e Caponi (2019) relatam que a identidade da pessoa com deficiência foi constituída pela falta da “normalidade” estabelecida pelo saber médico e relacionada a um perigo social devido a sua suposta invalidez, ausência de valores morais e possibilidade de propagação dos “desvios” pela hereditariedade.

Assim, a deficiência existe porque existe a “normalidade” e precisamente com esse sentido de funcionamento ideal, ótimo – como se não houvesse variações. Porém, contraditoriamente, a deficiência é atribuída a alguém justamente quando a “normalidade” escapa” (DIAS; CAPONI, 2019, p. 3937).

Ao analisar os textos dos Arquivos de Higiene Mental, as autoras são contundentes: “as pessoas com deficiência eram significadas sob o regime de inferioridade, de atraso à nação, de mal que deveria ser tratado/aniquilado. E, em alguma medida, ainda são” (DIAS; CAPONI, 2019, p. 3949).

Souza e Boarini (2008, p. 278) relataram a variedade de sinônimos de deficiência mental encontrados nos ABHM: “idiotia, fraqueza de espírito, imbecilidade, debilidade mental, déficit mental, retardamento, anormalidade, desvio, doença, etc.”. De fato, não havia, neste momento, uma definição clara de quem seriam os “anormais”, que se tornavam objeto de estudo da racionalidade médica. As autoras notaram, ainda, que os ABHM relacionavam a deficiência mental à criminalidade e à marginalidade. Para os adeptos da eugenia, essas deficiências eram hereditárias e causavam problemas básicos de saúde; os portadores de deficiências deveriam sofrer uma série de restrições, como o controle de sua reprodução (SOUZA; BOARINI, 2008, p. 284-285).

A Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais tentou caracterizar objetivamente quem era o “anormal”. Trechos do estatuto dessa instituição, “destinada a proteger a infância anormal e preservar a sociedade e a raça das influências nocivas da anormalidade mental” (ABHM, 1933b, p. 329), foram publicados nos ABHM em 1933, visto que sua fundadora, a psicóloga e pedagoga russa Helena Antipoff, foi membro da LBHM e escreveu diversos artigos relacionados à educação para o periódico da instituição. O documento, redigido em 1932, considera “anormal”:

[...] todo o ser que, por sua condição hereditária, ou acidentes mórbidos ocorridos na infância, não pode, por falta de inteligência, ou distúrbios de caráter, adaptar-se à vida social com os recursos comuns ministrados só pela família ou pela escola primária, suficientes para a maioria das crianças da mesma idade (ABHM, 1933b, p. 329).

O objetivo da Sociedade seria cumprido fornecendo a essas pessoas “meios para melhoramento de seu estado mental, moral e social, de sorte que, na idade adulta, pese ela o menos possível à sociedade” (ABHM, 1933b, p. 329-330). De maneira geral, isso era o que o movimento de higiene mental buscava ao:

[...] estabelecer locais específicos para transformar aqueles considerados física e psicologicamente desadaptados e promover a sua adaptação social, evitando a desordem e economizando recursos financeiros, garantindo o progresso do país e a constituição de uma nação digna de se inserir no movimento de modernização assistido pelos brasileiros em outros países (RAFANTE, 2011, p. 64).

Outros autores estabeleceram, no periódico que estudamos, categorias que dividiam as crianças tidas como anormais. Roxo (1939, p. 1), por exemplo, as dividiu em dois grupos: “aquelas que tiveram uma lesão grave no encéfalo e que se tornaram idiotas, paralíticas, etc., e aquelas que tendo tido uma lesão mais leve, se apresentam como desequilibradas, fronteiriças, excitáveis, etc”. A ação médica seria mais proveitosa no segundo grupo; ao primeiro grupo, o Estado deveria fornecer amparo financeiro, pois destas “nada se poderá conseguir” (ROXO, 1939, p. 1-2).

Já Cavalcanti (1943) apresentou três categorias de crianças “anormais”: as crianças aptas a serem educadas, as crianças difíceis de serem educadas e as crianças impossíveis de serem educadas. No primeiro grupo, foram alocadas as vítimas de subnutrição e de diversas doenças comuns no período, como sarampo, além de crianças que sofriam devido a “erros de técnica educacional na própria escola” ou por “vícios de educação no lar” (CAVALCANTI, 1943, p. 17). As crianças difíceis de serem educadas possuíam alguma doença congênita ou hereditária, eram “os débeis mentais, os esquizoides, os ciclotímicos, os mitomaníacos, os gliscróides, os paranoicos, os hiperemotivos e os psicastênicos”. Por fim, os “idiotas e os imbecis”, segundo o autor, raramente encontrados no meio escolar, seriam impossíveis de serem educados. A separação dos alunos nas classes especiais e o tratamento precoce foram considerados essenciais para alcançar uma possível cura (CAVALCANTI, 1943, p. 17). O ambiente escolar, nesse sentido, seria mais que um local de instrução para essas crianças.

Enquanto os autores previamente citados tentaram caracterizar e classificar os tido como “anormais”, Bittencourt (1941, p. 32-33) o fez em relação aos “normais”, relacionando a normalidade à adaptação social:

É são mentalmente o que melhor se adapta às circunstâncias perenemente modificadas do ambiente, o que mais eficazmente reage a essas mutações, conseguindo vencer momento a momento os conflitos e impasses da vida, que, além do aspecto meramente biológico, de nutrição e reprodução, apresenta, no homem, as formas complexas de problemas sociais e morais [...] Variações perceptíveis, associação exaltada ou diminuída, fenômenos isolados, crises

emocionais, polarização afetiva na euforia ou na ansiedade, alterações da linguagem, modificações do estado de consciência, situações de compulsão, conflitos psíquicos e repressões, resolução desses conflitos por catatimia, projeção, racionalização, devaneio ou substituição compensadora – nada possui um sentido absoluto de normalidade ou de anormalidade, tudo poderá ser fisiológico ou patológico, conforme a consequência final de ajustamento ou desajustamento social. As exaltações e extravagâncias de um gênio serão normais porque socialmente fecundas, a regularidade metódica de um esquizoide será mórbida porque socialmente improfícua.

Em 1941, Durval Marcondes, diretor da Seção de Higiene Mental Escolar de São Paulo, realizou uma conferência para os membros da LBHM. Nos ABHM, foi publicado um artigo que abordava o conteúdo dessa conferência, em que Marcondes relatou os serviços que realizava na capital paulista relativos à higiene mental dos escolares.

Quando a professora observa que determinado aluno não se aplica convenientemente aos estudos por motivos que fogem à simples alçada da pedagogia, comunica o fato diretamente ao referido Serviço, que desde então o toma aos seus cuidados, verificando se se trata de debilidade mental. Por meio de um corpo de visitadoras sociais são verificadas as condições do meio familiar em que vive o escolar, seus hábitos, seus antecedentes. Todos os exames clínicos e de laboratório são feitos desde logo, procurando-se corrigir ao mesmo tempo qualquer anomalia de ordem física ou orgânica (ABHM, 1941a, p. 88).

Por meio desses procedimentos, foi possível estabelecer classes especiais nas escolas públicas e, conseqüentemente, abaixar o índice de reprovações nas escolas de São Paulo. Por isso, para Marcondes, a questão dos repetentes estava ligada à higiene mental escolar: “Quase dois terços dos reprovados nas escolas o são por deficiência mental, quase sempre fácil de corrigir-se pelos meios adequados” (ABHM, 1941, p. 88). Observamos, portanto, que a questão dos alunos especiais estava relacionada, para Marcondes, à reprovação, algo que o preocupava, pois gerava prejuízo financeiro ao Estado (MENDONÇA, 2006, p. 63).

Tais categorizações e práticas foram realizadas sob uma suposta neutralidade científica que, para Silva (2016, p. 72), mascarava determinações construídas histórica e culturalmente.

Colocar em questão o aspecto *natural* da classificação obriga-nos a rever um certo cientificismo neutro que subjaz a essa concepção. Concepção esta que induz ao entendimento de que a deficiência é uma

característica que pertence ao indivíduo, é inerente a ele, de cunho orgânico, a-histórica, e não fruto de construções e expectativas sociais que se alteram no tempo e no espaço.

Essa concepção da neutralidade da ciência se manifestava também na concepção dos higienistas sobre a educação, entendida por muitos membros da LBHM como um fenômeno natural (WANDERBROOCK JÚNIOR, 2007, p. 126). Ao aluno “particularizado, compartimentado e isolado do processo histórico [...] cabia apenas adaptar-se” (WANDERBROOCK JÚNIOR, 2007, p. 131).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao investigar como a visão médico-pedagógica divulgada nos Arquivos Brasileiros de Higiene Mental (ABHM) se impôs aos principais agentes do processo educativo - a escola, os professores e a família-, pode-se confirmar nossa hipótese inicial: que a disseminação dos valores da higiene mental defendidos pela Liga Brasileira de Higiene Mental deveria começar desde a infância, de forma a “moldar” esses indivíduos para seu ajustamento social de acordo com o conceito de “normalidade” elaborado pela instituição.

Como afirma Costa (2007, p. 12-13):

(...) os psiquiatras da Liga acreditaram no mito da ciência psiquiátrica universal. Eles se concebiam habitantes do hermético reino das ciências, portanto impermeáveis às influências culturais. Por isso mesmo, esqueceram que eram indivíduos pertencentes a determinada classe social, com opiniões e valores próprios a determinado período histórico.

De acordo com a produção científica dos ABHM, cada indivíduo deveria ocupar um lugar específico na sociedade brasileira das décadas de 1920 a 1940, e esse lugar era estabelecido de acordo com suas “capacidades”, tidas como majoritariamente biológicas para grande parte dos autores que escreveram no periódico. Assim, a burguesia pertencente à LBHM buscava colocar os desfavorecidos economicamente, as mulheres e as pessoas portadoras de deficiências físicas ou intelectuais em seus “devidos lugares”, à margem da sociedade e desprovidos de direitos. As ciências em que eles se embasavam, como a Psicologia, a Psiquiatria e a Psicanálise, legitimavam seu discurso que se afirmava neutro, apolítico e comprometido com a verdade (STEPHANOU, 1997) de forma impecável. Todo discurso é ideológico e reflete os interesses de um grupo social que, no caso dos membros da Liga, ocupou cargos políticos e na administração pública, conforme mostrou-se em suas biografias nas notas de rodapé e ao longo do trabalho. Nesse sentido, o discurso elaborado pela LBHM possui implicações sociais, políticas e econômicas.

Os padrões de normalidade e higiene apresentados nos ABHM não eram totalmente definidos e existiam divergências entre os intelectuais em relação a suas causas, tratamentos e formas de prevenção, mas podemos afirmar que o conceito de normalidade que se apresentava culminava na associação das diferenças à

anormalidade. O conceito de anormalidade só existe se relativo a uma suposta normalidade e vice-versa (MOREIRA, 2003).

Assim, uma norma, ou uma regra, se propõe como um modo possível de eliminar uma diferença, é reguladora mediante qualquer possibilidade de infração. O sentido, o valor de uma norma nasce quando existe algo que não corresponde à exigência a que ela obedece (MOREIRA, 2003, p. 37).

Por meio da educação, tendo como agentes a escola, os professores e a família, a prevenção das “anormalidades” apresentadas ao longo do trabalho e o ajustamento dos indivíduos ao ideal de cidadão para a LBHM seria possível. A escola foi um *locus* fundamental de ação dessa medicina preventiva, que buscava cuidar da criança sadia e da criança doente (STEPHANOU, 2006).

Observar, medir, classificar, prevenir, corrigir. Em todas essas operações, a remissão a norma é uma constante. A pedagogia científica, as práticas que a constituíam e as que derivavam dela, caracterizavam-se, assim, por essa remissão constante a cânones de normalidade produzidos, pelo avesso, na leitura de sinais de anormalidade ou degenerescência que a ciência contemporânea colecionava em seu afã de justificar as desigualdades sociais e de explicar o progresso e o atraso dos povos pela existência de determinações inscritas na natureza dos homens (CARVALHO, 2006, p. 300).

Esses mecanismos de controle de indivíduos por meio da ação dos agentes educativos estavam imbricados na visão higienista e eugênica da LBHM veiculada em sua voz oficial, a revista ABHM. Por meio da análise da produção científica desse periódico, tais concepções assumiram uma materialidade que expôs a predominância de uma visão médico-educacional voltada para impor uma “normalidade”, que poderia possibilitar o progresso da sociedade e resolver problemas sociais que impediam a modernização do país. Contudo, concordamos com Hora (2019, p. 15): “Contestava-se a situação, mas não era admitido colocar o dedo na ferida: a estrutura social e econômica que permanecia inquestionável”.

Espera-se que as análises bibliométrica e de conteúdo aqui expostas, relativas a toda a estrutura da LBHM e da ABHM e o panorama que traçamos acerca da educação enquanto temática higienista possam contribuir para mais estudos semelhantes com novos enfoques, visto que as heranças desse pensamento perduram até os dias atuais: a categorização dos alunos de acordo com suas diferenças, muitas vezes selecionando os

“educáveis” e os “não educáveis”; a mensuração da inteligência por critérios quantitativos; a patologização das diferenças individuais e sociais e os discursos com regras de condutas consideradas morais, normais e saudáveis, estratégias de normatização e regulação de valores, sentimentos e modos de pensar e agir (SILVA JÚNIOR; ANDRADE, 2007, p. 423).

6 REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS (ABL). **Antônio Carneiro Leão**. 2021a. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/academicos/antonio-carneiro-leao/biografia>>. Acesso em: 25 nov. 2021.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS (ABL). **Fernando de Azevedo**. 2021b. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/academicos/fernando-de-azevedo/biografia>>. Acesso em: 25 nov. 2021.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS (ABL). **Roquette-Pinto**. 2021c. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm%3Fsid%3D198/biografia>>. Acesso em: 25 nov. 2021.

ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA (ANM). **Gustavo Kohler Ridel**. 2021a. Disponível em: <<https://www.anm.org.br/gustavo-kohler-riedel/>>. Acesso em: 30 out. 2021.

ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA (ANM). **Henrique de Brito Belfort Roxo**. 2021b. Disponível em: <<https://www.anm.org.br/henrique-de-brito-belford-roxo/>>. Acesso em 30 out. 2021.

ACCORSI, G. E. **Ernani Lopes**. Médicos que atuaram no Hospital Nacional dos Alienados. In: Biblioteca Virtual em História do Patrimônio Cultural da Saúde, 2018. Disponível em: <<http://hpcs.bvsalud.org/wp-content/uploads/2018/07/Lopes-Ernani.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2021.

ALMEIDA JUNIOR, A. **Cartilha de higiene**. 15. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.

ALVES, I. Testes mentaes, ensino pratico e verbalismo. **ABHM**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 44-48, 1930.

ANTIPOFF, H. A psychologia na Escola de Aperfeiçoamento de Bello Horizonte. **ABHM**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 7, p. 226-234, 1930.

ANTONINI, Isabel Gontijo. **WALTHER, Leon (1889-1963)**. In: Dicionário Biográfico da Psicologia no Brasil – Pioneiros. Disponível em: <<http://newpsi.bvs-psi.org.br/cgi-bin/wxis1660.exe/iah/>>. Acesso em: 25 nov. 2021.

ANTUNES, M. A. M. **A psicologia no Brasil: leitura histórica sobre sua constituição**. 5. ed. São Paulo: EDUC, 2014.

ARQUIVOS BRASILEIROS DE HIGIENE MENTAL (ABHM). A biblioteca. **ABHM**, Rio de Janeiro, v.5, n. 2, p. 125-134, out./dez. 1932a.

ARQUIVOS BRASILEIROS DE HIGIENE MENTAL (ABHM). A Campanha Pró-Higiene Mental. **ABHM**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 4, p. 336-342, out./ dez. 1933a.

ARQUIVOS BRASILEIROS DE HIGIENE MENTAL (ABHM). A clinica de Euphrenia. **ABHM**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 65-98, 1932b.

ARQUIVOS BRASILEIROS DE HIGIENE MENTAL (ABHM). A contribuição de Hygiene Mental no 2º Congresso Brasileiro de Hygiene. **ABHM**, v. 1, n. 1, p. 193-201, 1925a.

ARQUIVOS BRASILEIROS DE HIGIENE MENTAL (ABHM). A higiene mental dos escolares. **ABHM**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 87-88, 1941a.

ARQUIVOS BRASILEIROS DE HIGIENE MENTAL (ABHM). A lei alemã de esterilização dos doentes transmissores de taras. **ABHM**, Rio de Janeiro, v.7, n. 1, p. 54-57, jan./ mar. 1934a.

ARQUIVOS BRASILEIROS DE HIGIENE MENTAL (ABHM). A mais relevante de todas as obras médico-sociais em nosso país. **ABHM**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 63-72, 1934b.

ARQUIVOS BRASILEIROS DE HIGIENE MENTAL (ABHM). A primeira publicação da Sociedade Pestalozzi, de Minas Geraes. **ABHM**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 4, p. 329-330, 1933b.

ARQUIVOS BRASILEIROS DE HIGIENE MENTAL (ABHM). A semana anti-alcoolica de 1933 em Pernambuco e Sta. Catarina. **ABHM**, v. 7, n. 3, p. 236-239, 1934c.

ARQUIVOS BRASILEIROS DE HIGIENE MENTAL (ABHM). Assembleia geral ordinária. **ABHM**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 6, p. 217-222, jun. 1930a.

ARQUIVOS BRASILEIROS DE HIGIENE MENTAL (ABHM). Ata da sessão conjunta da Diretoria e do Conselho Executivo, realizada a 25 de agosto de 1942. **ABHM**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 94-95, jan. 1943a.

ARQUIVOS BRASILEIROS DE HIGIENE MENTAL (ABHM). Ata da Assembléia Geral Ordinária, da Liga Brasileira de Higiene Mental, realizada a 3 de setembro de 1946. **ABHM**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 111-115, 1947a.

ARQUIVOS BRASILEIROS DE HIGIENE MENTAL. **ABHM**. Ata da sessão conjunta da Diretoria e do Conselho Executivo, realizada a 28 de abril de 1942. **ABHM**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 91-92, jan. 1943b.

ARQUIVOS BRASILEIROS DE HIGIENE MENTAL (ABHM). Ata da sessão conjunta da Diretoria e do Conselho Executivo realizada em 12 de março de 1940. **ABHM**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 107-108, 1939/1940.

ARQUIVOS BRASILEIROS DE HIGIENE MENTAL (ABHM). Ata de fundação da Liga em 1923. **ABHM**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 91-95, jul. 1941b.

ARQUIVOS BRASILEIROS DE HIGIENE MENTAL (ABHM). Concurso de composições anti-alcoolicas promovido pela União Brasileira Pró-Temperança. **ABHM**,

Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 192, 1932c.

ARQUIVOS BRASILEIROS DE HIGIENE MENTAL (ABHM). Delegações da Liga no estrangeiro. **ABHM**, Rio de Janeiro, v. 2, n.1, p. 24, out. 1929a.

ARQUIVOS BRASILEIROS DE HIGIENE MENTAL (ABHM). Editorial: um apelo à mulher brasileira. **ABHM**, Rio de Janeiro, v.3, n. 6, p. 193-194, jun. 1930b.

ARQUIVOS BRASILEIROS DE HIGIENE MENTAL (ABHM). Em torno do exame pré-nupcial. **ABHM**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 122, abr./ jun. 1933c.

ARQUIVOS BRASILEIROS DE HIGIENE MENTAL (ABHM). Estatutos da Liga Brasileira de Higiene Mental. **ABHM**, Rio de Janeiro, v. 1, n.1, p. 223-234, 1925a.

ARQUIVOS BRASILEIROS DE HIGIENE MENTAL (ABHM). Estatutos da Liga Brasileira de Higiene Mental. **ABHM**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 39-47, out. 1929b.

ARQUIVOS BRASILEIROS DE HIGIENE MENTAL (ABHM). Higiene mental para todos (página de vulgarização). **ABHM**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 76, jan./mar. 1933d.

ARQUIVOS BRASILEIROS DE HIGIENE MENTAL (ABHM). Homenagens à memória de Gustavo Riedel. **ABHM**, Rio de Janeiro, v.7, n.2, p.130-143, abril/jun. 1934d.

ARQUIVOS BRASILEIROS DE HIGIENE MENTAL (ABHM). Nota aos leitores. **ABHM**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 3, jul. 1947b.

ARQUIVOS BRASILEIROS DE HIGIENE MENTAL (ABHM). Os Arquivos Brasileiros de Higiene Mental. **ABHM**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 1-2, 1929c.

ARQUIVOS BRASILEIROS DE HIGIENE MENTAL (ABHM). Os rumos da Medicina Social. A nobre campanha da “Liga Brasileira de Hygiene Mental”. Conferencia pronunciada pelo Prof. Raymundo Vianna na Sociedade de Medicina de Porto Alegre. **ABHM**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 172-181, 1925b.

ARQUIVOS BRASILEIROS DE HIGIENE MENTAL (ABHM). Os supranormais e a Psiquiatria. **ABHM**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 58-59, jan./mar. 1934e.

ARQUIVOS BRASILEIROS DE HIGIENE MENTAL (ABHM). Recepção do Sr. Prof. Ed. Claparède. **ABHM**, Rio de Janeiro, v.4, n.1, p. 86-88, jan./abr. 1931.

ARQUIVOS BRASILEIROS DE HIGIENE MENTAL (ABHM). Seção de Informações Bibliográficas. **ABHM**, Rio de Janeiro, v. 2, n.1, p. 18, 1929d.

ARQUIVOS BRASILEIROS DE HIGIENE MENTAL (ABHM). Trabalhos antialcoolismo. **ABHM**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 139-141, dez. 1929e.

ARQUIVOS BRASILEIROS DE HIGIENE MENTAL (ABHM). [s.t.] **ABHM**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p.1, 1925c.

ARQUIVOS BRASILEIROS DE HIGIENE MENTAL (ABHM). [s.t.] **ABHM**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, s. p., 1929f.

ARQUIVOS BRASILEIROS DE HIGIENE MENTAL (ABHM). [s.t.]. **ABHM**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, s.p., 1932d.

AUGRAS, M. **Henri Piéron (1881-1964)**. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/abpt/article/download/15084/13976>>. Acesso em: 25 nov. 2021.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BEERS, C. W. **Um espírito que se achou a si mesmo**. 5. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.

BENTES, J. A. O.; HAYASHI, M. C. P. I. Normalidade, diversidade e alteridade na história do Instituto Nacional de Surdos. **Revista Brasileira de Educação**, v. 21, p. 851-874, 2016.

BICUDO, V. L. Higiene mental das crianças em tempo de guerra. **ABHM**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 62-68, 1944.

BITTENCOURT, R. Psicologia do alcoolista. **ABHM**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 77-78, 1943.

BITTENCOURT, R. Psiquiatria infantil e saúde escolar. **ABHM**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 3-49, 1941.

BOARINI, M. L. Higienismo, eugenia e a naturalização do social. In: BOARINI, M. L. (orgs). **Higiene e raça como projetos: higienismo e eugenismo no Brasil**. Maringá: EdUEM, 2003.

BRAGA, E. A escola na cruzada anti-alcoolica. **ABHM**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 8, p. 271-276, ago. 1930.

BRAGA, E. Os elementos psycho-sociologicos nos programas de ensino. **ABHM**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 3-16, jan.-fev. 1931.

BRASIL. **Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil** (de 16 de julho de 1934). 1934. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao34.htm>. Acesso em: 10 de dez. 2021.

BRASIL. **Decreto nº 4778, de 27 de dezembro de 1923**. Diário Oficial da União, Brasília, sessão 1, pág. 32952, 1923. Disponível em <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1920-1929/decreto-4778-27-dezembro-1923-568642-publicacaooriginal-91995-pl.html>. Acesso em 1 de dez. 2021.

BRITANNICA. **Adolf Meyer**. 2021a. Disponível em:

<<https://www.britannica.com/biography/Adolf-Meyer>>. Acesso em: 17 nov. 2021.

BRITANNICA. **Alfred Binet**. 2021b. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Alfred-Binet>>. Acesso em: 17 nov. 2021.

BRITANNICA. **Francis Galton**. 2021c. Disponível em <<https://www.britannica.com/biography/Francis-Galton>>. Acesso em: 17 nov. 2021.

CALDAS, M. A Clínica de Eufrenia. **ABHM**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 65-98, abr./jun. 1933a.

CALDAS, M. A euphrenia – sciencia da bôa cerebração. **ABHM**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 29-40, 1932.

CALDAS, M. A higiene mental no Brasil. **ABHM**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 3, p. 69-77, mar. 1930.

CALDAS, M. Uma “receita” da Clínica de Eufrenia. **ABHM**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 95-102, abr./jun.1933b.

CÂMARA FILHO, L. A. **Juliano Moreira**: psiquiatra que superou o preconceito. Disponível em: <<https://hospitaldocoracao.com.br/novo/midias-e-artigos/artigos-nomes-da-medicina/quem-foi-juliano-moreira/>>. Acesso em: 25 nov. 2021.

CAMARGO, J. R. F.; HAYASHI, M. C. P. I. Coautoria e participação feminina em periódicos brasileiros da área de cirurgia: estudo bibliométrico. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 15, n. 1, p. 148-170, jan./abr. 2017.

CANAL CIÊNCIA. **Sigmund Freud**. Disponível em: <<https://canalciencia.ibict.br/ciencioteca2/personalidades/item/326-sigmund-freud>>. Acesso em: 25 nov. 2021.

CARDOSO, L. B. C.; AMORIM, R. M. A higiene mental nas escolas no início do século XX no Brasil. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (CONEDU), 1., 2014, Campina Grande. **Anais** [...]. Campina Grande: Realize, 2014.

CARRARO, M. Propostas de educação higienista presentes na produção científica dos Arquivos Brasileiros de Higiene Mental (ABHM). In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH-SP, 25., 2020. **Anais** [...]. 2020, p. 1-20.

CARRILHO, H. Considerações sobre profilaxia mental e delinquência. **ABHM**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 131-139, 1925.

CASTRO, M. A. de. A educação sanitária nas escolas. **ABHM**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 57-67, 1941.

CAVALCANTI, A. L. Crianças anormais. **ABHM**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 17-20, jan. 1943.

CARVALHO, M. M. C. de. Quando a história da educação é a história da disciplina e da higienização das pessoas. In: FREITAS, M. C. (Org.) **História social da infância no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2006.

CENTRO CULTURAL DO MINISTÉRIO DA SAÚDE (CCMS). **Influências: Emil Kraepelin** (1855-1926). 2021a. Disponível em: <<http://www.ccs.saude.gov.br/memoria%20da%20loucura/Mostra/kraepelin.html>>. Acesso em: 15 nov. 2021.

CENTRO CULTURAL DO MINISTÉRIO DA SAÚDE (CCMS). **Jean-Étienne Dominique Esquirol**. 2021b. Disponível em: <<http://www.ccms.saude.gov.br/hospicio/text/bio-esquirol.php>>. Acesso em: 15 nov. 2021

CENTRO CULTURAL DO MINISTÉRIO DA SAÚDE (CCMS). **Philippe Pinel**. 2021c. Disponível em: <<http://www.ccms.saude.gov.br/hospicio/text/bio-pinel.php>>. Acesso em: 15 nov. 2021

CHESNEY ARCHIVES. **Adolf Meyer Collection**. Disponível em: <<https://medicalarchives.jhmi.edu/collection/adolf-meyer-collection/>>. Acesso em: 2 dez. 2021.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). Durval Marcondes. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 24, n. 4, dez. 2004.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). Manoel Bonfim. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 25, n. 5, 2005.

COSTA, J. F. **História da Psiquiatria no Brasil: um corte ideológico**. 5 ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

CPDOC (FGV). **Mauricio de Medeiros**. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/biografias/Mauricio_de_Medeiros>. Acesso em: 25 nov. 2021.

CPDOC (FGV). **Raul Jobim Bittencourt**. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/raul-jobim-bittencourt>>. Acesso em: 14 jun. 2022.

CURY, C. R. J. **Educação e contradição: elementos metodológicos para uma teoria crítica do fenômeno educativo**. São Paulo: Cortez, 1983.

DIAS, V. F.; CAPONI, S. Os sentidos da deficiência pela Liga Brasileira de Higiene Mental. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 16, n. 3, p.3936-3952, 2019.

EDUCATIVA. Edgar Sússekind de Mendonça. **Educativa**, Goiânia, v. 20, n. 1, 2017a. Disponível em: <<http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/educativa/issue/view/278>>. Acesso em: 20 out. 2021.

EDUCATIVA. José Paranhos Fontenelle. **Educativa**, Goiânia, v. 20, n. 2, 2017b.

Disponível em: <<http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/educativa/issue/archive>>. Acesso em: 20 out. 2021.

ESPOSEL, F. Idéas geraes... **ABHM**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 101-108, 1925.

FARANI, A. Como evitar proles degeneradas. **ABHM**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 3, p. 169-179, jun./out. 1931.

FERRARI, M. Édouard Claparède, um pioneiro da psicologia infantil. **Nova Escola**. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/1827/edouard-claparde-um-pioneiro-da-psicologia-infantil>>. Acesso em 20 nov. 2021.

FERREIRA, E. P. **História de Júlio Pires Porto-Carrero**. Disponível em: <https://www.parentesco.com.br/index.php?apg=pessoa&idp=6717&ori=&c_palavra=&ver=por>. Acesso em: 25 nov. 2021.

FONTENELLE, J. P. Hygiene mental e educação. **ABHM**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 1-10, 1925.

FORATTINI, O. P. A língua franca da ciência. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 3-8, 1997.

FREITAS, M. C. de; BICCAS, M. de S. **História social da educação no Brasil (1926-1996)**. São Paulo: Cortez, 2009.

GALIFRET, Yves. Édouard Toulouse, um biocrate respectable. **Raison présente**, Paris, v. 145, p. 91-101, 2003.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GROGAN, D. **A prática do serviço de referência**. Brasília: Briquet de Lemos, 2001.

HABIB, P. A. B. B. Saneamento, Eugenia e Literatura: Os Caminhos Cruzados de Renato Kehl e Monteiro Lobato (1914-1926). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 24., 2007, São Leopoldo. **Anais [...]**. São Leopoldo: Unisinos, 2007, p. 1-8.

HAYASHI, M. C. P. I. Evidências bibliométricas do reconhecimento científico em resenhas e entrevistas: notas teóricas e modelo de análise. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 18, e20037, p. 1-31, 2020.

HAYASHI, M. C. P. I.; CABRERO, R.; COSTA, M. P.; HAYASHI, C. R. M. Indicadores de participação feminina em ciência e tecnologia. **Transinformação**, v. 19, n. 2, p. 169-187, mai./ago. 2007.

HISTÓRIA CIÊNCIAS SAÚDE – MANGUINHOS. **Pai da eugenia no Brasil ficou obscuro na história**. Disponível em: <http://www.revistahcsm.coc.fiocruz.br/pai-da-eugenia-no-brasil-ficou-obscuro-na-historia/>. Acesso em 20 nov. 2021.

HORA, D. M. **Medicalização, Escola Nova e modernização da nação: 1930-1945**. Disponível em: <<https://fdocumentos.tips/reader/full/escola-nova-558466f4aea90>>.

Acesso em: 10 de dez. 2021.

INSTITUTO POLITÉCNICO DE BRAGANÇA (IPB). **Educação**: pensadores ao longo da História. John Dewey. Disponível em: <https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/13582/1/JOHN%20DEWEY_DEP_CE_S.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2021.

JANUZZI, G. Algumas concepções de educação do deficiente. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 25, n. 3, p. 9-25, mai. 2004.

JOHN HOPKINS. BLOOMBERG SCHOOL OF PUBLIC HEALTH. **Heroes of Public Health: William Henry Welch, MD**. 2021. Disponível em: <<https://publichealth.jhu.edu/about/history/heroes-of-public-health/william-henry-welch-md>>. Acesso em: 25 nov. 2021

KEHL, R. As nevroses dos forçados à castidade. **ABHM**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 104-110, abr./jun. 1934.

KEHL, R. **Cartilha de higiene**: alfabeto da saúde. Rio de Janeiro: Francisco Alves, s.d.

KINOUCI, R. R. Tão perto, tão distante: William James e a psicologia contemporânea. **Scientiae Studia**, São Paulo, v. 7, n. 2, jun. 2009. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ss/a/4TSwLxgTxnrCd5GXw6hhhDv/?lang=pt>>. Acesso em: 10 dez. 2021.

L.B.H.M. Apelo à mulher brasileira. **ABHM**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 6, p. 193-194, jun. 1930.

LIGA DE HIGIENE MENTAL DE PERNAMBUCO. Programma da Semana Anti-alcoolica no meio escolar. **ABHM**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1-3, p. 27-37, 1935.

LIGUE FRANÇAISE DE PROPHYLAXIE ET D'HYGIENE MENTALE (LFSM). **Historique**. Disponível em: <<https://www.lfsm.org/presentation/historique/>>. Acesso em: 21 out. 2021.

LOPES, E. Ata da sessão do Conselho Executivo realizada em 14 de fevereiro de 1925. **ABHM**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 209-216, 1925a.

LOPES, E. LE GENDRE, PAUL - Hygiene intellectual e moral. Capítulo X (49 págs.) do livro *La Santé au Foyer*, de Marcel Labbé, Paris, 1924. **ABHM**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 184-190, 1925b.

LOPES, E. Os cursos, as conferencias, os congressos scientificos e a propaganda pela imprensa. **ABHM**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 116-122, 1932a.

LOPES, E. Relatório apresentado pelo Dr. Ernani Lopes na última sessão de Assembleia Geral Ordinária, em março de 1929. **ABHM**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 28-38, 1929.

LOPES, E. Seção de Informações bibliographicas. **ABHM**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p.

51-52, 1930a.

LOPES, E. Seção de Informações Neuropsiquiátricas. **ABHM**, Rio de Janeiro, v. 3, n.4, p. 140, abr. 1930b.

LOPES, E. Seção de Informações Neuropsiquiátricas. **ABHM**, Rio de Janeiro, v. 3, n.5, p. 181, maio 1930c.

LOPES, E. Seção de Informações Neuropsiquiátricas. **ABHM**, Rio de Janeiro, v. 3, n.7, p. 253, maio 1930d.

LOPES, E. Subsídio para a adaptação brasileira dos tests de Binet-Terman. **ABHM**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 17-52, 1931a.

LOPES, E. Subsídio para a adaptação brasileira dos tests de Binet-Terman (continuação). **ABHM**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 97-132, 1931b.

LOPES, E. Subsídio para a adaptação brasileira dos tests de Binet-Terman (continuação). **ABHM**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 3, p. 180-207, 1931c.

LOPES, E. Subsídio para a adaptação brasileira dos tests de Binet-Terman (continuação). **ABHM**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 39-70, 1932.

LOPES, E. TOULOUSE, G. GENIL-PERRIN e R. TARGOWLA: Prophylaxia mental (Capítulo XI do vol. XXXIII - Medicina Social - Tratado de Pathol. Med. e Therap. Applicada de Em. Sergent, L. Ribadeau-Dumas e L. Babonneix, Paris, 1925. **ABHM**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 167-181, 1925.

LOPES, M. B. L. Sugestões para o emprego dos tests. **ABHM**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 68-77, 1929.

LUCENA, F. **A história da Cinelândia e o charme da Cidade Maravilhosa**. 2015. Disponível em: <<https://diariodorio.com/cinelandia-e-o-charme-da-cidade-maravilhosa/>>. Acesso em: 15 nov. 2021

MACHADO, R. et al. **Danação da norma: a medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978.

MANIFESTO DOS PIONEIROS DA EDUCAÇÃO NOVA (1932). **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. especial, p. 188-204, ago. 2006.

MARTINS, M. S. C. **A parceria família-escola: uma proposta dos higienistas**. 2010. Dissertação (Mestrado em Fundamentos da Educação), Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2005.

MARTINS, Y. Eurico de Figueiredo Sampaio. Médicos que atuaram no Hospital Nacional de Alienados (blog). In: **Biblioteca Virtual em História do Patrimônio Cultural da Saúde**, 2018. Disponível em: <<http://hpcs.bvsalud.org/vhl/temas/historia-saberes-psi/medicos/>>. Acesso em: 15 nov. 2021.

MASIERO, A. L. KEHL, Renato Ferraz (1889-1974). **Dicionário Biográfico da Psicologia no Brasil** – Pioneiros. Disponível em: <<http://newpsi.bvs-psi.org.br/cgi-bin/wxis1660.exe/iah/>>. Acesso em: 15 nov. 2021.

MATHIAS, C. M. Henrique Roxo (1877-1969). In: VIANNA, C.; ENGEL, C. G. (Orgs.). **Trajetórias e sociabilidades intelectuais no Rio de Janeiro (Séculos XIX e XX)**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2017.

MATOS et al. **História: Lewis Terman**. In: MATOS et al. *Psicologia da Educação*. Porto: FADEUP, 2022. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/psicologiadadaeducacaofadeup/historia/louis-terman>>. Acesso em 29 de jun. 2022.

MENDES, E. G. Breve histórico da educação especial no Brasil. **Revista Educación y Pedagogía**, Medellín, v. 22, n. 57, p. 93-109, mai.-ago. 2010.

MENDONÇA, D. **A higiene mental do escolar: o ardil da ordem**. 2006. Dissertação (Mestrado em Fundamentos da Educação), Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2006.

MERCADANTE, J. **A Psicanálise entre a Higiene Mental e a Escola Nova na obra de Arthur Ramos: contribuições à História da Educação no Brasil**. 2015a. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar), Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2015.

MERCADANTE, J. O discurso médico-higienista no contexto educacional brasileiro do século XX: Arthur Ramos, Escola Nova e higiene mental. **Intellèctus**, Rio de Janeiro, ano XIV, n. 2, p. 288-303, 2015b. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intellectus/article/view/20992>>. Acesso em: 9 dez. 2021.

MONARCHA, C. Psicoclínicas e cuidados da infância. **Boletim Academia Paulista de Psicologia**, São Paulo, v. 77, n. 2, p. 274-284, 2009.

MOREIRA, L. A. **A produção social da anormalidade: um estudo sobre a Liga Brasileira de Higiene Mental na década de 1920**. Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

NETTO, J. P. **Introdução ao estudo do método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

NUNES, C. Historiografia comparada da Escola Nova: algumas questões. **Revista da Faculdade de Educação**, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 105-125, jan./jun. 1998.

OLINTO, P. Sentimento de inferioridade em higiene mental. **ABHM**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 120-123, 1934.

OLIVEIRA, C. Eugenizar a alma: a constituição da *euphrenia* no projeto de higiene mental voltado à infância da Liga Brasileira de Hygiene Mental. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 14, n. 4, p. 627-641, dez. 2011.

PARRY, M. From a patient's perspective: Clifford Whittingham Beers' work to reform mental health services. **The American Journal of Public Health**, v. 100, n. 12, p. 2356- 2357, dec. 2010.

PASQUALI, L. Psicometria. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 43, n.esp. p.992-999, 2009.

PENAFIEL, C. O elemento psíquico no trabalho humano: a Liga de Higiene Mental e os novos horizontes da higiene pública. **ABHM**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 11-26, 1925.

PERNAMBUCANO, U. A psychologia em Pernambuco. **ABHM**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 3, p. 85-90, 1930.

PERNAMBUCANO, U.; BARRETO, A. P. Ensaio de aplicação do test das 100 questões de Ballard (trabalho do Instituto de Orientação Profissional do Estado de Pernambuco). **ABHM**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 9, p. 313-345, 1930.

PICCININI, W. J. A psiquiatria brasileira na Segunda Guerra Mundial. **Psychiatry online Brasil**. 2019. Disponível em: <<https://www.polbr.med.br/2019/01/01/a-psiquiatria-brasileira-na-segunda-guerra-mundial/>>. Acesso em: 10 dez. 2021.

PICCININI, W. J. História da Psiquiatria: mulheres na medicina e na psiquiatria brasileira (primeira parte). **Psychiatry online Brasil**, v.7, n. 11, nov. 2002. Disponível em: <<http://www.polbr.med.br/ano02/wal1102.php>>. Acesso em: 10 dez. 2021.

PINHEIRO, N. V. L.; VALENTE, W. R. Medeiros e Albuquerque, Paulo Maranhão e Isafas Alves: a aritmética científica na escola primeira. **Revista REAMEC**, Cuiabá, v. 2, p. 93-114, 2014.

PORTO-CARRERO, J. Educação sexual. **ABHM**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 120-133, 1925.

PORTO-CARRERO, J. Entrevista do Prof. Júlio Porto-Carrero ao "O Globo" em 10-11-1932. **ABHM**, Rio de Janeiro, v. 5, n.2, p. 91-93, out./dez. 1932.

RADECKI, W. Higiene mental da criança. Baseada sobre as leis da Psychologia. **ABHM**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 11-90, 1925.

RAFANTE, H. C. **Helena Antipoff, as Sociedades Pestalozzi e a educação especial no Brasil**. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2011.

RAFANTE, H. C.; LOPES, R. E. Helena Antipoff e o desenvolvimento da Educação Especial no Brasil (1929-1961). **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. 53, p. 331-356, out. 2013.

RAMOS, A. A technica da psychanalyse infantil. **ABHM**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 3, p. 195-2005, 1933.

REIS, J. R. F. Degenerando em barbárie: A hora e a vez do eugenismo radical. In: BOARINI, M. L. (org.). **Higiene e raça como projetos**: higienismo e eugenismo no Brasil. Maringá: EdUEM, 2003.

REIS, J. R. F. “De pequenino é que se torce o pepino”: a infância nos programas eugênicos da Liga Brasileira de Higiene Mental. **História Ciência Saúde-Manguinhos** v. 7, n. 1, jun. 2000. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/hcsm/a/Z76pr6qNqLGf3nFN54GQnKQ/?lang=pt>>. Acesso em 14 jun. 2022.

RIBEIRO, P. R. M. A Criança brasileira nas primeiras décadas do século XX: a ação da higiene mental na psiquiatria, na psicologia e na educação. In: BOARINI, M. L. (Org.). **Higiene e raça como projetos**: higienismo e eugenismo no Brasil. Maringá: EdUEM, 2003.

ROXO, H. Higiene mental. **ABHM**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 1-9, 1925.

ROXO, H. Impressões do Congresso de Psicologia de New Haven. **ABHM**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 134-138, dez. 1929.

ROXO, H. Problemas de Higiene Mental. **ABHM**, Rio de Janeiro, 1939, v. 12, n. 1, p. 1-4, jan./jun. 1939.

ROXO, H. Relatório apresentado pelo prof. Dr. Henrique Roxo, presidente da Liga Brasileira de Higiene Mental, das principais ocorrências de sua gestão, durante o ano de 1943. **ABHM**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 113-116, nov. 1944.

ROXO, H. Relatório da Diretoria da Liga. **ABHM**, Rio de Janeiro, v. 16/17, n. 1, p. 8-13, 1945-1946.

SAVIANI, D. **História das Ideias Pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2010.

SECRETARIA ESTADUAL DA SAÚDE (SES) DO GOVERNO DO ESTADO DE PERNAMBUCO. **Hospital Psiquiátrico Ulysses Pernambucano**. Disponível em <<http://portal.saude.pe.gov.br/unidades-de-saude-e-servicos/secretaria-executiva-de-atencao-saude/hospital-psiquiatrico-ulysses>>. Acesso em: 28 de jun. 2022.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE CARDIOLOGIA (SBC). **Separatas**. <<https://slidetodoc.com/separatas-conceito-a-reimpresso-de-qualquer-artigo-publicado/>>. Acesso em novembro de 2021.

SCHWARCZ, L. M. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930). São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, K. C. B. da. O discurso médico-psicológico na configuração do campo da Educação Especial. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 10, n. 1, p. 69-87, 2016.

SILVA, L. C. A contribuição da higiene mental para o desenvolvimento da Psicologia no Brasil. In: BOARINI, M. L. (orgs). **Higiene e raça como projetos**: higienismo e

eugenismo no Brasil. Maringá: EdUEM, 2003.

SILVA, M. R.; HAYASHI, C. R. M.; HAYASHI, M. C. P. I. Análise bibliométrica e cientométrica: desafios para especialistas que atuam no campo. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, Ribeirão Preto, v. 2, n. 1, p. 110-129, jan./jun. 2011.

SILVA JÚNIOR, N. G. de S. e; ANDRADE, A. N. de. “É melhor pra você!”: normatização social da infância e da família no Brasil. *Revista do Departamento de Psicologia – UFF, Niterói*, v. 19, n. 2, p. 423-438, jul.-dez. 2007.

SOUZA, M. L.; BOARINI, M. L. A deficiência mental na concepção da Liga Brasileira de Higiene Mental. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 14, n. 2, p. 273-292, mai./ago. 2008.

SPINAK, E. **O contra-ataque dos gigantes: Elsevier saiu à caça dos autores**. SciELO em Perspectiva (blog). 26 fev. 2014. Disponível em: <https://blog.scielo.org/blog/2014/02/06/o-contra-ataque-dos-gigantes-elsevier-saiu-a-caca-de-autores/#.YYhxj7pv_IU>. Acesso em: 15 nov. 2021.

STEPHANOU, M. Discursos médicos, educação e ciência: escola e escolares sob exame. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 33-64, 2006.

STEPHANOU, Maria. Práticas educativas da medicina social: os médicos se fazem educadores. **História da Educação**, Pelotas, v. 1, n. 2, p. 145-168, jul./dez. 1997.

TAMANO, L. T. O. “Manter normal a criança normal e ajustar a desajustada”: **Arthur Ramos e o Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental, 1934-1939**. 2018. 351f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo: São Paulo, 2018.

VIDAL, D. G. 80 anos do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova: questões para debate. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 39, n. 3, p. 577-588, jul./set. 2013.

WANDERBROOCK JUNIOR, D. **A educação sob medida: os testes psicológicos e o higienismo**. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Estadual de Maringá. Maringá. 2007.

WANDERBROOCK JUNIOR, D.; BOARINI, M. L. Educação higienista, contenção social: a estratégia da Liga Brasileira de Higiene Mental na criação de uma educação sob medida (1914-45). In: **JORNADA DO HISTEDBR**, 7., 2007, Campo Grande. Disponível em <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada7/_GT1%20PDF/EDUCA%C7%C3O%20HIGIENISTA%20GT1.pdf>. Acesso em 9 out. 2021.

WIKTIONARY. **Ineditorial**. 2021. Disponível em: <<https://pt.wiktionary.org/wiki/ineditorial>>. Acesso em: 20 nov. 2021.

XIMENES, L. Profilaxia da delinquência infantil. **ABHM**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 36-51, 1943.